

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS –CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA
PROF-FILO MESTRADO PROFISSIONAL
JOEZILTON SILVA SODRÉ

**AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA
FILOSÓFICA**

SÃO LUÍS-MA

2021

JOEZILTON SILVA SODRÉ

**AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA
FILOSÓFICA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Filosofia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA-, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Rodrigo Bianchini

SÃO LUÍS-MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Sodré, Jozilton.

AS TDICs COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA
FILOSÓFICA / Jozilton Silva Sodré, Prof. Dr. Ângelo
Rodrigo Bianchini. - 2021.

165 f.

Orientador(a): Jozilton Silva Sodré.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Rede - Mestrado Profissional em Filosofia/cch,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Consciência Filosófica. 2. Educação. 3. Homem. 4.
Sociedade. 5. TDICs. I. Rodrigo Bianchini, Prof. Dr.
Ângelo. II. Silva Sodré, Jozilton. III. Título.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data ____/____/____

JOEZILTON SILVA SODRÉ

AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA

APROVADO EM____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angelo Rodrigo Bianchini
(ORIENTADOR – UFMA)

Prof. Dr. Acildo Leite da Silva
(Examinador interno - UFMA)

Prof. Dr^a. Fernanda Motta de Paula Resende.
(Examinadora Externa - UNESP)

SÃO LUÍS-MA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Euzerina Silva Sodré e Benedito Marquês Sodré, espelho de minha formação moral e humana.

A minha esposa, Leidiane Araújo Sodré, por partilhar os últimos oito anos de minha existência, pelo companheirismo e por me incentivar a buscar constantemente meus objetivos e além de gerador meus os filhos.

Agradeço a meus filhotes, Pedro Leonardo Araújo Sodré e Hannah Arendt Araújo Sodré, razão de minha existência atual.

Aos meus irmãos José Benedito Marquês Sodré, Jocinaldo Silva Sodré e Jocenilton Silva Sodré, pelo companheirismo e incentivo.

A meu orientador, prof. Dr. Rodrigo Angelo Bianchini, por seu valioso acompanhamento nesta pesquisa.

A José Carlos Ribeiro Martins, por seus valiosos incentivos.

Aos companheiros de caminhada do Profi-Filo, em meio a labuta diária de ser professor foi possível reconhecer em cada um a ousadia do ser filósofo.

Aos professores do Prof-Filo, por seus empenhos e contribuições para o desenvolvimento intelectual e acadêmico.

Ao Prof. Dr. Acildo Leite da Silva e ao Prof. Dr^a. Fernanda Motta de Paula Resende parte da banca de defesa da dissertação e pela disposição em contribuir com suas valorosas observações.

[...] mesmo os grupos e as massas – conforme sua situação de classe – diretamente interessados no sucesso da revolução só se livram internamente da antiga ordem durante (e muito frequentemente depois) da revolução. Eles precisam descobrir com os próprios olhos qual sociedade está de acordo com seus interesses, para conseguir se libertar internamente da velha ordem das coisas. (LUKÁCS, 2003, p. 453)

SODRÉ, Jozilton Silva. **AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA** [Dissertação]. São Luís: PROF-FILO, Universidade Federal do Maranhão; 2021.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo geral analisar se os espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC's, podem contribuir para a formação da consciência filosófica. Para tanto, como primeiro objetivo específico iremos demonstrar o humano, a sociedade e a educação como fundamento de um ensino de filosofia. O segundo objetivo será explicar as TDIC's como meios de produção e a formação da consciência filosófica. O terceiro e último, demonstrar se os professores de filosofia, percebem elementos que o uso das TDIC's, no ensino de filosofia, contribui para a produção e desenvolvimento da consciência filosófica. A abordagem metodológica será na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Para tanto, o materialismo histórico dialético, que tem como seu principal representante Karl Marx. Por isso, as análises dar-se-ão ancoradas nas obras A Ideologia Alemã de Marx e Engels (2007), Manuscritos econômicos-filosóficos de Marx (1974), Para uma Ontologia do Ser Social II de Lukács (2013), O Homem Unidimensional de Herbert Marcuse (2015), além de outras obras como o Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels (2007), História e Consciência de Classe de Lukács (2003). O método de investigação adotado é o Estudo de Caso, que visa compreender fenômenos sociais complexos, preservando as características holísticas e significativas dos eventos do objeto pesquisado, além de buscar evidências qualitativas e quantitativas. Os resultados revelaram que o desenvolvimento e a produção da consciência filosófica, depende da causa que determina o pôr teleológico, sendo que é a consciência quem põe o pôr teleológico. No contexto do uso das TDIC's no ensino de filosofia, a consciência filosófica só é produzida e desenvolvida, se os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC's possibilitarem com que o professor, que é consciente de sua classe social, que conhece a causa que determinou o pôr teleológico e que é ciente dos interesses de sua classe social, desenvolva uma prática com o uso das TDIC's, capaz de promover acúmulo quantitativo de conhecimentos, que em algum momento, permitirá um salto qualitativamente diferente em direção a consciência filosófica. No entanto, o ensino de filosofia só desenvolve a consciência filosofia, com o uso das TDIC's se o ensino de filosofia for ideologicamente claro. Fato que permite criar uma racionalidade criativa, que expanda o diálogo para além dos interesses do capital, promovendo a aquisição de novos conhecimentos e, sobretudo, que o pensamento seja desenvolvido para que seja capaz de captar toda a realidade.

Palavras-chave: Homem; Sociedade; Educação; Consciência Filosófica; TDIC's.

SODRÉ, Jozilton Silva. **TDIC's AS MEANS OF PRODUCTION AND PHILOSOPHICAL CONSCIOUSNESS** [Dissertation]. São Luís: PROF-FILO, Federal University of Maranhão; 2021.

ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze whether the spaces of dialogues and potential promoted by TDIC's can contribute to the formation of philosophical awareness. Therefore, as the first specific objective, we will demonstrate the human, society and education as the foundation of a philosophy teaching. The second objective will be to explain TDIC's as a means of production and the formation of philosophical awareness. The third and last, demonstrate whether philosophy teachers perceive elements that the use of TDIC's, in the teaching of philosophy, contributes to the production and development of philosophical awareness. The methodological approach will be in the perspective of historical-dialectical materialism. For this, dialectical historical materialism, whose main representative is Karl Marx. Therefore, the analyzes will be anchored in the works *The German Ideology* of Marx and Engels (2007), *Economic-philosophical manuscripts of Marx* (1974), *Towards an Ontology of the Social Being II* by Lukács (2013), *The One-Dimensional Man* by Herbert Marcuse (2015), as well as other works such as the *Communist Party Manifesto* of Marx and Engels (2007), *History and Class Consciousness* by Lukács (2003). The research method adopted is the Case Study, which aims to understand complex social phenomena, preserving the holistic and significant characteristics of the events of the researched object, in addition to seeking qualitative and quantitative evidence. The results revealed that the development and production of philosophical consciousness, depends on the cause that determines the teleological setting, and it is the conscience who puts the teleological setting. In the context of the use of TDIC's in the teaching of philosophy, philosophical awareness is only produced and developed, if the spaces of dialog and the potentialities promoted by TDIC's enable the teacher, who is aware of his social class, who knows the cause that determined the teleological setting and is aware of the interests of his social class, develop a practice with the use of TDIC's, capable of promoting quantitative accumulation of knowledge, which at some point, will allow a qualitatively different leap towards philosophical consciousness. However, the teaching of philosophy only develops philosophy awareness, with the use of TDIC's if the teaching of philosophy is ideologically clear. Fact that allows to create a creative rationality, that expands the dialogue beyond the interests of the capital, promoting the acquisition of new knowledge and, above all, that the thought is developed so that it is able to capture the whole reality.

Key-words: Man; Society; Education; Philosophical Consciousness; TDIC's.

Lista de SIGLAS

FIESP – Federação das Indústrias de São Paulo

IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística.

IESMA – Instituto de Estudo Superiores do Maranhão

MA – Maranhão

TDIC – Tecnologia Digitais da Informação e Comunicação.

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação.

UFMA – Universidade Federal do Maranhão.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: TDICs usada em sala de aula pelos participantes da pesquisa---- -----84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: TDIC e a consciência filosófica.	85
Tabela 2: o objetivo do ensino de filosofia.	87
Tabela 3: consciência filosófica e as TDIC's.	90
Tabela 4: pontos positivos que as TDIC's possuem.	94
Tabela 5: pontos negativos do uso das TDIC's.	99

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O HUMANO, A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO: pressupostos para o ensino de filosofia	20
2.1 O Homem: o criador de si mesmo.	20
2.2 Sociedade: entre a necessidade e a liberdade.....	28
2.3 Educação: apontamentos para a emancipação humana.	38
3. AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.	46
3. 1 Os meios de produção.	46
3.1 A Consciência e a Consciência filosófica.	53
4. AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.	65
4.1 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: desenvolvimento da consciência filosófica ou adequação a lógica produtiva capitalista?	65
4.1.1 Os Espaços de diálogos e as potencialidades promovidos pelas TDIC's: abertas e mediadoras de conhecimentos.....	70
4.1.2 As TDIC's como produtoras de conhecimentos.	73
4.2 Metodologia aplicada da pesquisa.....	76
4.2.1 Metodologia.	76
4.2.2 Caracterização do campo de pesquisa	78
4.2.3 Perfil dos participantes da pesquisa	82
4.2.4 Análise dos espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC's e a consciência filosófica.	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS	109
ANEXO A: Questionário - Professor 1.....	109
ANEXO B: Questionário – Professor 2	118

ANEXO C: questionário – Professor 3	127
ANEXOS D: questionário – professor 4	136
ANEXOS E: questionário – professor 5.	145
ANEXOS F: questionário – professor 6.....	154

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia, embora sendo uma parte integrante da vida humana desde os primórdios, possibilitando com que a vida humana fosse mais cômoda, as análises filosóficas sobre ela, são algo recente. Só por volta da metade do século XX, segundo Cupani (2013), que produções filosóficas se intensificaram. A partir desse período, preocupações sobre o ser, o saber, os valores e as implicações políticas das tecnologias sobre a vida humana e sobre a totalidade do mundo natural, passam a ser problemas genuinamente filosóficos. Por outro lado, ainda são poucas, pesquisas no ramo da filosofia que analisam impactos das tecnologias na educação.

A tecnologia é um universo. Alberto Cupani (2013), em seu livro *Filosofia da Tecnologia*, demonstra como é problemático um conceito de filosófico de tecnologia. Principalmente, segundo ele, porque a tecnologia se apresenta em diferentes dimensões. Inicialmente, para ele, a tecnologia se apresenta como *objetos*. De acordo com Cupani (2013, apud MICHAM, 1994) os objetos tecnológicos são objetos produzidos pelo homem como artefatos, cuja função depende de uma certa materialidade ou finalidade como tal. Como exemplos de artefatos tecnológicos, poderíamos citar o machado, martelo, ferro de passar roupa, pontes, painéis, carros etc. É ampla essa dimensão.

Uma segunda dimensão, segundo Cupani (2013), é a categoria de *conhecimento*. Para ele, a um consenso entre os autores, de que o conhecimento tecnológico não se reduz ao conhecimento científico. Um exemplo, na confecção do machado, o ferreiro não precisa possuir conhecimentos teóricos ou domina um método de investigação científico, para produzir o artefato machado. Ele possui o conhecimento vivido, fruto de sua experiência empírica e dos ensinamentos que recebeu de seu pai ou de outrem. Mas um eletricista, na sua atividade de eletricista, põe em movimento conhecimentos científicos, assim como o inventor da lâmpada elétrica, no momento que inventa a lâmpada, movimenta um conjunto de conhecimentos científicos. Há uma diferença significativa no movimento do conhecimento científico posto pelo eletricista em relação ao inventor da lâmpada eletrifica. O fazer de cada um se diferencia, sobretudo, pelo saber fazer e por ser capaz de dar uma explicação racional a sua atividade¹.

Nesse caso, o conhecimento tecnológico pode ser aquele da tradição epistemológica que se remete a Platão, que diz que o conhecimento é uma crença verdadeira e justificada. Mas

¹ Essa diferença reside na diferença que os gregos fazem dos termos *poiesis* e *techné*.

vejamos, uma crença pode está fundamentada em um fato inexistente e, isso, é um problema². Assim, essa dimensão é sobretudo herdeira da tradição do conhecimento vívido que junta-se com alguns aspectos do conhecimento científico.

Uma terceira dimensão, para Cupani, é aquela que trata a tecnologia como uma forma específica da *atividade* humana. O conhecimento e a volição humana se unem em existência de artefatos ou para usá-los.

Mitchma relaciona como “tipos básicos de atividade tecnológica: adquirir uma habilidade (crafting), inventar, projetar (designing), manufaturar, trabalhar, operar e manter. Nosso autor admite que se trate de atividade que se sobrepõem, e que podem ser classificadas como mais vinculadas à produção (adquirir habilidades, inventar, projetar) ou ao uso (as restantes), sendo que as primeiras representam ações e as últimas, geralmente processos. Dentro do fazer característico de toda tecnologia, podemos ainda distinguir, comenta Mitcham, entre cultivar e construir. No primeiro caso, ação humana, auxilia a Natureza (como na agricultura tradicional). No segundo, o propósito humano dá aos materiais e processos naturais formas e propósitos que lhes não teriam tido por si mesmos. Já se tornou um lugar comum assinalar o predomínio do cultivo na tecnologia tradicional, e da construção na tecnologia moderna. (CUPANI, 2013, p.19).

No caso desta pesquisa, esta última dimensão da tecnologia, serve como ponto de partida para nossas análises. É ponto de partida porque as TDIC's, são tomadas aqui como meios de produção da existência humana. Todavia, é necessário esclarecer algumas questões. A primeira delas, é a ausência de um conceito de tecnologia digital da informação e comunicação, que possa orientar nossa análise. Essa questão é problemática, no sentido de ser indispensável a qualquer análise filosófica, sempre conceituar o que é o seu objeto de reflexões e análises. Não que o conceito seja dado *a priori*, como algo que existe independente do produzir humano.

A segunda questão é que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação são um complexo (em termos lukacsiano) humano, que surgem com o desenvolvimento da sociedade e com a divisão social do trabalho. Nesse sentido, um conceito de TDIC, só pode ser compreendido, com a compreensão da totalidade social de que ela faz parte. Esse complexo, são meios de produção, o homem as usa como instrumentos que articula causa e pôr teleológico.

As TDIC's, existem no interior de relações sociais objetivas, presentes nas sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento. Elas já existiam, enquanto potencialidades, antes mesmo de serem objetivadas. Foram construídas, para satisfazer necessidades presentes nessas sociedades. Naturalmente, nada existe fora de relações causais, tudo está atrelado a totalidade

² Não iremos nos adentrar a essa questão lógica. Mas em termos gerais, trata-se da noção de conhecimento, tradicionalmente planctônica aceita na filosofia, em que o conhecimento verdadeiro resulta de uma crença verdadeira e justificada. Em 1963, porém, o filósofo Edmund Gettier, publicou um artigo intitulado “É A CRENÇA VERDADEIRA JUSTIFICADA CONHECIMENTO?”, refutando essa concepção. Nele, Gettier demonstra que há casos que acreditamos justificadamente em uma proposição sem que tenhamos conhecimento dela. Esse problema ficou conhecido como problema de Gettier.

do ser social. Nesse sentido, TDIC's foram idealizadas visando uma finalidade (pôr teleológico).

“As finalidades são, sempre, socialmente construídas” (LESSA, 2007, p.48). Significa afirmar, que uma finalidade só existe porque há uma necessidade. Para que a necessidade seja satisfeita, é necessário a seleção ou construção de meios de produção adequados a realização de tal necessidade. Por essa simples razão, é a finalidade que determina qual ou quais meios de produção são adequados a realização da necessidade. Com isso, as TDIC's, são meios necessários para a produção e desenvolvimento da existência social. Pelo fato de que os homens constroem sua existência, pelo trabalho, usando de meios de produção, na medida que satisfazem suas necessidades.

É importante assevera que as TDIC's são, também, complexos abertos, isso significa afirma, que não são apenas meios de mediação, no sentido de articular uma coisa a outra ou a passagem de um lugar para outro, mas complexos do ser social que estão em constante mudanças, por isso, abertos a nossos fins, não só daquela necessidade que possibilitara a sua construção ou seleção.

As TDIC's, serão analisadas, como meios de produção para o desenvolvimento da consciência filosófica. Esse tipo de consciência, é a consciência de classe dos trabalhadores da tradição marxista. Ou seja, trata-se da consciência que é capaz de perceber seu ato criativo, que ver o mundo, como uma construção sua. É uma consciência que consegue explicar a atividade real em que se relacionam sujeito e objeto.

É uma consciência que sabe de seu papel na história. Sua atividade é aquela que permite ao homem emancipar-se enquanto ser humano. Para que isso aconteça, a consciência filosófica tem que ser capaz de perceber os poderes que buscam dominar o homem. Ela surge a partir de condições históricas determinadas, pela forma como os homens produzem sua existência. Essas condições, além de determinar sua manifestação, são uma espécie de passagem para condições históricas de produção da existência, que realmente permita a consciência filosófica desenvolver toda sua atividade plenamente.

Para tanto, a consciência filosófica será analisada, como fruto do desenvolvimento da consciência. Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, a consciência, é o elemento “natural” – porque surge naturalmente, com o desenvolvimento do ser biológico para o ser social – que permite ao homem, distinguir-se, em um primeiro momento, dos demais animais.

É a consciência que possibilita ao homem, mediante o trabalho, produzir sua existência. Pois o homem, impulsionado por sua consciência, deixa de seguir sua determinação biológica

propriamente dita. Ele passar a ser capaz de criar seu próprio destino. Ser senhor de si mesmo. É a consciência que põe o pôr teleológico. É ela, que planeja o ato do trabalho.

Assim, este trabalho tem como objeto de análise “os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC’s - meios de produção - e a consciência filosófica”. Dentro desse aporte, temos o seguinte problema: os espaços de diálogos e potencialidades, promovidos pelas TDIC’s, no ensino de filosofia da educação de nível médio, promovem a produção e desenvolvimento da consciência filosófica?

Essa pesquisa é necessária, por três motivos: o primeiro é a grande quantidade de pesquisa que fazem uso dessas tecnologias como instrumento mediador, nesse caso, são tomadas como aquelas que irão resolver os problemas do ensino formal. O segundo, busca compreender quais os possíveis impactos positivos e negativos – no sentido de melhorar ou dificultar a qualidade do ensino, segundo os critérios oficiais - que as TDIC’s estão causando no desenvolvimento da consciência filosófica dos alunos do ensino médio na Rede Estadual de Ensino do Maranhão. O terceiro, e último, é a contribuição que a pesquisas trará para o ensino de filosofia e para filosofia na sua forma mais geral.

Essas contribuições, giram em torno de três eixos: a provocação para se buscar construir um conceito de TDIC; lançar questionamentos sobre a obrigatoriedade em se usar as TDIC’s no ensino da Escola de Nível médio no Brasil e; buscar respostas sobre quais os impactos positivos e negativos que as TDIC’s estão causando no desenvolvimento da consciência filosófica.

O objetivo geral é analisar se os espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC’s, podem contribuir para a formação da consciência filosófica. Para tanto, como primeiro objetivo específico iremos demonstrar o humano, a sociedade e a educação como fundamento de um ensino de filosofia. O segundo objetivo será explicar as TDIC’s como meios de produção e a formação da consciência filosófica. O terceiro e último, demonstrar se os professores de filosofia, percebem elementos que o uso das TDIC’s, no ensino de filosofia, contribui para a produção e desenvolvimento da consciência filosófica.

A abordagem metodológica, será na perspectiva do materialismo histórico-dialético. “A dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção de homem, da sociedade e da relação homem-mundo” (GADOTTI, 1995, p.19). Nesse sentido, os “indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção determinada socialmente, é por certo o ponto de partida” (MARX, 1974, p.109). Como destaca Netto (2011, p.11-12) “[...] ele é uma exigência que decorre do próprio objeto de pesquisa - sua estrutura e dinâmica só serão

reproduzidas com veracidade no plano ideal a partir desse fundamento; o pesquisador só será fiel ao objeto se atender a tal imperativo [...]”.

Para fundamentar as categorias de análises usaremos as obras *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels (2007); *Manuscritos econômicos-filosóficos* de Marx (1974), *Para uma Ontologia do Ser Social II* de Lukács (2013), *O Homem Unidimensional* de Marcuse (2015)³, além de outras obras como o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels (2007), *História e Consciência de Classe* de Lukács (2003).

Nesse sentido, as TDIC's e a consciência filosófica, são parte integrantes da totalidade social no horizonte das sociedades industriais ou em desenvolvimento. Assim, faremos uso de alguns princípios (leis) da dialética. O primeiro é o *princípio da totalidade* (tudo se relaciona):

Para a dialética a natureza se apresenta como um todo coerente objetos e fenômenos são ligados entre si, condicionando-se reciprocamente. O método dialético leva em conta essa **ação recíproca** e examina os objetos e fenômenos buscando entendê-los numa **totalidade** concreta. A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo **se cria a si mesmo** na interação das partes [...]. O pressuposto básico da dialética é que o sentido das coisas não está na consideração de sua individualidade mas na sua totalidade [...] (GADOTTI, 1995, p.24-25).

O segundo, princípio da dialética que usaremos na nossa análise, é o *princípio do movimento*. Segundo esse princípio tudo se transforma:

A dialética considera todas as coisas em seu devir. O **movimento** é uma qualidade inerente a todas as coisas. A natureza, a sociedade não são entidades acabadas, mas em contínua transformação, jamais estabelecidos definitivamente, sempre inacabadas. a causa dessa transformação é a luta interna: “a dialética não pode entender a totalidade como um todo já feito e formalizado. É o que Engels chama de “lei da negação de negação” e o que Politizer chama de “lei da transformação universal e do desenvolvimento incessante, também chamada de “lei da negação ou ultrapassagem. É a lei do movimento universal (GADOTTI, 1995, p.25).

O terceiro princípio que faremos uso, é o da *mudança qualitativa*.

A transformação das coisas não se realiza num processo circular de eterna repetição, uma repetição do velho. Como é gerado o novo? Esta mudança qualitativa dá-se pelo acúmulo de elementos quantitativos que num dado momento produzem o qualitativamente novo [...]. É o que Engels chama lei da conversão da quantidade em qualidade e vice-versa ou, segundo outros, de lei dos saltos. A partir de certo limiar dá-se a passagem da quantidade para a qualidade. Gradativamente uma pequena aldeia poderá transformar-se numa grande cidade (GADOTTI, 1995, p. 26)

O quarto e último princípio é o da *unidade e luta dos contrários* (princípio da contradição):

A transformação das coisas só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição. É o que chamamos

³ Temos consciência de que Herbert Marcuse, faz parte da teoria crítica, mas pelo fato dessa concepção está na tradição marxistas e por suas análises serem muito próxima ao materialismo histórico-dialético entendemos que poderíamos usá-la sem prejuízos na análise do objeto.

de **contradição**, que é universal, inerente a todas as coisas materiais e espirituais. A contradição é a essência ou a lei fundamental da dialética (GADOTTI, 1995, p.26).

Realizar uma pesquisa fazendo uma abordagem metodológica nessa perspectiva, exige, além das habilidades do pesquisador, ferramentas adequadas. Para isso, os participantes da pesquisa são professores de filosofia da Escola Centro de Ensino em Tempo Integral João Francisco Lisboa, na Cidade – Capital - de São Luís, Maranhão e na escola Centro de Ensino de Tarquinio Lopes Filho, localizada na cidade de Carutapera, a 241km da capital maranhense, próxima a fronteira com o Estado do Pará.

Como técnica de coletas de dados far-se-á o uso de questionário para obter um panorama da percepção que os professores possuem do uso das TDIC's, no ensino de filosofia, como aquelas que contribuem ou não para o desenvolvimento e produção da consciência filosófica dos alunos. Nesse sentido, queremos conhecer se os professores de filosofia, dessas duas escolas, enxergam elementos constitutivos da consciência filosofia nos alunos.

Esses elementos, devem estar de acordo com o que Lukács (2003, p.136) afirma ser “[...] a história das formas, sua transformação como formas da união dos homens em sociedade, como formas que, iniciadas a partir de relações econômicas objetivas, dominam todas as relações dos homens entre si [...]”. Nesse contexto, Gramsci (1978, p.3) ao analisar o processo de formação das diversas categorias de intelectuais, afirma que essa é uma tarefa “[...] complexa por causa das várias formas que, até nossos dias, assumiu o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais”. Por isso, somos conscientes que o questionário possui a finalidade de verificar, apenas, sinais dessa consciência filosófica, uma vez que ela está em potência na totalidade social.

Nesse sentido, as forças motrizes, que desenvolvem a consciência filosófica “[...] permanecem ocultas como forças cegas da evolução histórica” (LUKÁCS, 2003, p.147), por isso “[...] não se pode dar uma tipologia histórica e sistemática dos possíveis graus de consciência de classe”.

Nesse aporte, buscamos coletar dados que demonstrem, através dos professores, se o uso das TDIC's contribui ou não para a produção e desenvolvimento da consciência filosófica. A ideia é saber se, os professores conseguem identificar, se os alunos são capazes de relacionar sua existência com “[...] a sociedade e a totalidade” [...]” (LUKÁCS, 2003, p.140).

Com isso,

ao se relacionar a consciência com a totalidade da sociedade, torna-se possível reconhecer os pensamentos e os sentimentos que os homens teriam tido numa determinada situação da sua vida, se tivessem sido capazes de compreender perfeitamente essa situação e os interesses dela decorrentes, tanto em relação à ação

imediate, quanto em relação à estrutura de toda a sociedade conforme interesses. (LUKÁCS, 2003, p.141)

Esse contexto, que Lukács (2003, p.148) nos apresenta é complexo e problemático, pois segundo ele, seria preciso estudar

[...] o processo global da produção refere-se da maneira mais imediata e vital aos interesses de cada classe; em segundo, em que medida é do interesse de cada classe transcender esse imediatismo, compreender o momento imediatamente importante como um simples aspecto da totalidade e, assim, superá-lo; e, finalmente, de qual natureza é a totalidade assim alcançada e em que medida é a apreensão verdadeira da totalidade real da produção.

Esse questionário possui, ainda, a finalidade de mensurar, sinais do "[...] o grau de penetração da consciência do sujeito ativo no processo prático e com o grau de criação ou humanização da matéria transformadora evidenciado no produto [...]" (VÁZQUEZ, 1977, p.245) do ensino aprendizagem dentro do contexto das TDIC's. Trata-se de verificar de forma qualitativa e quantitativa se os professores, dessas duas escolas, percebem ao usar as TDIC's nas aulas de filosofia, um desenvolvimento contínuo da consciência filosófica. Isso é o que Vázquez chama de [...] praxis criadora e reinterativa ou imitativa, e, por outro, a praxis reflexiva e a espontânea [...]" (VÁZQUEZ, 1977, p.246).

Nesse sentido, são várias são as TDIC's que queremos saber se produzem e desenvolvem a consciência filosófica. Porém, o foco central, será naquelas que fazem parte do Google for Education, que é, sobretudo, um conjunto de ferramentas digitais, como Google Forms, Agenda, Google apresentação, Google Classroom, Keep etc.

Os critérios usados para escolha dessas TDIC's, foram três. O primeiro é o fato de serem as mais conhecidas e a mais usadas em escolas públicas e privadas. Esse primeiro critério, já tinha sido considera antes mesmo da pandemia causado pelo vírus Sars-coV-2, mas com a pandemia se tornou ainda mais relevante.

O segundo critério, é aquele que diz respeito ao fato de serem TDIC's pertencentes a uma empresa que possui interesses comerciais capitalistas. Isso significa, mesmo que as versões do *Google Classroom*, *Google Meet* e *Google Forms*, por exemplo, que verificaremos, seja àquela disponibilizado de forma grátis⁴, as formas como elas estão estruturadas e operam, nos parece estar de acordo com os interesses econômicos.

A natureza dessas tecnologias digitais, pertence a sociedade capitalista, e por isso, as suas forças motrizes são os interesses econômicos. O terceiro motivo, é que tomamos essas TDIC's, como um meio de produção⁵. Isso significa, que o Google Sala Classroom, Google Meet, por exemplo, desempenham papel relevante e necessário na produção da ordem social

⁴ Em um determinado momento da pesquisa, passou-se a usar alguns serviços pagos, disponibilizado nessas TDICs.

⁵ No segundo capítulo desta dissertação iremos analisar esse terceiro critério.

capitalista vigente ao possibilitar a articulação da causa e do por teleológico. Na pesquisa, também procuramos saber se os professores fazem uso do Youtube, Instagram, Facebook, WhatsApp, Canva ou outra TDIC como ferramenta metodológica de ensino nas aulas de filosofia.

Este trabalho está dividido em três seções. Na primeira analisaremos quem é o homem (entenda-se: gênero humano), a sociedade e a educação. Nessa seção, buscaremos demonstrar como a atividade produtiva humana produz o homem como humano e a sociedade. Destacaremos que ao mesmo tempo que o homem cria a sociedade, a sociedade também o cria, não como momentos paralelos ou separados, mas concomitante.

A segunda seção, explicaremos as TDIC's como meios de produção e da consciência e consciência filosófica. Nesse momento, buscaremos explicar o que são meios de produção, como surgem, suas finalidades, por que estamos afirmando que as TDIC's são meios de produção. Assim, também o que é a consciência, como surge, qual sua finalidade, qual a diferença entre consciência e consciência filosófica.

Na última seção, trataremos das TDIC's como meios de produção para o desenvolvimento da consciência filosófica. Na primeira parte demonstraremos como as TDIC's, como meios de produção, promovem a produção e transmissão de conhecimentos, valores estéticos e morais, ideias políticas, por exemplo. Nesse ínterim, destacaremos espaços de diálogos e potencialidades que as TDIC's promovem e, que podem, ser explorados no ensino de filosofia. Na segunda parte, reservado a parte empírica da pesquisa, em que destacaremos o campo da pesquisa, seus participantes, a metodologia usada e analisaremos os dados coletados pelo questionário, respondido pelos professores das duas escolas mencionadas, que é relevante mencionar, desde já, estão inseridas em dois contextos distintos.

2. O HUMANO, A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO: pressupostos para o ensino de filosofia

2.1 O Homem: o criador de si mesmo.

Para Marx, (1974, p.15) “[...] o homem produz o próprio homem, a si próprio e a outro homem [...]”. Diante deste aporte, Erich Fromm (1979, p.34) afirma, que “[...] Marx partiu da ideia de que o homem *como homem* é uma entidade identificável e verificável, podendo ser definido como homem não apenas biológico anatômica e fisiologicamente, mas psicologicamente”.

Assim como Marx, Lukács ao definir o que seja o homem, partiu da noção de que é pelo trabalho humano que o Ser Social torna-se Ser Social. Diferente do trabalho dos demais animais, “[...] a essência do trabalho humano consiste no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produto de sua autoatividade” (LUKÁCS, 2010, p.34).

Tanto Marx, quando Lukács, referem-se a “homens historicamente reais” (MARX; ENGELS, 2007, p.30), em circunstâncias determinadas e verificadas. É um ser dado, um ser real. Lukács, chama esse homem de Ser Social. Para ele, o Ser Social – uma esfera ontológica -, é resultado de um processo, que tem sua gênese na esfera inorgânica.

O trabalho, nesse caso, é categoria fundante do Ser Social. É fundante, não no sentido de ser antes do social, mais “[...] que cumpre a função social de realizar o intercâmbio orgânico do homem com a natureza, é o conjunto de relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade” (LESSA, 2002, p.30). “É preciso, pois, ter sempre presente que se trata de uma transição à maneira de um salto – ontologicamente necessário – de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente” (LUKÁCS, 2010, p.34).

Nesse sentido, o trabalho é a forma originária do agir humano. Para Lukács (2010, p.45), “é mérito de Engels ter colocado o trabalho no centro da humanização do homem. Ele investiga as condições biológicas do novo papel que o trabalho adquire com o salto do animal ao homem”. Isso não significa que um animal, como o macaco, pode a qualquer momento dar um salto da sua animalidade ao humano. Essa é uma questão ontológica, em que

Engels chama a atenção para a extrema lentidão do processo através do qual se dá essa transição, que, porém, não lhe retira o caráter de salto. Enfrentar os problemas ontológicos de modo sóbrio e correto significa ter sempre presente que todo salto implica uma mudança qualitativa e estrutural do ser, onde a fase inicial certamente contém em si determinadas condições e possibilidades das fases sucessivas e superiores, mas estas não podem se desenvolver a partir daquela numa simples e retilínea continuidade. A essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento, de forma súbita ou gradativa, no tempo, da nova forma de ser. [...]. Queremos apenas lembrar que aqui Engels, com razão, deriva imediatamente do trabalho a socialidade e a linguagem. (LUKÁCS, 2010, 46)

O homem não nasce humano. Não existe uma essência humana inerte, que subscreve ou modela todo e qualquer agir humano. O homem torna-se humano, em um movimento criadouro⁶. Esse movimento, é um processo de luta pela sobrevivência da espécie. Como sabemos, existem necessidades naturais. Os homens como toda espécie, precisa sobreviver, e o fazem, procriando-se, alimentando-se. Nesse sentido

a vida da espécie, para o homem assim como para os animais, encontra sua base física no fato de que o homem (como os animais) viver da natureza inorgânica, e como o homem é mais universal que um animal, assim também o âmbito da natureza inorgânica de que ele vive é mais universal. (MARX, 1979, p.95)

É importante assinalar, que o homem é uma atividade sensível, no sentido de que estabelece conexões com outros homens e com a natureza no intuito de sobreviver. Para isso, sua existência, é constituída em um processo ativo, produtivo e criadouro. Marx e Engels (2007) na Ideologia alemã, afirmam que para se fazer história é necessário, antes de qualquer outro pressuposto, de que os homens devam está em condições para fazer história, isso, então, requer que

para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este, é sem dúvida, um ato histórico [...] (MARX; ENGELS, 2007, p.32-33).

É oportuno destacar que o mero ato de trabalhar não é pressuposto para a humanização, é necessário um pôr teleológico, como mostra Lukács em sua Ontologia do Ser Social. Dessa exigência, é necessário que a atividade humana produtiva, tenha uma finalidade posto por uma

⁶ É importante deixar claro que em Lukács (2003), a categoria criar está presente na sua ontologia. Nela é possível verificar que a atividade humana, que contém respostas ao entorno natural, também possibilidade criar coisas. Isso é possível, pelo fato de que “[...] o próprio homem, no contexto de seu crescimento rumo ao seu próprio ser-parasiti e à generidade consciente [...]” (LUKÁCS, 2003, p.219), é influenciado por forças ontológicas, no contexto de afastamento da barreira natural para o ser social. Esse afastamento é desenvolvido pelo trabalho. “O trabalho que é capaz de despertar novas capacidades e necessidades no homem, as consequências do trabalho ultrapassam aquilo que nele foi posto de modo imediato e consciente, elas trazem ao mundo novas necessidades e novas capacidades para satisfação destas e não estão pré-traçados – dentro das possibilidades objetivas de cada formação bem determinada – quaisquer limites apriorísticos para esse crescimento na “natureza humana”. (O caso de Ícaro não aponta para limites da “natureza humana” em geral, mas para os limites das forças produtivas na economia escravistas da Antiguidade.) (LUKÁCS, 2003, p.219). Daí, em termos ontológicos, essa atividade humana contém respostas as imposições naturais e possibilidade de criar coisas novas – dialética.

consciência. A finalidade do ato humano, existe a priori na consciência humana, isso significa que “[...] é uma necessidade humana elementar e primordial: a necessidade de que a existência, o curso do mundo e até os acontecimentos – e este em primeiro lugar – tenham um sentido” (LUKÁCS, 2013, p.48).

O pôr teleológico é

O que faz nascer [...] concepções de mundo, não só nos filisteus criadores de teodiceias do século XVIII, é uma necessidade humana elementar e primordial: a necessidade de que a existência, o curso do mundo e até os acontecimentos da vida individual – e estes em primeiro lugar – tenham um sentido” (LUKÁCS, 2013, p.48).

Jesus Ranieri (2006, p.65), enfatiza “[...] que nenhuma entidade social que tem poder sobre o homem é exclusivamente exterior a ele, pois é resultante de sua própria atividade”. Além disso, os homens, são humanos, porque “[...] renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p.33). Esses estágios, não são etapas distintas, que se sucedem, como em um processo de evolução, que parti de um estágio inferior a outro superior. Esse processo, faz parte da atividade humana, os estágios operaram seus processos de forma simultânea.

Desse modo, e como vemos em Marx e Engels (2007), o homem deve produzir o necessário para a sobrevivência. Esse não é um processo instintivo, repetitivo e inconsciente, é sobretudo desencadeado pela sua consciência, que põe um pôr teleológico sendo objetivado, através do trabalho. “Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade” (LUKÁCS, 2013, p.47).

Segundo Sergio Lessa (2002), ao discutir a relação entre as concepções ontológicas que contrapõem essência e fenômeno, que se manifestando em graus distintos, mas que por hora a essência se dissolve no fenômeno, Lukács afirma “[...] que o ser é histórico por que sua essência, em vez de ser dada *a priori*, se consubstancia ao longo do próprio processo do exterior, a essência em Lukács é parte integrante e imprescindível de toda a processualidade (LESSA, 2002, p.53)”. Essa afirmação, decorre da compreensão que a substância mesmo em processo não deixa de ser, ela é mudança, mas isso não elimina sua existência enquanto substância, a sua dinâmica é a mudança, ou seja, a substância é mudança, ela não deixa de existir no constante vir a ser.

“Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações às vezes muito complexas -, sempre se realizam pores teleológicos, em última análise, de ordem material (LUKÁCS, 2013, p.47). Essa característica do trabalho, de que se realiza o pôr teleológico, pode ser tomando como critério de definição do que é

humano, porque em todas as épocas, independente do contexto social, “[...] é uma experiência elementar da vida cotidiana de todos os homens, tornando um componente imprescindível de qualquer pensamento, desde os discursos cotidianos até a economia e a filosofia” (LUKÁCS, 2013, p.47). Isto é, está presente em qualquer época ou contexto cultural, que os homens ao produzirem sua vida, idealizam a finalidade de sua ação. Isso é possível porque os humanos possuem a consciência, é ela que põe o pôr teleológico.

O pôr teleológico, para se efetivar é necessário, que o homem crie meios necessários e adequados. Significa que o homem faz uso de instrumentos que o possibilita a realização de determinadas tarefas. Quando o homem nas suas origens, fez uso da pedra, e produziu o machado, o fez, porque percebe que a utilização limitada de seu corpo não lhe possibilita a resolução de uma determinada necessidade, além do mais percebeu que a pedra possuía potencialidades inerentes, que podiam ser postas em movimento, por algo exterior a ela. Essa capacidade de percepção, que antevê a finalidade posta e modifica o entorno que vive, não existe nos demais animais. Não é possível a uma abelha, pôr uma finalidade na construção da colmeia, senão aquela que a sua estrutura física e genética põe.

O pôr teleológico, é uma consequência da consciência humana. A consciência se revela na linguagem, sendo esta última, a consciência real, prática. Ela nasce por uma necessidade de intercâmbio entre os homens. O homem existe na relação com o outro, sendo a linguagem o instrumento de mediação. É uma consciência da sua situação natural, em um primeiro momento. O homem percebe sua condição física, se dá conta que precisa se relacionar socialmente com outros homens. Em seguida, precisando produzir bens necessários a satisfação de necessidades existenciais, o homem estabelece relações de produção, conseqüentemente é a consciência põe o pôr teleológico.

Analisar o humano, a partir de como produz sua vida, e não a partir de como imagina sua vida, é partir de bases reais, analisadas empiricamente, é aceitar que os humanos, produzem a si mesmo, criam-se a si mesmo. Isso tem uma implicação na forma de compreendê-lo. O humano não é algo feito por outrem que não seja ele mesmo, ele é senhor de si mesmo. Nesse sentido, tal concepção, implica aceitar, que o homem é, na medida que produz sua existência.

Lukács na sua Ontologia do Ser Social, demonstra que

as formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico no trabalho, para o qual não pode haver nenhuma analogia na natureza. A existência do salto ontológico não é anulada pelo fato de esse processo, na realidade, ter sido bastante longo, com inúmeras formas de transição. Com o ato do pôr teleológico no trabalho está presente o ser social em si. O processo histórico do seu desdobramento, contudo, implica a importantíssima transformação desse ser-

em-si num ser-para-si e, portanto, a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais cada vez mais puros, mais próprios. (LUKÁCS, 2012, p.199-200)

O Ser Social seria, então, o construtor e arquiteto de seu ser em si e também em um ser para si. Diante disso, a existência de humanos, sem o intercâmbio com a natureza e com outros humanos é impossível de existir.

Nenhum humano, escolhe ser humano. Ser humano é uma condição de todo e qualquer indivíduo social, não do indivíduo natural, mesmo que este seja prole dos homens. O que permite o humano construir sua essência, é a sua condição de dependência de outros seres humanos, dependência que ocorre porque sozinho ele não é capaz de produzir tudo que precisa para sobreviver, sendo assim não é uma escolha a cooperação, mas uma necessidade.

Assim, segundo Lukács (2012, p.199-200)

as formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico no trabalho, para o qual não pode haver nenhuma analogia na natureza. A existência do salto ontológico não é anulada pelo fato de esse processo, na realidade, ter sido bastante longo, com inúmeras formas de transição. Com o ato do pôr teleológico no trabalho está presente o ser social em si. O processo histórico do seu desdobramento, contudo, implica a importantíssima transformação desse ser-em-si num ser-para-si e, portanto, a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais cada vez mais puros, mais próprios.

Os caminhos que levam a esse fazer-se humano, diria, a essa plenitude humana, dar-se-á pelo trabalho. O trabalho, como uma categoria mais central em Marx (1974), transforma a natureza e os humanos como ser em si que trabalham, em um ser para si e para o outro e com o outro. A essência, nesse caso, é o resultado de um esforço que põe em movimento as potencialidades da natureza. Os humanos se servem de sua força física e intelectual, põe-na em movimento. Esse movimento, não é outra coisa senão o próprio trabalho.

O trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão de suas faculdades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, torna-se ele próprio; o trabalho não é só um meio para um fim – o produto – mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana; por isso, pode-se gostar do trabalho. (FROMM, 1979, p.48)

Marx (1974, p.109), na Crítica da Economia Política, fala em “indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção dos indivíduos determinados socialmente, é por certo o ponto de partida [...]”, ainda nesse texto destaca que “o homem é no sentido mais literal, um *zoon politikon*, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se sozinho em sociedade” (MARX, 1974, p.110)

Para tanto, como mostra Lukács (2007, p.52) “[...] toda práxis está diretamente orientada para a consecução de uma finalidade concreta determinada [...]”, diria que, essa práxis não é uma prática desinteressada, ela, desde sua concepção abstrata, intuída da materialidade do

mundo, ante a busca por satisfazer as necessidades que se impõe, tem um fim definido por imposições que fundamentam a sua razão de ser. Essa lógica de construção da essência humana, encontra amparo na VIII Tese de Marx Contra Feuerbach, vejamos: “toda vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios, que induzem às doutrinas do misticismo, encontram sua solução racional na *práxis* humana e no compreender dessa *práxis*” (MARX, 1974, p.58).

A concepção assumida neste trabalho em relação ao que seja humano, diverge de boa parte da tradição filosófica, que trata que existe uma essência humana, como algo que estaria além das relações materiais, uma essência íntima, impossível de ser algo que muda. Quando Kant (1999) põe em dúvida, que o conhecimento, que não tenha sua origem na experiência sensível - ele destaca não ser possível conhecer a coisa em si, mas apenas os fenômenos -, não é um conhecimento verdadeiro, ele abre a possibilidade da consolidação de uma ideia de humano construído mediante as relações materiais, porque, mesmo que Kant (1999) afirme, que *noumenon* seja uma realidade, não é possível de ser conhecido pela mente humana. Em outros termos, é possível deduzir que, o que é real, é aquilo que pode ser conhecido, e o que pode ser conhecido é a realidade proveniente das experiências sensíveis, consequentemente aquilo que o homem é, é aquilo que pode ser conhecido, e, como já falamos, é aquilo que é real e dado, as coisas materiais.

No entanto, Marx (1974) afirma taciturnamente nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos, que o processo que leva a apropriação da propriedade privada de forma indevida, por alguns poucos, faz com que o humano perca a capacidade de se perceber como construtor de si mesmo, sendo, então, necessário a superação positiva da propriedade privada através do comunismo. Como vemos:

O comunismo como superação *positiva da propriedade privada*, enquanto *auto-alienação do homem*, e por isso como *apropriação* efetiva da essência *humana* através do homem e para ele; por isso, como retorno do homem a si mesmo enquanto homem *social*, isto é, humano; retorno acabado, consciente e que veio a ser no interior de toda a riqueza do desenvolvimento até o presente. (MARX, 1974, p.14)

Esse desenvolvimento, é um movimento histórico, que acontece no seio da sociedade a ser superada, mas o homem só será capaz de se produzir conscientemente, quando ele for capaz de compreender as forças motrizes que impulsiona o seu fazer social. A não produção consciente, é fruto da alienação humana, o que significa que o homem não vivencia como agente ativo, consciente do seu controle social. O mundo para o homem alienado, aparece-lhe estranho, ele não se vê e nem percebe sua atividade social.

Alienação (ou “alheimento”) significa, para Marx, que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros, e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele. Eles ficam acima e contra ele como

objetos, malgrado possam ser objetos por ele mesmo criados. Alienar-se é, em última análise, vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como o sujeito separado do objeto. (FROMM, 1979, p.50).

Então, o homem como ser ativo, que produz a si mesmo e ao outro, é capaz de alienar-se. O homem quando produz objetos, o capital, a propriedade privada, é trabalho acumulado e, conseqüentemente, é humanidade. Quanto mais o homem retira de si, menos humano é. Se os objetos produzidos pelo homem tornam-se mais importante que ele, significa que se retira do homem e põe no objeto. É como a relação do crente com a divindade, tudo aquilo que o crente gostaria de ser, a divindade é. Então, na medida que se tira do crente e se coloca na divindade, menos humano ele é. Essa relação, é uma relação de alienação, tanto o crente, como o trabalhador, em um movimento, coloca aquilo que são, em um objeto alheio a eles.

Essencialmente, essa relação, é uma relação de perda de humanidade. Lukács (2007) demonstra que o homem produz humanidade, porque de forma consciente põe um pôr teleológico. Para ele, o homem é diferente da abelha, como já demonstramos, porquê tem consciência da finalidade de seu trabalho. No caso do trabalho alienante, o homem perde a dimensão de sua humanidade, de um ser capaz de produzir a si mesmo. O Ser Social, como na velha filosofia, passa a viver atrás de um véu, que esconde a realidade.

“Para Marx, tal como para Hegel, o conceito de alienação baseia-se na distinção entre existência e essência[...]” (FROMM, 1979, p.53), em que o processo de alienação acontece na medida que a existência é construída, através do trabalho, situação que demonstra que não há uma essência prévia, uma vez que é o homem que produz a si mesmo e ao mundo. Esse processo como alienação, para Marx (1974), manifesta-se no trabalho e pela divisão do trabalho. Como já demonstramos, o trabalho é o relacionamento ativo e criadouro do homem com a natureza.

Para Lukács (2007) a alienação manifesta-se, sobretudo, no trabalho abstrato, que é o trabalho improdutivo. Ele faz a diferença entre trabalho, que produz os bens necessários a satisfação das necessidades necessárias - é aquele que faz o intercâmbio entre o homem e a natureza e entre homem e homem, é o tipo de trabalho que produz humanidade – e, o trabalho abstrato, produtor da mais-valia - poderíamos afirmar que é um trabalho secundário, não necessário a sobrevivência humana, mas indispensável ao sistema capitalista de produção.

O trabalho abstrato é a relação social na qual é produzida a mais-valia. Nesse sentido, todas as atividades humanas produtoras de mais-valia são trabalho no sentido de trabalho abstrato. O trabalho enquanto categoria fundante é o complexo que cumpre função social de realizar o intercâmbio orgânico do homem com a natureza, é o conjunto de relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade. (LESSA, 2002, p.30).

Como é possível perceber, o trabalho improdutivo, produz coisas como as tecnologias digitais da informação e comunicação, para necessidades secundárias. No processo de produção, o homem que perde sua dimensão humana, não se dá conta de que ele próprio é

produtor e produto. Voltaremos a essa discussão do trabalho abstrato e do trabalho concreto, quando estivermos tratando das tecnologias digitais da comunicação e informação. Pois compreendemos, que as tecnologias digitais da informação e comunicação, são produzidas pelo trabalho abstrato e como consequência disso, geram mais-valia indispensável a manutenção do sistema capitalista e por isso, nascem e tem estruturas próprias e adequadas para tais finalidades.

A gênese do Ser Social, como formulado por Lukács, possui sentido essencial para a compreensão da produção dos meios necessários a sobrevivência humana. O próprio Lukács (2007), faz um esforço em demonstrar, que não podemos pensar a produção de bens necessários a sobrevivência que não seja no seio de determinações específicas, ou seja, não podemos pensar o trabalho, sem as determinações, sejam elas históricas, geográficas, políticas, religiosas, etc. O fato aqui geral e universal é que independe de toda e qualquer determinação, os homens precisam comer, beber, vestir-se, alimentar-se e outros mais para sobreviver, as consequências são, então, que ele cria a si mesmo e a outros.

Como vimos, o homem pode alienar-se, conseqüentemente, sofre consequência no desenvolvimento contínuo de sua humanidade. Os homens estão em constante processo de humanizar-se. O homem não é uma construção com início meio e fim. Tem-se o início, como demonstramos, mas esse processo é contínuo. O novo é categoria do Ser Social, se perder essa dimensão deixa de ser humano.

Marx (1974), nega, qualquer teleologia fora do trabalho humano. Essa questão se equaciona quando existe a tentativa de demonstrar que a natureza também tem suas finalidades. O pôr teleológico, que se refere Marx (1974) e, sobretudo, Lukács, é posto por uma consciência, que concebe a priori as finalidades postas. Essa é uma característica humana, só os homens fazem isso, condição que faz o homem, humano. E, dado que a alienação, é a desumanização do homem.

Desse modo, o conhecimento da teleologia do trabalho é algo que, para Marx, vai muito além das tentativas de solução dos seus predecessores, mesmo grandes, como Aristóteles e Hegel, uma vez que, para Marx, o trabalho não é uma das formas fenomênicas da teleologia em geral, mas o único ponto onde se pode demonstrar ontologicamente um pôr teleológico como momento real da realidade material (LUKÁCS, 2013, p.51)

Naturalmente, só é possível ser humano com outros humanos, nunca só. A socialização é a construção humana, que acontece através de elementos que são determinantes e imprescindível na constituição humana. O homem é humano, porque cria também o social, e o social também o cria, em uma dualidade concomitantemente, como duas partes de um processo que só pode existir enquanto dualidade intransponível. O homem só existir numa determinação, determinada, que também é determinado por ele, com isso, o homem cria a si mesmo e a outro,

nessa correlação cria o social. Humanizar o homem, é estar com outros humanos ativamente, é produzir os bens necessários a sobrevivência, mais criando sempre o novo, de forma constante. O homem só existi com o outro. Ele só é, porque é ser para o outro, na mesma proporção que é para si mesmo. Assim como o outro é, sob o mesmo aspecto.

2.2 Sociedade: entre a necessidade e a liberdade

A existência do Ser Social, demanda uma estrutura que vai além do simples se agrega em grupo. É necessário, uma estrutura, que seja possível a existência de uma certa heteronomia, possibilitando assim, com que o homem seja capaz de continuamente transitar entre o determinismo biológico, que é a busca pela satisfação das suas necessidades existenciais e, a capacidade de fazer escolhas conscientes das consequências.

A existência da sociedade, pressupõe que o homem pelo trabalho produz a si próprio, o outro e o social. Nesse aspecto, Lessa (2002, p.27-28) afirma que

a existência social, todavia, é muito mais que trabalho. O próprio trabalho é uma categoria social, ou seja, apenas pode existir como partícipe de um complexo, no mínimo composto, por ele, pela fala e pela sociabilidade (o conjunto das relações sociais). A relação dos homens com a natureza requer, com absoluta necessidade, a relação entre homens. Por isso, além dos atos de trabalho, a vida social contém uma enorme variedade de atividades voltadas para atender às necessidades que brotam do desenvolvimento das relações dos homens entre si.

Todavia, a existência de indivíduos vivendo em conjunto, promovendo intercâmbio, pressupõe relações determinadas e em constante determinações. Por um lado, tais indivíduos devem ser vistos como seres coletivos, por outro, são seres capazes de construir uma certa ordem social própria, segundo suas necessidades materiais de sobrevivência individuais. Para que isso aconteça, o homem dispõe de uma variedade de atividades, que lhe possibilita atender as necessidades que surgem da diversidade de relações humanas na sociedade.

Na ideologia alemã, Marx e Engels afirmam:

O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que nasce da cooperação dos diversos, condicionada pela divisão do trabalho, aparece a esses indivíduos, porque a própria cooperação não é voluntária mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas sim como potência estranha, situada fora deles, sobre a qual não sabem de onde veio nem para onde vai, uma potência estranha, situada fora deles, sobre a qual sabem de onde veio nem para onde vai, uma potência, portanto, que não mais controlar e que, pelo contrário, percorre agora uma sequência particular de fases e etapas de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que até mesmo dirige esse querer e esse agir (MARX; ENGELS, 2007, p.38).

O homem, como já foi demonstrado, precisa estar em condições reais para fazer história, para tanto é obrigado a associar-se com outros homens, não por escolha, é uma imposição inicialmente natural, mas também histórica. Para Lukács (2013), o homem, em algum momento remoto no passado, associou-se a outros homens, para poder produzir os bens necessários a sobrevivência. Para ele, esse é um processo ontologicamente natural e, por isso, real.

A forma de intercâmbio, condicionada pelas forças de produção existentes em todos os estágios históricos precedentes e que, por seu turno, as condiciona, é a sociedade civil; esta, como se deduz do que foi dito acima, tem por pressuposto e fundamento a família simples e a família composta, a assim chamada tribo, cujas determinações precisas foram expostas anteriormente. Aqui já se mostra que essa sociedade civil é o verdadeiro foco e cenário de toda a história, e quão absurda é a concepção histórica anterior que descuidava das relações reais, limitando-se às pomposas ações dos príncipes e dos Estados (MARX; ENGELS, 2007, p.39)

Para Marx e Engels (2005) existem três aspectos da atividade social humana: a existência de seres sociais prescinde de uma base sólida em que estes construam sua existência e sua história. Marx e Engels (2005) apontam, então, que

esses três aspectos da atividade social não devem ser considerados como três fases distintas, mas somente como três aspectos ou, escrevendo de modo direto aos alemães, como três “momentos” coexistentes desde as origens da história e desde os primeiros homens, e que ainda hoje se manifestam na história. A produção da vida, seja da própria vida pelo trabalho, seja a de outros, pela procriação, nos aparece a partir de agora com dupla relação: de um lado, como relação natural, de outro, como relação social – social no sentido em que quaisquer condições, modo e finalidade. De onde se segue que um modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a uma determinada forma de cooperação e a uma fase social determinada, e que essa forma de cooperação é, si própria, uma “força produtiva”; decorre disso que o conjunto das forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social [...] (MARX; ENGELS, 2005, p.55)

A sociedade, é resultado de um movimento que o humano faz na produção dos meios necessários à sua sobrevivência. Esse movimento, que tem como ponto de partida a carência própria do ser humano, no que diz respeito aos bens materiais de sua existência. Marx (1974) nos Manuscrito Econômicos-Filosóficos, afirma que se trata do movimento da necessidade histórica da propriedade privada. Isso acontece, porque o homem, no movimento dialético da produção dos bens materiais de sua sobrevivência, vai se apropriando da natureza (como ponto de partida) e dos bens que cria, dando valor social ao que produz.

Assim Marx (1974, p.15) expõe:

O caráter social é, pois, o caráter geral de todo o movimento; assim como a própria sociedade que produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela também é produzida por ele. A atividade e o gozo também são sociais, tanto em seu *modo de existência*, como em seu conteúdo; atividade *social* e gozo *social*. A essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas assim existe para ele como vínculo com o homem, como de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência *humano*. Só então se converte para ele seu modo de existência *natural* em seu modo de existência *humano*, e a natureza torna-se para ele homem. A sociedade é, pois, a plena unidade essencial do homem

com a natureza, verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza.

Essa estrutura social é construída, e por isso, é impossível a emancipação humana, sem levar em conta a relação que os humanos estabelecem com a natureza, mediada pela relação histórica do trabalho. O homem, afirma Marx (1974, p.110), é “*zoom politikon*, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade”. Sendo a relação com a natureza mediada pelo trabalho. E o trabalho, para Marx (1974) consiste, na pura e simplesmente, individualidade viva do homem.

Em Lukács (2003), o trabalho é um estágio do desenvolvimento do ser, é, nesse aspecto, um complexo. Sobre o ser, “[...] suas categorias, até mesmo as mais centrais e determinantes, só podem ser compreendidas adequadamente no interior e a partir da constituição global do nível de ser de que se trata” (LUKÁCS, 2003, p.30). “Porém, a essência do trabalho humano consiste no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produto de sua autoatividade” (LUKÁCS, 2003, p.34). O trabalho, para Lukács (2003), em sua essência ontológica, possui caráter de transição.

[...] ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem(sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 2003, p. 35) .

O trabalho, como criador de valores de uso, é uma condição da existência humana. Se é condição para a existência, a forma como o homem produz sua vida, determina o tipo de sociedade existente. Como mostra Marx e Engels (2005, p.50-51):

A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados, porém desses indivíduos não como podem parecer à imaginação própria ou dos outros, mas tal e qual realmente são, isto é, tal como atuam e produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinadas limitações, pressupostos e condições materiais, independentemente de sua vontade.

Nesse excerto, Marcuse (2015) ao analisar as sociedades industriais avançadas, faz uma análise crítica das características dessas sociedades, nomeando-as de sociedade Unidimensional. Trata-se de uma sociedade que teria resolvido, de certa forma, a carência de produtos que satisfaçam as necessidades necessárias dos indivíduos, porém é totalizante, unificadora, fascista, por isso, não aceita oposição, apresenta-se como eterna.

Marcuse (2015) desenvolve sua análise, demonstrando como a busca pela satisfação das necessidades necessárias a existência humana, foram aparentemente satisfeitas e, por isso, esse tipo de sociedade criou novas necessidades que são tratadas como as necessidades reais. O homem passa a ter nessa sociedade, uma falsa consciência de suas reais necessidades, situação que dificulta a existência de uma liberdade plena.

Nesse aporte, a satisfação das necessidades é premissa para a consolidação da liberdade. Mas o que aconteceu, segundo Marcuse (2015), é que as sociedades industriais avançadas, criaram mecanismo de controles. Elas não aceitam oposição, tornaram-se fascistas. Marx e Engels (2007), no Manifesto do Partido Comunista, demonstraram que as forças produtivas, desenvolvidas pelos burgueses, passaram a dominar a todos, inclusive os próprios burgueses.

O desenvolvimento das máquinas e a divisão do trabalho, ao levarem o trabalho dos proletários a perder todo o caráter de autonomia, levam também o operário a perder todo atrativo pelo trabalho. Ele se torna um mero acessório da máquina, exigindo-se dele somente a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender (MARX; ENGELS, 2007, p.57).

No início de *O Homem Unidimensional*, Marcuse (2015, p.41) afirma:

Uma não-liberdade confortável, muito agradável, racional e democrática prevalece na civilização industrial avançada, um sinal do progresso técnico. Na verdade, o que poderia ser mais racional que a supressão da individualidade na mecanização de performances socialmente necessárias, mas penosas; que a concentração de empreendimentos individuais em corporações mais eficientes, mais produtivas; que a regulação da livre competição entre sujeitos econômicos desiguais equipados; que a restrição de prerrogativas e soberanias nacionais que impedem a organização internacional? Que este ordenamento tecnológico envolva também uma coordenação política e intelectual pode ser uma evolução lamentável, mas ainda promissora.

Essas características, demonstram que as sociedades industriais avançadas, criaram mecanismos que controla e manipula seu próprio criador. Sempre foi, da vontade humana, criar meios de produção que fossem capazes de permitir aos humanos, viver em um certo estado de ócio. Essa vontade está diretamente ligada a noção de que o trabalho é algo torturante, em que os indivíduos têm de se sacrificar, para produzir os objetos de seu consumo. É nesse sentido, que as sociedades industriais avançadas, como mostra Marcuse (2015), produziram certo padrão de vida, que passam a ideia de segurança e bem estar-social. Criou-se um sistema totalizante, a ponto de pensamentos alternativos a ordem estabelecidas, serem algo impossível de se acontecer.

Nas sociedades industriais avançadas, as necessidades necessárias a existência humana, foram satisfeitas. Perdura com isso, um certo conformismo, uma certa impotência frente ao poder tecnológico unificador dessa sociedade. As pessoas, já não se sentem exploradas. O cansaço físico do trabalho já não é um problema como na época de Marx - pelo menos em termos de consciência de sua própria condição social.

Nos Grundrisse, Marx (2011) destaca a natureza das máquinas.

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza. Elas são *órgãos do cérebro humano criados pela mão humana*; força do saber objetivada. O desenvolvimento do 'capital fixo' indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deveio *força produtiva imediata* e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do 'intelecto gerali' e foram reorganizadas em conformidade com ele. Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na

forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo real da vida (MARX, 2011, p. 589)

Marx (2011), sugere, que o desenvolvimento das máquinas, da técnica, das ciências, das forças produtivas são frutos da engenhosidade humana coletiva (do saber, conhecimento, coletivo acumulado ao largo de milhares de anos). No entanto, o que vemos é a apropriação do saber coletivo humano por parte de alguns. Estes, elaboram narrativas ideologias, mascarando as forças motrizes sociais.

Chama atenção, é que Marx (2011), nos leva a pensar que o desenvolvimento de máquinas, para substituir o trabalho humano, iria possibilitar que o homem fosse liberto das cansativas horas de trabalho, e pudesse, então usufruir de sua condição humana.

Uma nação é verdadeiramente rica quando se trabalha 6 horas em lugar de 12. A *riqueza* não é o comando sobre tempo de trabalho excedente (riqueza real), mas *‘tempo disponível’* para *cada indivíduo* e toda a sociedade para além do usado na produção imediata. (MARX, 2011, p. 588).

Ricardo Antunes (2018), em seu livro *o Privilégio da Servidão: o novo proletário de serviço na era digital*, destaca que

Ao contrário da eliminação completa do trabalho pelo maquinário informacional digital, estamos presenciando o advento do novo proletariado da era digital, cujo o trabalho, mais ou menos intermitente, mais ou menos constantes, ganharam novos impulsos com as TICs, que conectam, pelo celular, as mais distintas modalidades de trabalhos. Portanto, em vez do fim do trabalho na era digital, estamos vivenciando o crescimento exponencial do novo proletariado de serviços, uma variante global do que se pode chamar de escravidão digital. Em pleno século XXI. (ANTUNES, 2018, p.30)

Essa configuração, ganhou contornos e formas, mais visíveis, com a pandemia causada pelos Sars-Cov-2. Algo, que dentro da lógica do capital, já era realidade para alguns, passa, então, a se fazer presente na quase totalidade da classe dos trabalhadores.

Analisando a Ontologia de Lukács, Lessa (2002), demonstra que uma das configurações do trabalho atualmente, é o crescente número de máquinas, que fazem o trabalho. As máquinas, nessa configuração social, são quem produz os bens necessários a sobrevivência humana, deixando para aos trabalhadores desenvolverem, apenas o trabalho abstrato, que é aquele produz a mais-valia, indispensável na manutenção do sistema capitalista.

A consequência, é a existência de uma sociedade composta por indivíduos que perderam a consciência de sua dimensão de criador. Para Lukács (2013), o fim regula e domina os meios. Se os fins já não são as necessidades necessárias a sobrevivência, mas a manutenção do sistema capitalista, os meios necessários também sofrem alterações, passa a predominar a produção de meios socialmente necessários a manutenção da sociedade unidimensional.

Surgem assim alguns problemas. O primeiro é que a sociedade unidimensional, está organizada de tal forma, que é quase impossível aos indivíduos, que fazem parte dela, ter consciências de suas reais necessidades; em segundo, essa sociedade está concentrada mais em

preparar os meios para alcançar o pôr teleológico, do que alcançar o pôr teleológico propriamente dito e; o pôr teleológico já não é posto por uma necessidade real, mas por uma necessidade que visa a manutenção da lógica social unidimensional, essas necessidades são aquelas que jamais pode ser satisfeitas, por causa da sua estrutura interna, uma necessidade que fica sempre no horizonte do possível, uma necessidade que se alimenta da promessa cristã do retorno do salvador, mas que nunca retorna.

Nesse tipo de sociedade, operações intelectuais avançadas não são mais necessárias, como mostraram, inicialmente, Marx e Engels (2007) no Manifesto do Partido Comunista. Operações complexas são realizadas por programas de computadores, algoritmos que facilitam a busca de informações de forma muito mais otimizada, linha de produção de livros em escala comercial com uma linguagem simplista de fácil compreensão, são alguns sintomas dessa sociedade. As pessoas, devem apenas operar uma máquina, ou, apenas supervisionar. É a sociedade do ócio controlado, do bem-estar laboral, do lazer, do prazer. A sociedade do controle, é a sociedade do trabalho abstrato, do trabalho sem base real de necessidades.

Como o capital não se valoriza sem realizar alguma forma de interação entre *trabalho vivo* e *trabalho morto*, ele procura aumentar a produtividade do trabalho, intensificando os mecanismos de extração do sobretabalho. Com a expansão do *trabalho morto* corporificado no maquinário tecnológico-científico-informacional. Nesse movimento, todos os espaços possíveis se tornam *potencialmente geradores de mais-valor*. As TICs, presentes de modo cada vez mais amplo no mundo da produção material e imaterial e que tipificam também os serviços *privatizados* e *mercadorizados*, configuram-se como um elemento novo e central para uma efetiva compreensão dos novos mecanismos utilizados pelo capital em nossos dias. (ANTUNES, 2018, p.33)

A Sociedade Unidimensional, como nomeia Marcuse (2015), é a sociedade com alto controle dos meios, que prometem o alcance do pôr do fim. Controlar, significa ser capaz de opera um certo conjunto de conhecimentos socialmente necessários a esse tipo de sociedade. Como demonstra Lukács (2007, p.57),

uma vez que a investigação da natureza, indispensável ao trabalho, está, antes de tudo, concentrada na preparação dos meios, são estes o principal veículo de garantia social da fixação dos resultados dos processos de trabalho, da continuidade na experiência de trabalho e especialmente de seu desenvolvimento ulterior. É por isso que o conhecimento mais adequado que fundamenta os meios (ferramentas etc.) é, muitas vezes, para o ser social, mais importante do que a satisfação daquela necessidade (pôr do fim).

Essa sociedade organizou sua tecnologia para ter o total controle sobre os desejos, as vontades, as necessidades.

Em virtude da maneira que ela organizou sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a ser totalizante. Pois “totalizante” não é apenas uma coordenação política terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses escusos. Isso impede, então, a emergência de uma oposição efetiva contra o todo. Não apenas uma forma específica de governo ou diretriz partidária conduz ao totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem

poderia ser compatível com um “pluralismo” partidário, jornais, ‘poderes compensatórios’, etc. (MARCUSE, 2015, p.42-43)

É uma sociedade do controle total. Mas nada disso foi criado ou produzido pela natureza ou por uma entidade com poderes sobrenaturais. Ela é uma criação humana. A questão que se impõe é: como essa sociedade totalizante, fascistas, irracional e de controle totalizante estabeleceu-se com tamanho poder. Não é de objetivo deste trabalho, esclarecer essa questão, porém, e como já demonstramos anteriormente, no Manifesto do Partido Comunista Marx e Engels (2007) afirmam, que a sociedade burguesa, é a mais complexa que já existiu. Evidenciam que essa sociedade surgiu das ruínas da sociedade feudal. Suas bases, foram sendo construídas paulatinamente, sendo a burguesia produto de um longo desenvolvimento dos modos de produção.

Marx e Engels (2007) destacam, que a burguesia destruiu as relações feudais, os laços construídos para construir a sua sociedade, o seu controle, o seu poder. “A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção, isto é, o conjunto das relações sociais (MARX; ENGELS, 2007, p.50).

Então, a resposta à pergunta por que as sociedades industriais avançadas, são totalizantes, fascista, autoritárias, Marx e Engels (2007) expõem que é o fato de que a sociedade burguesa só existe, porquê está em constante processo de transformação, seus instrumentos de produção são constantemente reformulados, e que na sua origem, é uma sociedade do controle, nasce com a criação de necessidades não necessárias a sobrevivência. E para que continue existir, cria um mecanismo de controle que falseia a consciência humana.

Lukács (2012), demonstrou, como a ciência, na busca por criar instrumentos para a produção burguesa, esvaziou o ser ontológico. Para ele, a ciência moderna, principalmente a positivista, estaria apenas criando instrumentos que pudesse criar bens para a satisfação imediata dos seres humanos. Em vez de libertar e emancipar o homem (como os assim pretendia), transformando consciente da sua capacidade de criação, de promotor da história, libertando-o do aspecto torturante do trabalho. Ela aprisionou o homem na busca incessante de um pôr teológico, que ela mesma não quer alcançar.

Que a ciência esteja a serviço da burguesia, não é novidade, mas trata-la com algo que estar preocupada apenas em criar instrumentos para satisfazer as necessidades imediatas humanas, já existia antes de Lukács. Dessa forma Lukács (2012) mostra como Bacon, Galileu, Descartes e Newton com a ideia de que o conhecimento serve para compreender e dominar a natureza, contribui para fortalecer ainda mais essa sociedade.

Nesse contexto social, o homem não consegue perceber como sua essência é formada. Ele pensa ser um ser passivo, que não cria, que não faz história. Essa sociedade, se apresenta

depois de anunciada o fim da história, com o dogma do pensamento único, ao qual não se apresentam alternativas. É uma sociedade que se mostra eterna, que só existe uma única alternativa que possa promover bem-estar humano. Qualquer outra alternativa que não esteja de acordo com seus interesses dominantes, unidimensional não é aceito, é tratado como algo nocivo ao humano. Todas as suas forças são organizadas para destruir as alternativas que aparecem. O sistema de controle, não é através de armas de destruição em massa, mas é através do medo, do terror de um aparente bem está social.

Alternativas como o socialismo real, à social-democracia e ao Estado desenvolvimentista são afastadas ferozmente. É uma sociedade que se desenvolveu para criar os meios necessários e mecanismo de controle das necessidades humanas. As necessidades, já não são reais necessidades humanas, são as necessidades artificiais, fruto do trabalho abstrato, do trabalho indispensável na produção da mais-valia. O homem se perdeu, ele não tem mais controle sobre sua criação. “Isso quer dizer que as necessidades humanas prevaletentes, na atual configuração social, são aquelas impostas pela lógica da dominação. (GIOVINAZZO JÚNIOR, 2009, p.24).

Nessa perspectiva, essa sociedade, que aparece como eterna, esconde o movimento real da matéria. A sua lógica de funcionamento máscara que “as necessidades humanas são necessidades históricas e à medida que a sociedade exige o desenvolvimento repressivo do indivíduo, suas próprias necessidades e a sua demanda por satisfação estão sujeitas aos padrões críticos dominantes”. (MARCUSE, 2015, p.44). Essa questão põe em evidência a incapacidade de distinguir entre necessidades verdadeiras e falsas. As necessidades

falsas são aquelas superimposta ao indivíduo por interesses sociais particulares para reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua satisfação pode ser mais gratificante para o indivíduo, mas essa felicidade não é uma condição que deva ser mantida e protegida se ela serve para impedir o desenvolvimento da capacidade (sua própria e dos outros) de reconhecer a enfermidade do todo e de perceber as chances de curá-la. O resultado, então, é a euforia na felicidade. A maior parte das necessidades predominantes de descansar, divertir-se, de comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, de ama e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence à categoria das falsas necessidades. (MARCUSE, 2015, p.44).

Desse modo, a sociedade industrial avançada, decorre de um processo que começa com a busca do homem em satisfazer suas necessidades existências. Engels (2012), em seu livro a Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, demonstra que o Estado não é uma força que se impôs de fora para dentro da sociedade, tão pouco é a realidade da ideia de moral, muito menos é a realidade e imagem da razão, que se tornam objetivas. Mas é que a sociedade quando chega a um determinado grau de desenvolvimento, “se enredou numa irremediável contradição com ela própria e estando dívida por antagonismos irreconciliáveis que não

consegue conjurar” (ENGELS, 2012, p.213), cria um instrumento de poder na qual se submete. É uma necessidade do desenvolvimento histórico da propriedade privada, para que as classes com interesses econômicos divergentes não se devorem, faz-se necessário, assim, um poder de que regule a sociedade.

Esse posicionamento Engels (2012), que é oriundo da análise do desenvolvimento da família, da propriedade privada e do Estado ao longo da história das sociedades humanas, demonstra o quanto as sociedades ao se desenvolverem vão criando estruturas, a ponto de alienar-se e por isso perdem o total controle sobre sua criação.

A sociedade industrial avançada, é uma sociedade que surgiu com o desenvolvimento da sociedade burguesa. Diferente da última, a sociedade burguesa, surge fundamentada em necessidades que foram se impondo. Esse processo, permitiu a naturalização de necessidades artificiais. Marx e Engels chama atenção pelo fato de que, já em seu tempo “em lugar das velhas necessidades, satisfeita pelos produtos nacionais, surgem necessidades novas que exigem, para serem satisfeitas, os produtos das regiões e dos climas mais distantes” (MARX; ENGELS, 2007, p.51).

Na sociedade industrial avançada, os bens necessários a existência humana, são produzidos a cada mais pela automação do que propriamente pelo trabalhador, isso significa que em vez de produzir os bens necessários a sua sobrevivência o homem, na sociedade industrial avançada, o homem produz os meios de produção, não os alimentos, por exemplo.

A lógica dessa sociedade, escravizar ainda mais o homem, deixa-o incapacitado como pessoa humana. Os trabalhadores produzem a mais-valia, isso, em muitos casos, permite que esses mesmos trabalhadores, que produziu a mais-valia, sejam substituídos por seus produtos. “O é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho com algo objetivo, independente dele e que o domina, por leis próprias, que lhes são estranhas” (LUKÁCS, 2003, p.199). Os instrumentos opressivos da sociedade Unidimensional, penetra na alma do homem, passando a fazer parte de sua estrutura racional, forjando uma personalidade incapaz de se perceber com produto de um artífice intencional idealizado por uma racionalidade tecnologia, que é quem põe o pôr teleológico que direciona a todos.

As necessidades não são reais, nesse tipo de sociedade, são parte de uma estrutura racionalizada e direcionada para um pôr teleológico qualitativamente pertencente a própria estrutura social. Em outras palavras, as necessidades pertencem a unidade orgânica da sociedade unidimensional. A produção não está organizada para a satisfação dessas necessidades artificiais, mas para produção dos meios socialmente necessários que buscam produzir objetos para a satisfação dessas necessidades, porém nunca são satisfeitas, quando em

raros casos são, criam-se novas necessidades artificiais. Esses meios são produzidos pelo trabalho abstrato. “As novas necessidades desenvolvidas na e pela sociedade capitalista, primeiro e sua fase concorrencial e depois na monopolista, reforçam relações e estruturas sociais de exploração e de dominação” (GIOVINAZZO JÚNIOR, 2009, p.22).

A sociedade totalizante, que se estrutura pelo e com a racionalidade tecnológica, impossibilita que o homem seja livre. O que há é uma liberdade aparente, que nada mais é do que a liberdade de escolher um produto entre os disponíveis. Produtos, que são na verdade, a objetividade aparente de um pôr teleológico que jamais será alcançado. Pois

a alternativa concreta a essa forma de controlar a reprodução metabólica só pode ser a aut mediação, na sua inseparabilidade do autocontrole e da autorrealização, na sua inseparabilidade do autocontrole e da autorrealização através da liberdade substantiva e da igualdade, numa ordem social reprodutiva conscienciosamente regulada pelos indivíduos associados. É também inseparável dos valores escolhidos pelos próprios indivíduos sociais, de acordo com suas necessidades, em vez de lhes serem impostos – sob forma de apetites totalmente artificiais, pelos imperativos reificados da acumulação lucrativa do capital, como é o caos de hoje (MÉSZÁROS, 2008, p.72-73)

Como podemos perceber, alternativas a sociedade unidimensional é possível, mas isso só é possível quando os homens passarem a produzir os bens necessários a sua existência consciente de todo o processo produtivo e, principalmente, quando forem conscientes de quais são as necessidades reais existenciais humanas. É o próprio homem, que deve promover essa emancipação, isso acontecerá quando forem livres subjetivamente, capazes de decidir por conta própria, sempre orientado pelo pôr teleológico real, e sobretudo, quando realmente forem iguais, para tanto, é necessária uma ordem social específica.

“Isso equivale a dizer que uma necessidade só poderia ser legítima quando fosse desenvolvida a partir de decisões racionais; estas, por sua vez somente são legítimas e tornam-se possíveis quando toda sociedade em questão e cada um de seus membros são livres” (GIOVINAZZO JÚNIOR, 2009, p.220).

Apenas na sociedade comunista, o homem pode ser plenamente emancipado. A sociedade comunista devolverá o homem a sua consciência de criador. O homem passa a se ver como o senhor de si mesmo, capaz de criar dialeticamente o novo. É a sociedade da liberdade, não mais preso a necessidades artificiais, mas a necessidades reais. Ser livre, é ter consciência de sua condição de criador, de senhor de seu destino. Vejamos, dessa forma que tipo de educação promoveria um ensino capaz de emancipar o homem humanamente.

2.3 Educação: apontamentos para a emancipação humana.

Tendo compreendido o homem como criador de si mesmo e da sociedade e, que a sociedade, também cria o homem, não como duas etapas distintas ou paralelas, mas como um único processo, que tipo de educação poderia contribuir para que o homem produza sua existência conscientemente? Ou ainda, o que é a filosofia e, conseqüentemente, como o ensino de filosofia deveria ser? Essas questões, surgem de uma visão, quase ingênua, de que bastaria a existência do ensino de filosofia na escola básica, que o pensamento crítico e reflexivo automaticamente seria desenvolvido. É ingênuo, porque não nos parece válido, a ideia de que a filosofia como disciplina seja a responsável por desenvolver uma mentalidade crítica. Além do mais, a educação escolar, não necessariamente é obrigada a organizar seu currículo em forma de disciplinas, para que seja capaz de desenvolver uma mentalidade crítica que seja capaz de ter consciência de sua existência concreta.

Por outro lado, é comum encontrar filósofos com grande erudição, que apoiaram e apoiam, regimes e ideias no mínimo questionáveis. Podemos citar, a tipo de ilustração, Heidegger e Hegel. Sobre o primeiro, existem interpretações do seu livro *o Ser e Tempo*, obra máxima dele, e em outros textos, que mostram sua simpatia pelo regime nazista emergente. Nesse livro, uma passagem que trata sobre a solicitude enquanto modos de *o Dasein*⁷ ser o seu ser-com com os outros,

Numa tal passagem, Heidegger caracteriza um modo inautêntico ou impróprio de ser-com com o outro como um saltar para o lugar do outro, um *Einspringen*, substituindo-se-lhe e colocando-se no seu lugar, aliviando-o do peso de levar a cabo por ele mesmo as suas possibilidades. Em contraposição a este, Heidegger caracteriza o modo autêntico ou próprio de ser-com com o outro como um saltar para a frente dele, um *Vorauspringen*, antecipando-se-lhe e, nesse sentido, dando-lhe o exemplo. Um tal passo tem uma dimensão política que, não sendo absolutamente explícita, não deixa de ser incontornável. Se esta passagem evoca mais directamente aquilo a que se poderia chamar uma ética do cuidado do outro, ou da solicitude, ela também alude a

⁷ Heidegger, em sua obra da maturidade, *Ser e Tempo*, analisa de forma profunda a questão do ser. Essa questão, ele se ocupou, por toda sua vida. Ele indaga sobre as coisas em geral (pedras, ferramentas, homem etc.), “o que é um ente desse tipo?”, por exemplo. Nas suas obras de primeiro período, Heidegger reformula a questão do ser, porque segundo ele, os filósofos, desde Platão, se desencaminharam ao tentar responder a essa questão, pensando o ser como uma propriedade ou essência presente nas coisas. Heidegger então, pergunta: qual é o *significado* do ser? Ou, em outros termos, como os entes aparecem *inteligíveis* a nós de alguma maneira determinada? Essa pergunta exige uma análise do ente que tem alguma compreensão prévia das coisas: a existência humana ou *Dasein* (palavra alemã para a “existência” ou “ser-aí”). A afirmação de Heidegger é que a compreensão pré-teórica (ou pré-ontológica) que o *Dasein* tem do ser, incorporada nas suas práticas cotidianas, abre uma “clareira” em que os entes podem manifestar-se *com*, por exemplo, ferramentas, prótons, números, eventos mentais, e assim por diante. Essa clareira que se se desdobra historicamente é o que a tradição metafísica negligenciou. Ele afirma, ao longo de uma exaustiva análise, que o ser humano, é ser um evento temporal de auto manifestação que deixa outros tipos de entes “emergir e morar” no mundo. (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE. São Paulo: Paulus, 2006; HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986)

uma política autêntica ou própria marcada pela assunção por cada um do seu si-mesmo no seu ser, sem qualquer espécie de alienação ou de transferência para um outro da responsabilidade por este mesmo ser. (FRANCO DE SÁ, 2015, p.90)

Quando relacionadas, essa concepção com o conceito político de Soberania, principalmente aquele presente em Thomas Hobbes, é possível perceber uma certa tentativa de se justificar, uma determinada compreensão de superioridade humana, identificada a grupos de pessoas específicos. Enquanto Hegel (1979), na Introdução à História da Filosofia, ao analisar a categoria de desenvolvimento, afirma que “o homem é, por exemplo, pensante, e então pensa o seu pensamento; deste modo, o objeto do pensamento é o próprio pensamento, a racionalidade produz o racional, a razão é o próprio objeto” (HEGEL, 1979, p.341). Para ele, alguns povos não desenvolveram sua racionalidade do em si para o racional para si, isso explicaria as diferenças, ou seja, segundo ele, a existência de homens livres e homens escravizados.

Não iremos entrar no mérito dessas questões. A ideia é apenas destacar que a filosofia, por exemplo, não necessariamente e o que sugere os casos citados, humaniza o homem. Mesmo que tais afirmações promovam debates acalorados, temos consciência de que a menção a elas, é que há, na própria filosofia, filosofias que podem ser interpretadas nos levar a pensar em desacordos com os critérios filosóficos de humanidade aqui adotados.

Marx (1976) nas Teses Contra Feurbach, afirma: “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo” (MARX, 1976, p.59). Muitos veem essa afirmação como um possível fim da filosofia. Para estes, não é tarefa dos filósofos, transformar o mundo. Os filósofos devem se preocupar em ‘retirar o véu’ que esconde a realidade, ou como na alegoria da caverna de Platão, iluminar os homens, para que saiam da caverna e assim contempla a verdadeira realidade, mas sem nenhuma ação prática de imediato, que tenha impacto sobre o coletivo.

Manacorda (1991), ao analisar os argumentos e as teses de que se em Marx haveria ou não uma pedagogia, destaca que existiu uma preocupação por parte de Marx com a inutilidade das chamadas pedagogias abstratas. Fato que está contido na décima primeira tese Contra Furbach, como já vimos.

E, de fato, apresentando-se o marxismo em geral como destruição de toda filosofia, não pode com certeza ser reduzido a uma filosofia abstrata, pois isto significa degradá-lo a uma “ideologia”, no duplo sentido que Marx dava a esta palavra, isto é, como atitude, mental que surge numa sociedade dividida em classes, na qual a atividade espiritual se acha separada da atividade material, e como ilusão, que deriva, de conceber efetivamente alguma coisa sem conceber nada de real, ou a pretensão, em suma, de amarrar a realidade com as próprias elucubrações (MANACORDA, 1991, p.14).

Para Lukács (2013), a filosofia, assim como a arte e a ciência são complexos (categorias do ser social). Ela possui uma relativa autonomia. Porém, não pode ser compreendida fora da totalidade social. A essência da filosofia tem um caráter puramente social. “Suas propriedades

e seus modos de operar somente se desdobra no ser social [...]” (LUKÁCS, 2013, p.44). É seguro afirmar, que a filosofia como complexo social, não é algo dado a priori, mas um complexo que está em constante movimento dentro da esfera ontológica do ser social. Para tanto, a filosofia é um complexo do tipo espiritual, que surge da divisão do trabalho e que tem função ideológica.

Ideologia para Lukács (2013), é “a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir” (LUKÁCS, 2013, p.465). Nesse sentido, as ideologias não tem a intenção de impactar de forma imediata e real sobre a economia, assim também sobre as formas sociais a ela (economia) associada.

Mais Lukács (2013, p.539) afirma:

[...] A filosofia e a arte, examinadas na totalidade de seu desenvolvimento, estão direcionadas a cultivar o gênero humano, isto é, o ser social, dentro dele, o homem, visando ao seu ser-para-si, ou seja, com intenção de desfetichizante, dissolvendo ao menos idealmente os estranhamentos.

A filosofia, nesse caso e, em consonância com as preocupações de Marx, é uma atividade prática, é a unidade entre teoria e prática, ou seja,

a filosofia da práxis considera em unidade indissolúvel o projeto de emancipação, a crítica do existente e o conhecimento da realidade a ser transformada. O mecanismo em que se articula esses três momentos é a práxis como atividade real orientada para um fim. Trata-se de transformar o mundo (projeto ou fim) com base em uma crítica e um conhecimento do existente. O problema teórico (filosófico) fundamental é assim o problema prático da transformação do mundo humano, social, ou seja, o da autoprodução ou realização do homem, em um contexto histórico social que ocorre na e pela práxis. (VÁZQUEZ, 2002, p.167-168).

Trata-se de uma filosofia, como atividade real, do homem que produz sua própria existência. A base de atuação da filosofia é o mundo, não o mundo pensado idealizado, mas o mundo como fruto do artífice humano, que impelido por suas necessidades reais transforma a natureza bruta em natureza humana.

Não é a consciência humana, como sustenta o idealismo, nem a pura realidade, como sustenta o empirismo, mas é o próprio homem que figura como ser produzindo-se a si mesmo, pela sua própria atividade, pelo modo de produção da vida material. A condição para que o homem se torne homem (por que ele não é, se ele se torna) é o trabalho, a construção da sua história. A mediação entre ele e o mundo é a atividade material. (GADOTTI, 1995, p.20).

A filosofia se serve da teoria, que “é a visão, contemplação ou descobrimento; teoria de um objeto que, em tal qualidade, o deixa intacto” (VÁZQUEZ, 2002, p.169). Em outras palavras, a teoria não transforma, é quando a consciência põe o pôr teleológico, ao pôr, antecipa a priori sua objetividade, mas a objetiva ainda não é realidade, existe na consciência do homem como ideia, como possibilidade de realização.

Assim, a tese de que trata a filosofia como uma atividade que se serve na teoria, para transformar o mundo, exige que seu ensino, seja atrelado a uma concepção de educação

emancipatória, que trate o homem como ser ativo capaz de produzir a si mesmo e ao outro.

Marx, na terceira Tese Contra Fierbach afirma:

a doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece de que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Deve por isso separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima a outra. A coincidência da alteração das contingências com a atividade humana e a mudanças de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como práxis revolucionária (MARX, 1976, p.57)

Acontece, que esse entendimento de Marx, exige que o ensino, seja um ato revolucionário. Emir Sade (2008), no Prefácio da Educação para Além do capital de István Mészáros (2008), salienta que

ao pensar a educação na perspectiva da luta emancipatória, não poderia senão restabelecer os vínculos – tão esquecidos – entre educação e trabalho, como que afirmando: digam-se onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação. Em uma sociedade do capital, a educação e o trabalho se subordinam a essa dinâmica, da mesma forma que em uma sociedade em que se universalize o trabalho – uma sociedade em todos se tornem trabalhadores -, somente aí se universalizará a educação. “A ‘autoeducação de iguais e a autogestão da ordem social reprodutiva não podem ser separadas uma da outra’ – nas palavras de Mészáros. Antes disso, a educação significa o processo de “interiorização” das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como mercadoria, para induzi-los à sua aceitação rebelde, precisa redescobrir suas relações com o trabalho e com o mundo do trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação” (SADER, 2008, p.17).

A educação deve ser a alavanca, para a mudança social. Ela deve promover a emancipação humana. Mais como percebemos na sociedade Industrial Avançada, ela é instrumento de inculcação dos valores dessa sociedade, além de promover a aquisição de conhecimentos necessários a produção.

A educação e a ciência tornam-se propriedade exclusiva, monopólio do capital. Como diz Roger Dangeville, “toda a questão da educação se reduz ao fim de contas à relação entre trabalho necessário e tempo de trabalho livre (para se expandir e não para fazer nada, como o sugere irresistivelmente a presente sociedade de sobretrabalho), ou seja, à apropriação do tempo livre pela burguesia ou o proletariado. Não se poderá resolver o antagonismo entre tempo de trabalho e tempo livre senão generalizando para todos o trabalho manual, o que dará a cada um tempo livre para se expandir”. (GADOTTI, 1995, p.51)

Os homens continuamente produzem bens necessários a sua existência, mas o fazem segundo as condições materiais de sobrevivência de sua época. Mais não apenas isso, também a forma como pensam, como constroem sua vida espiritual, traduz as condições reais de produção que estão submetidos. “Quando se fala em produção, trata-se da produção em um grau determinado do desenvolvimento social, da produção de indivíduos sociais” (MARX, 1979, p.110)

O homem, determinado por condições determinadas de produção, põe o pôr teológico segundo as determinações que está submetido, em suma, “[...] é impossível perceber a produção intelectual de uma sociedade sem expressar referência histórica ao seu modo de produção, ao modo como os homens produzem sua existência” (GADOTTI, 2008, p.61).

É possível interpretar Marx (1979), e perceber que para ele a educação está fundada no próprio humano, consequentemente a possibilidade de que uma mudança aconteça, só será possível se os humanos, principalmente aqueles que são explorados pela configuração atual do trabalho, tomarem consciência de sua condição de explorado e, transformar radicalmente a ordem social vigente. As mudanças, só serão possíveis, se a educação for capaz de promover uma ruptura na consciência alienada dos humanos.

Mészáros (2008), expõe, que poucos negariam hoje, que a educação não está a serviço da lógica social vigente e que está intimamente ligada aos acontecimentos sociais mais abrangentes possíveis de reprodução. Como já se demonstrou, o homem é resultado de como reproduz suas vidas, nesse caso, não é possível pensar a educação sem que seja condicionada ao modo de produção da existência dos homens.

Mészáros (2008) destaca, que a educação, na atual ordem feudal, tem com propósito, manter a regra geral da sociedade industrial avançada, intacta, qualquer mudança proposta ou realizada, tem que se ajustar aos limites do capital. Fora dele não é possível qualquer alternativa de educação, no máximo uma proposta conflitante, mas que não mude a regra geral.

Mészáros (2008, p.26) mostra que

as mudanças sobre tais limitações, apriorísticas e prejudgadas, são administradas apenas com o único objetivo de *corrigir* algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade como um todo, em conformidade com as exigências inalteráveis da *lógica global* de um determinado sistema de reprodução. Podem-se ajustar as formas pelas quais uma multiplicidade de interesses particulares conflitantes se deve *conformar* com a *regra geral* preestabelecida da reprodução da sociedade, mas de forma nenhuma pode-se alterar a *própria regra geral*.

Ou seja, para a lógica unidimensional da sociedade industrial avançada, a educação é instrumento de manutenção da ordem social vigente, qualquer possibilidade de propor ou adotar outra ordem, é imediatamente excluída. A sociedade unidimensional, é impossível de ser reformulada. Assim, diante de sucessivas crises econômicas, fazem-se ajustes pontuais, que em geral são reformais que tem o propósito de mudar apenas a aparência do sistema, mas que em momento algum questiona ou tentar mudar a ordem vigente.

A educação, para ser emancipatória, tem que ser articulada em torno das reais necessidades humanas. A educação deve ser pensada para todos, não só para alguns, que seja capaz de unir trabalho e ensino dos conhecimentos a emancipação do homem. Uma educação, que não apenas desenvolva as aptidões que servem a sociedade unidimensional, mas todas aquelas que fazem do homem humano. Esse tipo de educação, é aquela que só que só e possível existir na sociedade comunista.

O ensino permitirá aos jovens acompanhar o sistema total e produção, colocando-os em condições de se alternarem de um ramo da produção a outro, segundo os motivos

postos pelas necessidades da sociedade ou por suas inclinações. Eliminará dos jovens aquele caráter unilateral imposto a todo indivíduo pela atual divisão do trabalho. Deste modo, a sociedade organizada pelo comunismo oferecerá aos seus membros a oportunidade de aplicar, de forma onilateral, atitudes desenvolvidas onilateralmente (MANACORDA, 1991, p.18).

A sociedade unidimensional, faz uso de uma rede de aparelhos de controles sociais, sendo a educação um importante legitimador dessa ordem. “As ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes compreendidas sob a forma de ideia” (MARX; ENGELS, 2005, p.78). A educação, tem um papel de extrema importância na legitimação das ideias. Mesmo que a divisão do trabalho, seja instrumento bem adequado para o convencimento de todos, acerca da ordem social vigente, a educação justifica tal ordem, inculcando valores e transmitido conhecimentos específicos.

Sendo assim, uma educação emancipadora, é aquela transforma radicalmente a ordem social vigente, que não se adequa a ordem feudal estabelecida. Isto é, e deixando claro

a concepção de educação adotada aqui referida – considerada não como um período estritamente limitado da vida dos indivíduos, mas como o desenvolvimento contínuo da consciência socialista na sociedade como um todo – assinala um afastamento radical das práticas educacionais dominantes sob o capitalismo avançado. É compreendida como a extensão historicamente válida e a transformação radical dos grandes ideais educacionais defendidos no passado mais remoto. (MÉSZÁROS, 2008, p.80)

Continua Mészáros (2008, p.83):

uma vez que o significado real da educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação – das quais são também os produtores mesmo sob as circunstâncias mais difíceis – todo sistema de educação orientado à preservação acrítica da ordem estabelecida a todo custo só pode ser compatível com os mais pervertidos ideais e valores educacionais.

Assim, a educação não acontece apenas em uma etapa, com um fim determinado, ela é um processo contínuo. Por outro lado, a educação na sociedade de mercado, tem como objetivo a preparação para o mundo do trabalho “precarizado” e para um tipo de cidadania atrelado aos interesses das classes dominantes. Mas, a educação deve ter como objetivo a transformação radical da sociedade de mercado, deve ser emancipadora dos humanos, enquanto seres de potencialidades, que são capazes de transformar sua própria realidade. Ela não pode visar apenas o preparo para o mundo do trabalho ou promotora de uma certa cidadania, mas ser capaz de fornecer conhecimentos significativos para que possa servir como instrumento de transformação social.

O ensino de filosofia insere-se nesse contexto, como uma voz dissonante, mas não apartada das demais disciplinas, muito menos como um saber superior, que chama para si as responsabilidades da transformação de uma realidade complexa. Ensinar filosofia passa a ser, uma postura firme de transformação social, em que cada um toma consciência de sua condição de construtor da história.

A concepção de ensino de filosofia, é aquele que tem a tarefa de promover a emancipação humana. Um ensino, ponha em evidências as reais necessidades humanas, que veja relevante para a sociedade em geral, por que permite aos jovens tomarem consciência da sua própria consciência, e, assim, saberem que são capazes de construir o novo.

Nisso, a educação pode dar uma contribuição fundamental, quando e se deixar de ser uma mera transmissão de informações, para ser reprodutora e produtora de conhecimentos científicos que permitam aos alunos conhecerem o mundo, a sociedade, a história e a si mesmo em sua condição de classe, e possibilitem que rompam com o ciclo de consciência alienada, de tal forma que percebam que a socialização dos conhecimentos não deve permanecer circunscrita ao mundo das ideias, mas levar também ao usufruto dos bens produzidos pelo conjunto da humanidade. (ORSO e Et al, 2014, p.15)

Uma educação que seja capaz de demonstrar que o mundo é fruto do esforço que o homem faz para produzir sua existência, é uma educação que possibilita com que os homens tomem controle de suas vidas. A educação na sociedade unidimensional mascarará essa realidade, pois como já demonstramos, as necessidades mais importantes não são as necessidades reais, mas aquelas artificiais, de extrema importância para a produção da mais valia.

Na Apresentação da Ideologia Alemão, Emir Sader (2007, p.9), diz que “a busca pelo conhecimento e da verdade do pensamento humano partiu sempre da dicotomia entre sujeito e objeto”. A problema em torno dessa dicotomia vai, desde quem determina o conhecimento, se é o objeto ou o sujeito, por que sujeito e objeto aparecem separados, fato é que o objeto e sujeito apareciam diferenciados e contrapostos. Segundo Sader (2007), ainda na apresentação da Ideologia Alemã, destaca que foi Hegel o primeiro afirmou que essa dicotomia aparece dessa forma porque a realidade é contraditória, posto que Hegel afirma que homens por meio do trabalho produzem sua vida mais não tem consciência disso. Fato é que Marx, parte dessa discussão para demonstrar como o homem por meio do trabalho modificar a natureza para produzir os bens necessários a sua sobrevivência.

Essa discussão, é importante para se entender e qual é o papel da educação, ou seja, porque é necessário que ela demonstre as crianças, aos jovens que a realidade não é como ela se apresenta. Educar, nesse caso, não é só fazer ver a realidade, ou, até mesmo deixar que a criança descubra por si mesmo o “mundo”, é fazer com que ela tome consciência de sua dimensão criativa e que o mundo que vive, é fruto do esforço que o homem tem para se manter vivo.

[...] A tomada de consciência não é espontânea, isto é, a formação da consciência do indivíduo não é inata, exige esforço e atuação de elementos externos e internos ao indivíduo: a educação é um processo contraditório de elementos subjetivos e objetivos, de forças internas e externas. Ambas partem da crítica ao espontaneísmo. Se a educação fosse um processo espontâneo, “natural” e não cultural, não haveria necessidade de se organizar esse processo, de sistematizá-lo. (GADOTTI, 1995, p.62).

O ensino de filosofia nessa concepção, é um ensino ativo, capaz de mostrar não apenas o que os filósofos disseram, mas o porque disseram, quais as razões que levaram a elaborar os conceitos, o que significa os conceitos, quais relações têm com a realidade, ou seja, a filosofia deve promover um ensino em que seja capaz com que os jovens se apropriem da tradição filosófica, para poder atuar de forma consciente e revolucionária.

A ação revolucionária se estende a toda a sociedade enquanto unidade orgânica, chegando a todos os seus níveis e segmentos: o proletariado não conquista a sua consciência de classe apenas operando sobre si mesmo, mas “fazendo política”. Esse, porém, não é um processo espontâneo. O proletariado, o trabalhador em geral, não chega espontaneamente a consciência de classe, à consciência política, à teoria revolucionária. Por isso há a necessidade de uma educação e sobretudo uma educação política. Consciência de classe significa domínio da teoria revolucionária e esta nasce da assimilação crítica das posições mais avançadas da cultura burguesa e da sua consequente superação. Por isso o trabalhador precisa da escola e hoje precisamente, da escola burguesa que lhe é negada. Daí o papel estratégico da escola, dos educadores e intelectuais nas sociedades em transição, papel determinante na construção da consciência da classe do trabalhador. (GADOTTI, 1995, p.63)

Poder-se-ia querer acusar, esse tipo de educação ideológica. Sobre isso, não resta dúvida, que é ideológica, é bom que se diga claramente. A educação sempre foi ideológica, mas a ideologia presente nas escolas é a das classes dominantes, que é repassada como se fosse de todas as classes. A escola serve para legitimar essa ideologia sem o uso da força física, neste caso, trata-se de consentimento, de forma sutil. A educação deve ser ideológica, mas comprometida com a realidade e, esta, é construída pelo homem, mais ainda, construída sobretudo pelo trabalhador explorado, que é oprimido, explorado, desumanizado e, muitas vezes, colocado na prisão para viver como um mero animal sem direitos humanos.

3. AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.

3. 1 Os meios de produção.

A existência humana é resultado, inicialmente, da transformação da natureza pelo trabalho humano em bens de consumo a sobrevivência. Posição que nos levar a deixar claro que a existência humana é determinada pelas relações objetivas que o homem estabelece entre si, com a natureza e as coisas.

Para tal,

todo existente deve ser sempre objetivo, ou seja, deve ser sempre parte (movente e movida) de um complexo concreto: isso conduz a duas consequências fundamentais. Em primeiro lugar, o ser em seu conjunto é visto como um processo histórico; em segundo, as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna o que é, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria: “formas do existir, determinações da existência”. (LUKÁCS, 2013, p.2-3).

Isso implica o estabelecimento de elementos desencadeadores desses movimentos. Esses elementos são as necessidades, como causas, que é posto pela consciência como pôr teleológico, sem que deixe de ser causa. Lukács (2013) afirma, que o Trabalho é a categoria movente, ou seja, é pelo trabalho que o homem possibilita que o pôr teleológico seja alcançado. Quando o pôr teleológico é posto pela consciência, ele é movido pelo trabalho, para assim, se torna realidade objetiva.

Com efeito, o trabalho não é uma atividade naturalmente determinada, como o trabalho das abelhas ou formigas, que desenvolve suas atividades por determinações e competições biológicas.

A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia "já na representação do trabalhador", isto é, de modo ideal. (LUKÁCS, p.5)

Marx (1969), no Capital, afirma que o trabalho é condição inalienável de existência humana. É pelo trabalho que o homem produz os bens – possuem valor de uso - socialmente úteis a sua existência. Sendo que, cada objeto com valor de uso, é a representação, micro, de uma determinada ordem social.

O trabalho surge, concomitante ao surgimento do ser social e

isso não significa frisar que todos os atos humanos sejam redutíveis ao trabalho. Lukács argumentou, em diversas oportunidades, que inúmeros atos humanos *não podem* ser reduzidos a atos de trabalho, em que pese o fato de o trabalho ser a forma originária e o fundamento ontológico das diferentes formas da práxis social. Para o filósofo húngaro, a reprodução social comporta e, ao mesmo tempo, requer outros tipos de ação que não os especificamente de trabalho. Sem o trabalho, porém, as inúmeras e variadas formas de atividade humano-social não poderiam sequer existir. (LESSA, 2007, p.36).

O trabalho, para Lukács (2013), em síntese, é a atividade que objetiva a prévia-ideação do pôr teleológico posto pela consciência. A prévia-ideação, objetivada, é o objeto. Uma vez o objeto objetivado, pelo trabalho, passa a ter existência própria, exerce influência na totalidade do ser social. Lessa (2007, p.46) demonstra, que “o produto do trabalho é, portanto, uma síntese peculiar, que só pode ocorrer no mundo dos homens, entre a prévia-ideação e os nexos causais realmente existentes”.

Esse objeto passa a existir dentro de relações causais, de nexos e processos, ou seja, faz parte da totalidade do ser social e simultaneamente exerce influência sobre ele. Em que se pese, nada pode existir fora da totalidade do ser social, que é produzido constantemente pelo homem através do trabalho.

Assim, o homem, pelo trabalho, articula causalidade e o pôr teleológico, produzindo, dessa forma, objetos, que passa a integrar a totalidade social. O conjunto das relações sociais, forma a essência humana. “A objetivação da essência humana, tanto no aspecto teórico como no aspecto prático, é, pois, necessária, tanto para tornar humano o sentido do homem, como para criar o sentido humano correspondente à riqueza plena da essência humana e natural” (MARX, 1974, p.18). Dessa forma, não existe uma essência do gênero humano dado a priori e imediato, a essência humana é o conjunto das relações sociais, que tem no trabalho “o fenômeno originário, o modelo do ser social” (LUKÁCS, 2013, p.44).

Nesses termos, o homem transforma continuamente sua realidade, sobretudo, pelo fato de que na medida que satisfaz determinadas necessidades cria novas necessidades, e por isso, se vê obrigado a criar meios para produzir os objetos, que satisfaçam as novas necessidades.

Em um sentido amplo e abstrato, mais real, é possível afirmar, então, que todas as atividades humanas sempre se articulam ao trabalho. O trabalho é categoria do ser social, categoria primária, não primeira. Mas o trabalho faz uso de meios produtivos para alcançar o pôr teleológico.

Outrossim, com desenvolvimento das relações entre os homens, brotam inúmeras necessidades – carências reais ou fictícias -, que requer a existência de meios de produção socialmente necessários a produção dos bens necessários a satisfação dessas necessidades.

Para compreender de forma mais adequada o que são os meios de produção, partiremos do pressuposto de que a estrutura biológica humana é limitada. Tomemos o exemplo, do corte de uma árvore pelo homem apenas com o uso das mãos. A depender do tipo de árvore, é impossível. Para que se torne possível, é necessário um instrumento que possibilite ao homem, efetuar o corte dessa árvore.

Nesse sentido, o homem faz um planejamento, que deverá anteceder e dirigir a sua ação. Lukács (2013), chama esse momento de prévia-ideação. “Pela prévia-ideação, as consequências da ação são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática” (LESSA, 2007, p.37).

No primeiro momento, temos um momento abstrato, que brota da existência real, material, a partir do momento que ganha existência real, passa exercer influência na determinação dos atos sociais. O machado é um instrumento que brota da necessidade de corta uma árvore, segundo o nosso exemplo, isso expõe o homem que diante da impossibilidade de corte da árvore apenas com as mãos, se vê obrigado a construir uma ferramenta que lhe permita realiza tal ação. Assim, o homem antever idealmente como a ferramenta deverá ser.

Entre a consciência que operou a prévia-ideação e o objeto construído se interpõem duas relações fundamentais. A primeira delas é que sem a prévia-ideação esse objeto não poderia existir. [...] Nesse sentido, o objeto é a ideia objetivada, a ideia transformada em objeto. A segunda relação é dada pelo fato de que, entre a consciência que operou a prévia-ideação e o objeto, há uma efetiva distinção no plano do ser. (LESSA, 2007, p.38).

Essa distinção, que Lessa (2007) se refere, diz respeito, ao entendimento por Lukács (2013), a distinção entre sujeito e objeto – distinção, sim, mas não separação entre objeto e sujeito. Ambos não podem ser pensados separados, como dois polos autônomos. Nesse caso são polos diferentes, mas ontologicamente unitário, já que ambos são construídos pelo homem mediante o trabalho.

Para compreender com clareza como isso acontece podemos também utilizar as análises do trabalho de Aristóteles e de Hegel. Aristóteles distingue, no trabalho, dois componentes: o pensar (*nóesis*) e o produzir (*poíesis*). Através do primeiro é posto o fim e se buscam os meios para sua realização; através do segundo o fim posto chega à sua realização. N. Hartmann, por seu turno, divide analiticamente o primeiro componente em dois atos, o pôr do fim e a investigação dos meios, e assim torna mais concreta, de modo correto e instrutivo, a reflexão pioneira de Aristóteles, sem lhe alterar imediatamente a essência ontológica quanto aos aspectos decisivos. Com efeito, tal essência consiste nisto: um projeto ideal alcança a realização material, o pôr pensado de um fim transforma a realidade material, insere na realidade algo de material que, no confronto com a natureza, representa algo de qualitativamente e radicalmente novo. (LUKÁCS, 2013, p.52-53).

Essa distinção que Lessa (2007) se refere, diz respeito, ao entendimento por Lukács (2013), da distinção entre sujeito e objeto – distinção, sim, mas não separação entre objeto e sujeito. Ambos não podem ser pensados separados, como dois polos autônomos. Nesse caso

são polos diferentes, mas ontologicamente unitário, já que ambos são construídos pelo homem mediante o trabalho.

Para compreender com clareza como isso acontece podemos também utilizar as análises do trabalho de Aristóteles e de Hegel. Aristóteles distingue, no trabalho, dois componentes: o pensar (*nóesis*) e o produzir (*poíesis*). Através do primeiro é posto o fim e se buscam os meios para sua realização; através do segundo o fim posto chega à sua realização. Hartmann, por seu turno, divide analiticamente o primeiro componente em dois atos, o pôr do fim e a investigação dos meios, e assim torna mais concreta, de modo correto e instrutivo, a reflexão pioneira de Aristóteles, sem lhe alterar imediatamente a essência ontológica quanto aos aspectos decisivos. Com efeito, tal essência consiste nisto: um projeto ideal alcança a realização material, o pôr pensado de um fim transforma a realidade material, insere na realidade algo de material que, no confronto com a natureza, representa algo de qualitativamente e radicalmente novo. (LUKÁCS, 2013, p.52-53).

O pressuposto básico da dialética, segundo Gadotti (1995, p.25), nos ajuda a compreender melhor essa questão: “[...] é que o sentido das coisas não está na consideração de sua individualidade, mas na sua totalidade [...]”, ou seja, “[...] tudo tem a ver com tudo, lei da interação ou conexão universal [...]” (GADOTTI, 1995, p.25). Os elementos que em si parecem contraditórios, fazem parte da totalidade.

A dialética considera todas as coisas em seu devir. O movimento é uma qualidade inerente a todas as coisas. A natureza, a sociedade não são entidades acabadas, mas em contínua transformação, jamais estabelecidos definitivamente, sempre inacabadas (GADOTTI, 1995, p.25)

A relação da individualidade do objeto com a totalidade social é inerente e necessária. A própria dinâmica de autocriação humana mediante o trabalho, como processo ativo e permanente, existe como participe de uma totalidade social. A totalidade social, como construção humana, e por isso, essência humana, é artífice do homem que cria a si mesmo com uso de meios de produção. O homem existi por que trabalha, mas o trabalho serve-se dos meios de produção, que por sua vez são fruto do trabalho.

Segundo Marx e Engels (2007, p.34),

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla -, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade. Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase social – modo de cooperação que é, ele próprio, uma “força produtiva” -, que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem condiciona o estado social [...].

Como a produção da existência humana pelo trabalho, como mostra Marx e Engels (2007), depende de vários fatores, que não só a busca em satisfazer as necessidades primárias, ela precisa acontecer condicionado por determinado modo de produção. Lukács (2013, p.580), ao trata do processo de estranhamento do homem, afirma

[...]que o desenvolvimento das forças produtivas acarreta de imediato um incremento na formação das capacidades humanas, que, no entanto, abriga em si simultaneamente a possibilidade de sacrificar os indivíduos (e até classes inteiras) nesse processo.

O desenvolvimento das forças de produção, ocorre concomitante ao desenvolvimento das capacidades humanas, na verdade “o desenvolvimento das forças de produtivas é

necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. (LUKÁCS, 2013, p.581).

Isso não significa que o desenvolvimento das capacidades humanas, permita ao homem elevar-se enquanto humano, ou seja, percebe-se como um ser ativo e criativo capaz de produzir a si mesmo e a outrem. As diferentes formas de trabalho atualmente, expõe essa situação. O próprio fenômeno do trabalho, tem um pano de fundo, que é o fato de que o trabalho social não é a síntese de pores teleológicos individuais. A forma global de como o trabalho se apresenta socialmente, é a soma dos pores teleológicos na esfera global do ser social, que sofre influências de determinações e funções, mas que jamais perde o caráter casual.

É importante sempre assinalar, que o trabalho é o responsável pelo devir humano. Para Lukács (2013, p.666), o trabalho

[...] é fundamento do devir homem, tanto em termos histórico-genéticos como por sua essência, constituindo força motriz decisiva e indispensável tanto da reprodução como do desenvolvimento para um patamar superior da existência humana. Por outro, em o *capital*, Marx introduz o quadro geral teórico-histórico do ser e devir-homem e do ser do homem, um estágio que já abrange a gênese propriamente dita; isso fica evidente pelo fato de o trabalho (enquanto atividade concreta de criação de valores de uso) constituir um momento ininterruptamente presente, mas que simultaneamente sempre volta a ser suprimido, do complexo representado pela relação de mercadoria. A transformação do trabalho concreto em trabalho abstrato, os destinos sociais dessa forma de trabalho abstrato que voltou a ser objetivada perfazem justamente a essência da mercadoria em sua dinâmica no ser.

O trabalho, mesmo em sua forma mais primitiva, quando transforma a natureza em bens de consumo, necessários a sobrevivência humana e, na sua forma mais elevada, é o metabolismo da sociedade com a natureza, haja vista que a relação dos homens com a natureza, requer com absoluta necessidade, a relação de homens entre si. Mais como mostra Lukács (2013), com a divisão do trabalho, passam a existir, determinações puramente sociais, no entanto, o trabalho, jamais perde seu conteúdo.

Nesse aspecto, não há diferença ontológica entre amolar pedras no primevo e esmigalhar átomos nos dias atuais. A consequência disso para o próprio processo do trabalho – em última análise, uma vez mais, independente de quanto conhecimento científico é abrangido pelo respectivo pôr teleológico – é que, em sua execução prática não pode ocorrer nenhuma reificação em sentido próprio. (LUKÁCS, 2013, p.667).

A vida social, contém uma enorme variedade de atividades, que visam satisfazer as necessidades que brotam do desenvolvimento da vida social, situação que está condicionada ao fato de que os atos do trabalho fundam o ser social.

Na acepção de “intercâmbio orgânico” “eternamente necessário” do homem com a natureza, o trabalho é uma categoria distinta do trabalho abstrato, produtor de mais-valia. Todavia, na imediatidade de nossa vida cotidiana, com as atividades que operam o intercâmbio orgânico com a natureza podem ser também convertidas em produtoras de mais-valia, não raras vezes essas duas funções tão distintas são indevidamente confundidas. E, hoje com a extensão das relações capitalistas até praticamente todas as formas de práxis social, com a incorporação, ao processo de

valorização do capital. Aparentemente, o trabalho teria desaparecido, substituído pelo trabalho abstrato. (LESSA, 2002, p.28).

É o trabalho abstrato, o produtor da mais valia. Nesse sentido, as TDIC's são produzidas pelo trabalho abstrato, que por sua vez, são um complexo do ser social. E em termos específicos, são meios de produção, utilizadas para produzir objetos, que servem satisfazer as necessidades que a impulsionaram inicialmente a sua existência. Sanson (2014, p.23) demonstra

que uma das alavancas que está na base da nova divisão do trabalho tem haver a ver com a reorganização das forças produtivas – a revolução tecnológica para uns, ou revolução informacional para outros. Ao longo da história da humanidade, alguns acontecimentos provocam mudanças abrupta na sociedade. São acontecimentos acontecidos como paradigmáticos, pois deixam para trás uma realidade que não retornará mais ou manifestar-se-á apenas através de vestígios do que outrora fora hegemônico.

Essa alavanca, ocorre com a síntese de inúmeras determinações, principalmente quando o acúmulo de conhecimento, permite ao homem, criar meios necessários para impulsionar tais mudança paradigmáticas. Com efeito, essas mudanças são desencadeadas por necessidades sociais. Assim “[...] o primeiro impulso para o pôr provém de uma vontade de satisfazer uma necessidade” (LUKÁCS, 2013, p.78). Tais mudanças, têm como condição ontológica, a forma originária do mero trabalho, pois o caráter que domina as mudanças, “[...] são estágios evoluídos, superiores de um ponto de vista social [...]” (LUKÁCS, 2013, p.78).

Com a automação da produção, por meio do constante desenvolvimento da grande indústria e da maquinaria, a diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de mercadorias acaba sendo utilizada para a produção dos próprios meios de produção” (GIOVINAZZO JUNIOR, 2009, p.21).

A atividade do trabalho procura alcançar seu objetivo, que é o pôr teleológico, posto pela consciência. No entanto, ele só pode alcançá-lo quando a escolha dos meios de produção, contêm em si mesmo o caráter necessário e adequado ao sucesso da sua finalidade. Não basta a escolha do melhor meio de produção, mas o mais adequado ao alcance do pôr teleológico.

Então, os meios de produção são ferramentas/instrumentos que servem para que o pôr teleológico ganhe existência real. Ricardo Antunes (2013), em seleção de textos, escritos por Marx e Engels, mostra o que é uma ferramenta e o que é uma máquina: “[...] na ferramenta, ser o homem a força de movimento, na máquina, uma força natural, diversa da humana, como animal, da água, do vento etc.” (ANTUNES, 2013, p.68). De acordo com isso, uma máquina de costura, movida a eletricidade, seria uma máquina, já o machado, uma ferramenta.

Toda a maquinaria desenvolvida consiste em três partes essencialmente diversas: a máquina de movimento, o mecanismo de transmissão e, por fim, a máquina-ferramenta ou máquina de trabalho. A máquina de movimento opera como força impulsionadora de todo mecanismo. Ela gera a sua própria força de movimento [...], ou recebe impulso de uma força natural já pronta, fora dela [...]. O Mecanismo de transmissão, composto de volantes, árvores de transmissão [...]. Essas partes do mecanismo estão apenas presentes para comunicar á máquina-ferramenta o movimento pelo qual ataca o objeto de trabalho e o modifica em conformidade com um fim [...]. A máquina ferramenta ou máquina de trabalho propriamente dita, volta a aparecer-nos genericamente e, ainda que frequentemente em forma modificada, os

aparelho e as ferramentas com que trabalha o artesão e o operário [...], aparecem como ferramenta de um mecanismo ou como ferramenta mecânicas (ANTUNES, 2013, p.69-70).

Tanto as ferramentas quanto as máquinas, são meios de produção. Os meios de produção vão sendo aperfeiçoadas, modificados e, novos meios surgem para atender as mais distintas necessidades, nas mais distintas ordens sociais. “O revolucionamento do modo de produção numa esfera da indústria condiciona o seu revolucionamento na outra” (ANTUNES, 2013, p.84).

Assim, a invenção do rádio, tornou necessária a indústria de transmissores de ondas de rádio, que por sua vez impulsionou a indústria de torres de transmissão, que por sua vez impulsionou a indústria siderúrgica etc. O revolucionamento nos meios de produção, é acompanhada pelo revolucionamento na forma social do trabalho, e por relação de causa e consequência, todo o tecido social é modificado.

Os meios de produção adequados a atividade do trabalho, deve ser capaz de articular a causalidade (necessidade) e o pôr teleológico (finalidade). A forma como essa articulação acontece, varia de uma ordem social para outra. Nas sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, com a divisão do trabalho, e sobretudo, com a substituição do trabalho pelo trabalho abstrato, a articulação entre causalidade e pôr teleológico é significativamente diferente, quando comparado com as sociedades medievais.

Marx (1974), na Introdução à Crítica da Economia Política,

quando se trata, pois de produção, trata-se da produção em um grau determinado do desenvolvimento social, da produção dos indivíduos sociais. Por isso, poderia parecer que ao falar da produção em geral seria preciso quer seguir o processo de desenvolvimento e suas diferentes fases, quer declarar desde o primeiro momento que se trata de uma determinada época histórica, da produção burguesa moderna, por exemplo, que propriamente constitui o nosso tema. (MARX, 1974, p.110)

Obviamente não ser possível, fazer a análise da sociedade atual em sua profundidade, mas no que diz respeito as TDIC's como meios de produção, iremos fazer alguns breves apontamentos, daqueles momentos históricos, que julgamos ser determinantes para a sua existência.

Tanto as ferramentas quanto as máquinas, são meios de produção. Os meios de produção vão sendo aperfeiçoadas, modificados e, novos meios surgem para atender as mais distintas necessidades, nas mais distintas ordens sociais. “O revolucionamento do modo de produção numa esfera da indústria condiciona o seu revolucionamento na outra” (ANTUNES, 2013, p.84).

Assim, a invenção do rádio, tornou necessária a indústria de transmissores de ondas de rádio, que por sua vez impulsionou a indústria de torres de transmissão, que por sua vez impulsionou a indústria siderúrgica etc. O revolucionamento nos meios de produção, é

acompanhada pelo revolucionamento na forma social do trabalho, e por relação de causa e consequência, todo o tecido social é modificado.

Os meios de produção adequados a atividade do trabalho, deve ser capaz de articular a causalidade (necessidade) e o pôr teleológico (finalidade). A forma como essa articulação acontece, varia de uma ordem social para outra. Nas sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, com a divisão do trabalho, e sobretudo, com a substituição do trabalho pelo trabalho abstrato, a articulação entre causalidade e pôr teleológico é significativamente diferente, quando comparado com as sociedades medievais.

Marx (1974), na Introdução à Crítica da Economia Política,

quando se trata, pois de produção, trata-se da produção em um grau determinado do desenvolvimento social, da produção dos indivíduos sociais. Por isso, poderia parecer que ao falar da produção em geral seria preciso quer seguir o processo de desenvolvimento e suas diferentes fases, quer declarar desde o primeiro momento que se trata de uma determinada época histórica, da produção burguesa moderna, por exemplo, que propriamente constitui o nosso tema. (MARX, 1974, p.110)

Obviamente não ser possível, fazer a análise da sociedade atual em sua profundidade, mas no que diz respeito as TDIC's como meios de produção, iremos fazer alguns breves apontamentos, daqueles momentos históricos, que julgamos ser determinantes para a sua existência.

3.1 A Consciência e a Consciência filosófica.

Vimos que as TDICs, como meios de produção, servem para que o trabalho articule a causa e o pôr teleológico. Essa articulação, é um processo consciente, e não algo meramente determinado pela causalidade. É a consciência que põe o pôr teleológico, desencadeado por uma causa (necessidade), porém, nem sempre o pôr teleológico é alcançado. Pois existem forças desconhecidas que influenciam o movimento, realizado pela consciência.

Por isso, a consciência, deve ser “[...] estudada concretamente como aspecto da totalidade histórica à qual pertence, como etapa do processo histórico em que age” (LUKÁCS, 22003, p.139-140). Essa compreensão, leva em conta, que a análise da consciência, deve partir da realidade concreta, tal qual é construída pela práxis humana. Neste caso, essa realidade corresponde as sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento, que são caracterizadas por uma racionalidade tecnológica totalizante

Partimos também do entendimento, de que a consciência é parte de uma totalidade, possuindo, nesse caso, possui uma relativa autonomia. Essa totalidade é o conjunto social, que foi e é construído constantemente pelo homem. A relativa autonomia, diz respeito ao fato de que a consciência é produzida pela totalidade social, mas que também é determinada pela vontade singular e por forças, que ora tratamos como desconhecidas.

Ela é produto de um determinado processo de produção e divisão social do trabalho, em que a divisão social do trabalho criou classes sociais antagonicamente e distintas. A consciência, então, só existe dentro de uma certa ordem social, em que as relações sociais, não são entre indivíduos, mas entre o engenheiro e o agricultor, entre o empresário e o operário, entre o médico e o técnico de enfermagem etc.

Nesse arcabouço, Marx e Engels (2007, p.34), na Ideologia alemã afirmam:

a consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do mundo sensível *mais imediato* e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza quem inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante da qual se deixam impressionar com o gado; é, desse modo, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural) – e, por outro lado, a consciência da necessidade de firmar relações com os indivíduos que o cercam constitui o começo da consciência de que o homem definitivamente vive numa sociedade.

Marx e Engels (2007), demonstram, inicialmente, o que a consciência é. Esse tipo de consciência, destacado por eles, é o estágio mais primitivo, situação da qual o homem se diferencia de um cachorro, pelo fato de a consciência substituir o instinto. Enquanto o cachorro age mecanicamente, impelido por sua condição biológica e limitado por ela, o homem não fica preso aos seus instintos e nem é limitado a agir segundo sua estrutura biológica, a sua consciência o permite ir muito além do mero ato mecânico que é determinado por seus impulsos bioquímicos.

Nesse sentido,

Pero no podemos captar su peculiaridad si no tomamos conocimiento de que um ser socia solo puede surgir y seguir desarrollándose sobre la base de um ser orgánico y este último, a su vez, slo a partir la base de um ser inorgánico. La ciencia comienza ya a descubrir las formas preparatorias de transición de um modo del ser a outro (LUKÁCS, 2004, p.37).

Lukács (2004), no texto “Ontología del ser social: Eltrabajo”, demonstra que existe três esferas do ser, sendo o ser social a mais avançadas. Para ele, ontologicamente falando, ao longo da história natural, houve a passagem do ser mineral, para o biológico e depois para o social. A passagem de um ser para outro, só a ciência pode explicar.

Además, ya han sido expuestas las categorías más importantes, em principio, de las más complejas, em contraposición con las más simples: la reproducción de la vida, por oposición a la mera modificación; adaptación activa, orientada a transformar conscientemente el ambiente, por oposición a la adaptación meramente pasiva.

También se há hecho claro que la forma del ser más simple, aun cuando pueda producir muchas categorías transicionales, se encuentra separada por um salto de la auténtica constitución de la forma del ser más compleja; esta es algo cualitativamente nuevo, cuya génesis no puede ser simplemente “deducida” de la forma más simples (LUKÁCS, 2004, p.37).

Lukács (2004, p.38) continua,

O processo de reprodução assume, em la natureza orgânica, formas cada vez más educuadas a su esencia genuína; se convierte de manera cada vez más decisiva em um ser sui generis, si bien el hecho de basarse em los fundamentos originários del ser nunca puede ser superadio. Ya que aqui no podemos esbozar siqueira este complejo de problemas, señalemos que la evolución ascendente del processo de reproducción orgânico, el devenir biológico cada vez más puro y expreso em sentido estricto, también conforma, com ayuda de las percepciones sensibles, um tido de consciência, um importante epifenômeno, como um órgano superior de su funcionamiento efectivo.

Com o processo de reprodução orgânica assumindo formas cada vez mais complexas, o surgimento da consciência é considerado o momento predominante em que ocorre o salto ontológico, em que se tem a transição entre o ser orgânico para o ser social. Mais esse salto, só é efetivado pelo trabalho. É o momento em que o homem passa a não mais depende só das forças da natureza, agora ele é capaz de ir muito além dela.

La esencial del trabajo consiste, justamente, en la capacidade de rebasar la fijación del ser viviente em la relación biológica com su ambiente. El momento esencialmente distintivo no está dado po la perfección de los produtos, sino por el papel de la consciência, que precisamente aqui cesa de ser um mero efifenômeno de la reproducción biológica: el produto es, disse Marx, um resultado que al comienzo del processo estaba presente “ya em la mente del obrero”, es decir, de um modo ideal.

É como mostrou Marx e Engels (2007), já haviam demonstrado, a consciência quando surge, uma consciência gregária, marcada pela distinção entre ato puramente instintivo e ato consciente na relação humana com a natureza. Trata-se da gênese e distinção entre consciência e seu oposto. Por isso que “[...] Marx concebia la consciência como um producto tardio de la evolución ontológica material” (LUKÁCS, 2004, p.37).

Paece, quizás, illamativo que justamente em la delimitación materialista entre el ser de natuleza orgânica y el ser social, se atribuya a la consciência um papel tan decisivo. Pero no hay que olvidar que los complexos de problemas que aqui se presentan (su tipo más elevado es el de libertad y necesidad) solo pueden recibir um sentido auténtico – precisamente, de modo ontológico – gracias a uma participación activa de la consciência. En tanto l ala consciência no llega a constituirse e absoluto. Por el controrio, siempre que se assigna objetivamente um papel semejante a la consciência, se atribuye a esta la resolución de esas oposicioner (LUKÁCS, 2004, p.38).

A consciência só pode ser entendida, com a devida compreensão, tendo o “trabalho como mediador do metabolismo da sociedade com a natureza” (LUKÁCS, 2003, p.15). Ao fazer tal afirmação, no espirito marxista, a consciência é o marco distintivo, não apenas do saber fazer, mas de um fazer consciente. Concepção que põe o homem, não como um ser passível ou mero produtor, mas como sujeito que cria a si mesmo e a outros, determinado por condições históricas e pela consciência.

Como já expusemos, o homem por necessidades, se apropria da natureza e produz objetos, que tem como finalidade, satisfazer tais necessidades. Isso implica a existência de um

processo mediado pelo trabalho. Na medida que o homem satisfaz suas necessidades, outras surgem. Essa relação, se complexifica constantemente, influenciadas por forças motrizes aparentes e não aparentes. Lukács expõe, que se trata da articulação pelo trabalho da causa e pôr teleológico.

O pôr teleológico é posto pela consciência. O pôr teleológico, só é, por causa da causa. É uma relação de dependência, mas ambos com existência própria, mesmo sendo dependentes entre si. Assim, a consciência põe o pôr teleológico, por que é condicionada pela causa. Essa causa é uma necessidade: carência de algo. O pôr teleológico, é a finalidade almejada pela causa. A consciência pega a causa e a põe como pôr teleológico. Pelo trabalho, o pôr teleológico é transformado em objeto, mas a causa não deixa de ser causa, nem o pôr teleológico deixa de ser pôr teleológico, o que há em um salto de um para outro, conduzido pelo trabalho.

Esse quadro, demonstra como o homem torna seu mundo por meio da própria consciência, ao articular causa e o pôr teleológica pelo trabalho, criando uma realidade objetiva nova. Com isso, o homem é um ser ativo, cria a si mesmo. Está em um processo continua de construção do novo. Ele não é uma coisa, ele é o conjunto das relações sociais. Por isso não temos algo que afirme: isto é humano, mas apenas o homem se torna humano, na medida que cria a si mesmo, em um processo continua.

Trata-se de que as decisões humanas, tem uma importância determinante nos seus destinos. Para Lessa (2007, p.128),

indiscutível, todavia, que para os indivíduos que vivem nas sociedades capitalistas, a consciência de que seus atos têm importância na determinação de seu “destino” é parte integrante da essência de seu ser.

A gênese e desenvolvimento dessa consciência assumiram a forma historicamente concreta de uma oposição entre indivíduo e sociedade.

Para evitar certos equívocos e com a intenção de demonstrar o que é a consciência e como ela surge, é importante esclarecer, que está objeto de estudo as sociedades capitalistas. Nesse caso, afirmamos que estas sociedades estão em um processo continuo de mudanças. Isso é acontecimento “[...] por meio da produtividade aumentada, do incremento das necessidades e do aumento da população, que é a base dois primeiros” (MARX; ENGELS, 2007, p.35).

Com isso, desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que a divisão do trabalho sexual e, em seguida, divisão do trabalho que, em consequência de disposição naturais (por exemplo, a força corporal), necessidades, causalidades etc. etc., desenvolve-se por si próprio ou naturalmente. A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão do trabalho material e [trabalho] espiritual. A partir desse momento, a consciência *pode* realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar o real – a partir de então, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “puras”. Mas mesmo que essa teoria, essa teologia, essa filosofia, essa moral etc. entram em contradição com as relações existentes, isto

só pode se dar porque as relações sociais existentes estão em contradição com as forças de produção existentes. (MARX; ENGELS, 2007, p.35-36)

Desse modo, logo que o trabalho começa a ser dividido, cada um, passa a ter um campo de trabalho próprio, quando juntos, constroem suas vidas, o mundo, de um modo geral. E assim o homem constrói sua história, sua existência. A consciência, portanto, surge na história. Ela é, um produto das relações produtivas ao longo da história. A necessidade de intercâmbio, dos homens entre si e das nações entre nações.

Marx (1974, p.58), na VIII tese contra Feuerbach, assevera que “toda vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios, que induzem às doutrinas do misticismo, encontram sua solução racional na *práxis* humana”. Aqui, é uma demonstração de que a realidade é realidade material e, esta, é produto humano. A consciência, é consciência dessa dimensão.

A consciência, com a divisão do trabalho, cada vez mais intenso e complexo, na medida que as relações produtivas se desenvolvem, perde a dimensão de perceber sua práxis. Lukács (2007), expõe que Engels numa carta a Mehring, fala em falsa consciência, o fato de que os homens não executam conscientemente seus atos históricos. Nesse caso, a compreensão da falsa consciência deve acontecer juntamente “[...] como aspecto da totalidade histórica à qual pertence, como etapa do processo histórico em que age” (LUKÁCS, 2003, p.140).

Lukács (2003) trata essa questão, fazendo uso da categoria de estranhamento. Segundo Lessa (2002), essa categoria relaciona-se com o trabalho. Mais entre esses dois complexos, interpõe uma malha de mediações que desempenha um papel decisivo em sua consubstanciação a cada momento histórico. “Neste sentido preciso, são processualidades que não se explicitam plenamente a não ser na esfera da reprodução social; situam-se predominantemente nas relações entre os homens [...]” (LUKÁCS, 2002, p.154).

No materialismo histórico-dialético, o momento determinante, como destaca Engels (2012, p.18), no Prefácio de 1884 de A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, “[...] da história é, em última instância, a produção e a reprodução (*Reproduktion*) da vida imediata”. No entanto, há duas facetas nessa afirmação. A primeira é a produção dos bens necessários a sobrevivência e do outro a produção de homens. Qualquer ordem social, em qualquer período histórico está condicionado a esse determinismo natural.

Por isso, o pensamento humano, o modo como constrói e interpreta ideias, até mesmo como imagina o mundo, é um processo que se inicia com dados exteriores e só depois interioridade. O pensamento não aparece na história sem uma base material, por causa disso, cada forma de pensamento, reflete uma certa estrutura social que é resultado da forma como os

homens produzem sua vida. Sobretudo, por que o homem, só se realizam no processo histórico, quando é capaz de não só pensar mais, também, de saber que o mundo que vive é sua criação.

Assim, a consciência aparece na história em diferentes formas e estágios, pertencente a um tipo de pensamento. Nas sociedades industriais avançadas, com a quase total eliminação do trabalho pela automação e, com a expansão do trabalho abstrato ou improdutivo, a consciência sofreu grandes alterações na forma de operar. Como já exposto, as sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento, têm sua base de sustentação nas necessidades artificiais. A existência de uma certa consciência superior, é totalmente eliminado ou impossibilitado de vir a existir.

Marx (1974) nos Manuscritos econômicos-filosóficos, aponta o homem como um ser natural, pois tem sua natureza fora de si, ou seja, tem carecimentos e com isso precisa objetos exteriores essenciais. Isso significa, que ele tem realidade objetiva, então, ele é realidade real. Mas o homem também é humano e como tudo que é natural deve nascer, com isso o homem possui seu ato de nascimento. Isso acontece na história, que “[...] para ele é uma história consciente, e que, portanto, como ato de nascimento acompanhado de consciência [...]” (MARX, 1974, p.47).

A consciência, é o complexo que põe em movimento o ser do homem. O pôr em movimento, não deve ser entendido como um a *priori*, mas como um a *posteri*. Isto é, a consciência coloca o pôr teleológico desencadeado por uma causa exterior. Através do trabalho esse pôr teleológico, transformar-se em objeto, nesse interim, o ser do homem se constitui. É importante assinalar, que o homem está em processo contínuo de construção. O ser do homem, nesse caso, é a síntese da totalidade social, que é dinâmica.

A consciência, como demonstramos, põe o pôr teleológico, por isso, tem papel determinante na totalidade social, já que seus atos possuem várias implicações. Ao pôr fins, ela passa a operar em uma rede de nexos e de relações determinadas. Com isso

pôr, nesse contexto, não significa, portanto, um mero elevar-à-consciência, como acontece com outras categorias e especialmente com a causalidade; ao contrário, aqui, com o ato de pôr, a consciência dá início a um processo real, exatamente ao processo teleológico. Assim, o pôr tem, nesse caso, um caráter irrevogavelmente ontológico. Em consequência, conceber teleologicamente a natureza e a história implica não somente que ambas possuem um caráter de finalidade, que estão voltadas para um fim, mas também que sua existência, seu movimento, no conjunto e nos detalhes devem ter um autor consciente (LUKÁCS, 2007, p.48).

No modo de produção capitalista, o pôr teleológico, quase sempre visa a produção de objetos que satisfaçam as necessidades artificiais, as quais sempre renascem. Situação que leva, a um predomínio do trabalho abstrato em detrimento do trabalho. Nessa configuração, o mundo, mesmo sendo uma esfera exterior ao homem, por ser resultado de sua atividade, não é

totalmente autônomo. Mas o mundo tem poder sobre o homem. Ou seja, mesmo o homem produzindo o mundo o mundo o produz.

Todavia,

é pelo trabalho que Marx chega a conclusões a cerca do estranhamento (entfremdung) em sociedades de formação pré-capitalista, sociedades cujo caráter de exploração e apropriação do excedente estão em sintonia com um pressupostos econômico que não é privilégio único do capitalismo, apesar da impossibilidade de generalização absoluta, nessas sociedades, de tal pressuposto, ou seja, a compra e venda da força de trabalho como mercadoria (RANIERI, 2006, p.70).

Não obstante, como o trabalho mediador, não apenas cria objetos para a satisfação de necessidades, mas também as cria.

Este é o lugar da interação (em vez de oposição) entre sujeito e objeto: a produção é incorporação social, ou seja, uma apropriação oriunda da atividade. Isto é, toda atividade humana está determinada por um certo gradiente de intencionalidades – a consciência é responsável tanto pela reprodução conceitual (a abstração que coloca no centro da atividade, ao mesmo tempo, a conexão entre meios e fins e também a ideação prévia, autônoma, do objeto) como pela reprodução espiritual, este sim resultado da atividade mais complexa do ser humano, na esfera de criação já distanciada da relação imediata entre homem e natureza, mas cuja complexificação só se tornou possível graças à sociabilização primeira do elemento natural. (RANIERI, 2006, p.70-71).

As realizações sociais do trabalho não só permitiram ao homem, ter suas necessidades existências satisfeitas, mas o aprisionou em uma lógica produtiva que só se perpetua, por que foi dominado. Essa situação não aconteceu por acaso (não é do nosso interesse nos aprofundamos nesse assunto), é resultado de um longo processo histórico em que o homem está submetido. Isto é, as criações humanas tornaram-se mais poderosas do que eles. Não possuem mais controle, são dominados, escravizados e, sem perspectiva de libertação.

Os avanços que o homem promoveu e promove, inviabiliza a consciência transformar-se em consciência filosófica. Termo cunhado pelo filósofo hispânico-mexicano Adolfo Sánchez Vázquez.

[...] uma consciência que capte o conteúdo da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc.), assim como suas manifestações particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos. Essa consciência é que se foi historicamente aperfeiçoando através de um longo processo que é a própria história do pensamento humano, condicionado pela história inteira do homem como ser ativo e prático, a partir de uma consciência ingênua ou empírica da práxis até sua consciência filosófica que capta sua verdade – uma verdade que nunca se encerra e nunca é absoluta – com o marxismo. (VAZQUEZ, 1986, p.15-16)

Essa é a consciência de classe, mas especificamente da classe dos trabalhadores. São eles que produzem os bens necessários indispensáveis a sobrevivência. A consciência filosófica, possibilita ao trabalhador, se perceber como promotor da história, como aquele por meio do trabalho, coloca sua humanidade no objeto produzido, assim, quanto mais valoriza o

objeto menos humano ele é. Dessa forma, ser consciente, significa ser capaz compreender que o objeto só pode ser compreendido na medida que compreende a si mesmo, sua história.

Nesse interim, Lukács (2003), no Prefácio de 1967, do seu livro *História e Consciência de Classe*, afirma: “em oposição à consciência trade-unionista que surge espontaneamente, a consciência de classe socialista é trazida “de fora” ao operário, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operário e patrões” (LUKÁCS, 2003, p.18). Com isso, a consciência é resultado do autêntico movimento produtivo humano, mas para que tenha uma consciência consciente de seus atos, é necessário fazer um percurso em desacordo com a lógica produtiva dominante. Nesse caso, a consciência socialista, como mostra Lukács (2003), precisa de elementos ‘marginais’. Dessa forma, essa consciência é a que chamamos de consciência filosófica, que é aquela que deve promover a revolução.

Para ela ser real, é necessário efetivar-se, pois não basta sua expressão teórica, pelo contrário a sua existência não se efetiva, fica apenas no plano da possibilidade. E como já demonstramos aqui, Marx (1974) expôs nos *Manuscritos econômicos-filosóficos*, que não basta interpretar a realidade é necessário transformá-la.

Atualmente, essa consciência não passa de um ideal. Isso fica evidente na análise que Herbert Marcuse (2015), tece sobre a cultura de massa. Para ele as realizações e os fracassos das sociedades indústrias avançadas ou em desenvolvimento, impossibilitaram a cultura superior: “a celebração da personalidade autônoma, do humanismo, do amor trágico e romântico parece ser o ideal de uma etapa anterior de desenvolvimento” (MARCUSE, 2015, p.85).

Lukács (2013) demonstra como a automação, fez com que o trabalho abstrato fosse realizado pelo homem, enquanto o trabalho socialmente necessário, fosse realizado pelas máquinas. Essa configuração do trabalho, piora a percepção que o homem tem de si mesmo. Como percebe como um ser ativo e produtor se seu trabalho tornou-se obsoleto?

O trabalho do professor, não é trabalho socialmente necessário. O que ele produz é a mais-valia. Assim também é o engenheiro, o vendedor de loja, o motorista etc., todos estes podem ser substituídos por uma máquina. No lugar do professor, pode-se contratar um ator, como é o caso do TeleCurso⁸, produzido pela Fundação Roberto Marinho e pelo sistema FIESP

⁸ **Telecurso** é um sistema educacional de educação a distância brasileiro mantido pela Fundação Roberto Marinho e pelo sistema FIESP. Idealizado e criado pelo jornalista Francisco Calazans Fernandes, o programa consiste em *teleaulas* das últimas séries do ensino fundamental (antigo 1º grau, ou ginásio) e do ensino médio (2º grau, ou colégio) que podem ser assistidas em casa ou em telessalas. Também existe a modalidade *profissionalizante* em mecânica. O programa era exibido simultaneamente em parceria pela Rede Globo, TV Cultura, TV Brasil e Canal Futura. As emissoras TV Aparecida e Rede Vida também chegaram a

– Federação das Indústrias de São Paulo. O trabalho do Engenheiro pode ser realizado por um programa de computador ou um computador substitui o vendedor de lojas, como já acontecem.

Em contraste com o conceito marxiano, que denota a relação do homem consigo mesmo e com seu trabalho na sociedade capitalista, a *alienação artística* é a transcendência consciente da existência mediatizada – uma alienação de “nível mais alto” ou uma alienação mediatizada (MARCUSE, 2015, p.88).

A abertura a novas possibilidades de mundo, a própria emancipação humana, passa a ser apenas obra de ficção literária. Como as necessidades não são mais reais, tudo é produzido para que o homem não se dê o trabalho de pensar. A simplificação e otimização na produção de objetos, que na aparência deveria liberar o homem do trabalho, criou uma realidade fictícia, capaz apenas de prometer um possível estado de beatitude.

Nessa dimensão, uma análise mais próxima da realidade, é aquela que trata o homem não como um ser meramente singular, mas como um sujeito participe uma totalidade. O que ele é, não depende apenas da sua atividade singular, mas também das influências que sofre e que determina o seu eu.

Pois é somente nessa relação que se revela a consciência que os homens têm de sua existência, em todas as suas determinações essenciais. De um lado, aparece como algo *subjetivamente* justificado na situação social e histórica, como algo que pode e deve ser compreendido enquanto “correto”. Ao mesmo tempo, aparece como algo que, *objetivamente*, é passageiro em relação à essência do desenvolvimento social, não se conhece e não se exprime adequadamente, portanto, como “falsa consciência”. Por outro lado, na mesma relação, essa consciência revela não ter conseguido alcançar *subjetivamente* os fins que atribui a si mesma, enquanto promoveu e atingiu os fins *objetivos* do desenvolvimento social, que ela não conhecia e não desejou (LUKÁCS, 2003, p.140-141).

A questão aqui, é o fato que a consciência opera determinado e influência por forças que ela desconhece. Além do mais, por ser sempre consciência em um determina totalidade social, ela não possui mecânicos suficientes para furar o tecido que esconde a realidade.

Essa determinação duplamente dialética da “falsa consciência” permite não trata-la mais como uma análise que se limite a descrever o que os homens pensaram, sentiram e desejaram efetivamente sob condições históricas determinadas, em situações de classe [...] A relação com a totalidade concreta e as determinações dialéticas dela resultantes superam as simples descrição e chega-se à categoria da possibilidade objetiva. Ao se relacionar a consciência com a totalidade da sociedade, torna-se possível reconhecer os pensamentos e os sentimentos que os homens *teriam tido* numa determinada situação da sua vida, se *tivessem sido capazes de compreender perfeitamente* essa situação e os interesses dela decorrentes, tanto em relação à ação imediata, quanto em relação à estrutura de toda a sociedade com duas situações objetivas (LUKÁCS, 2013, p.141)

Por isso, o homem, sendo incapaz de perceber sua atividade, torna-se mero objeto manipulável. Não como se fosse um estado hipnótico, em fosse conduzido como marionete.

Trata-se de um tipo de existência, que se estabeleceu e agora o domina no processo produtivo. A sua capacidade de distinguir o realmente necessário do dispensável, é a própria estrutura social totalizante, ou seja, a relação apartada que aparece o sujeito com o objeto, é resultado do modo de produção que sempre existiu nas sociedades capitalistas e, que complexificou nas sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento.

A estrutura da consciência, opera, como opera a totalidade social. A lógica reprodutiva, é a mesma na mente. A forma de resolver problemas, de organizar ideias, de sistematizar juízos, segue o mesmo padrão de como da lógica produtiva. As imagens não são outras senão as que interessa ao capital.

As sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento são divididas por classes, como todas as outras sociedades capitalistas. A diferença aqui, é que essa divisão, não é aparente. Na época de Marx, essa divisão era evidente. A classe do lumpem-proletário, era uma classe extremamente explorada. Não possuem direitos trabalhistas, trabalhavam em situações desumanas, viviam em alojamentos insalubres etc. Enquanto, os capitalistas, tinham todos os luxos que o trabalho pode produzir.

Nas sociedades industriais avançadas, o trabalhador não percebe sua exploração, pois se ele tem trabalho, é possível comprar os alimentos que precisa para sobreviver. Há sistemas de saúde pública, tem-se um sistema previdenciário, direitos trabalhistas. O trabalhador pode pedir empréstimos, não existe (de forma evidente) medo de escassez de alimentos. Os filhos dos trabalhadores frequentam escolas, ele tem direito a férias, pode viajar com a família na sua folga. Ou seja, é uma sociedade de bem-estar aparente, de um comodismo apavorante. Qualquer oposição ou tentativa de se opor, é imediatamente sufocada.

Essa determinação social, produziu uma consciência para lhe servir e justificar. Lukács, em *História e Consciência de Classe*, ao analisar a consciência de classe, demonstra que a média dos trabalhadores não tem consciência de classe, não pensam segundo sua classe. “[...] A distância que separa a consciência de classe das ideias empíricas efetivas e daquelas psicologicamente descritíveis e explicáveis que os homens fazem de sua situação de vida” (LUKÁCS, 2003, p142) é bem grande.

Ele se põe a investigar, se essa distância varia conforme as questões econômicas e social, da qual os homens fazem parte. Destarte, nos parece bem apropriadas, as respostas que Herbert Marcuse a essas questões.

Mas Lukács, aponta que

[...] do ponto de vista formal, a consciência de classe é, ao mesmo tempo, uma *inconsciência* determinada conforme a classe, de sua própria situação econômica, histórica e social. Essa situação é dada como uma relação estrutural determinada,

como um nexos formal definido, que parece dominar todos os objetos da vida. Consequentemente, a “falsidade”, e a “ilusão” contidas em tal situação real não são arbitrárias, mas, ao contrário, a expressão mental da estrutura econômica e objetiva (LUKÁCS, 2003, p.143)

Ora, demonstrar a terceiros a sua situação real, apontando as ilusões e as distorções na forma de conceber a si e a outrem, é um processo histórico e que depende de bases materiais que favoreçam, não apenas desmascarar realmente as ilusões mais também desenvolver, desde a sua origem, uma consciência de classe autêntica.

Pois, se a sociedade atual não pode ser percebida de modo algum na sua totalidade a partir de uma situação de classe determinada, se a própria reflexão consciente, levada até o extremo e incidindo sobre os interesses da classe, reflexão essa que se pode atribuir a uma classe, não disser respeito à totalidade da sociedade, então essa classe só poderá desempenhar um papel subordinado e nunca poderá intervir na marcha da história como fator de conservação ou de progresso. Tais classe estão, em geral, predestinadas à passividade, a uma oscilação inconsequente de um caráter elementar, vazio e sem finalidade e, mesmo em caso de vitória acidental, estão condenadas a uma derrota final (LUKÁCS, 2003, p.144)

Hebert Marcuse, fala que não existe mais uma classe revolucionária. A sociedade totalizante eliminou qualquer oposição a ela. Perceber sua situação, como Lukács vai expor mais adiante em História e Consciência de Classe e, mesmo, Marcuse, no seu Homem Unidimensional, quando se pergunta o que fazer para superar a racionalidade tecnológica, é um episódio que a história não deixa muito otimista.

“Estamos diante de um novo sistema que restaura as piores formas de dominação, servidão e exploração, constringendo todos a se baterem contra todos para obter um trabalho precário”, destaca Sanson (2014, p.32). Rech (2014, p.38), por sua vez, fala de um “sistema” que “[...] se apresenta depois de anunciado o fim da história, com o dogma do pensamento único, ao qual não se apresentam alternativas. Ele se apresenta como triunfante e se reveste do manto a globalização, sob a hegemonia do neoliberalismo”.

Mészáros (2008, p.63-64) fala em

O inevitável fracasso em revelar a verdadeira preocupação do reformismo decorre da sua incapacidade de sustentar a *validade atemporal* da ordem política e socioeconômica estabelecida. É, na realidade, totalmente inconcebível sustentar a validade atemporal e a permanência de qualquer coisa *criada historicamente*. É isso que torna inevitável, em todas as variedades sociopolíticas do reformismo, tentar desviar a atenção das determinações sistêmicas – que no final das contas definem o caráter de todas as questões vitais – para discussão mais ou menos aleatórias sobre efeitos específicos enquanto se deixa a sua incorrigível *base causal* não só incontestavelmente permanente como também omissa.

Isso nos levar a perceber a consciência, presente nas sociedades industriais avançadas, como o próprio sistema. Ou seja, não podemos pensar uma consciência, seja ela qual for, sem antes conceber, que sua base de existencial é a própria realidade objetiva. Como vemos, a realidade objetiva é produzida pelos homens. Mais as forças que controla essa produção, são as

mais distintas possíveis. A produção é influenciada por uma série de nexos, causas e interesses, que fogem completamente ao controle humano.

Cada sujeito singular, por mais que possua vontades particulares, só pode desejar aquilo que esteja no horizonte do possível. Esse horizonte do possível é compartilhado por todos, inclusive é a síntese das vontades individuais. A consciência, então, se desenvolve estabelecendo relações com esse horizonte do possível. É oportuno destacar, que essa ideia trás uma série de problemas, como é a questão da ideação (já tratamos brevemente aqui) e da idealização.

Como a consciência do homem comum pode ir além do horizonte possível (os limites do capital), se a forma que sua consciência opera não permite ir além? E ainda, como ir além do horizonte do possível se os meios de produção da sua vida, estão configurados para justificar um tipo de sociedade? Nesse sentido, na próxima seção, iremos analisar se as TDIC's, desenvolvem a consciência filosófica. Para isso, queremos saber: quais são as dificuldades e as potencialidades que as TDIC's, no ensino formal, possuem para o desenvolvimento da consciência filosófica?

4. AS TDIC's COMO MEIOS DE PRODUÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.

4.1 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: desenvolvimento da consciência filosófica ou adequação a lógica produtiva capitalista?

Parece pairar sobre a humanidade uma nova verdade inquestionável. Uma verdade, que não possui oposição, totalitária. Essa verdade é aquela que leva a entender, que uso das TDIC's – Tecnologia Digitais da Informação e Comunicação –, em todos os setores da vida social, proporcionará, enfim, a tão desejada felicidade. A felicidade, aqui, é sempre a que está de acordo com a lógica do capital. Essa lógica exige sacrifícios humanos. Desapegos. Seu uso na educação formal (desenvolvida nas escolas de ensino básico do Brasil⁹), se apresenta como verdade inquestionável que proporcionará a qualidade que tanto se busca.

Ricardo Antunes (2018), no livro *o Privilégio da Servidão*, dando continuidade à sua pesquisa sobre a nova *morfologia do trabalho*, analisa como o tão desejado fim do trabalho, que seria o momento em que o homem se libertaria do trabalho para viver o ócio da felicidade, que chegaria com o uso, cada vez mais intenso das máquinas (e TDIC's), na produção de bens necessários a sobrevivência humana, intensificou a exploração do trabalhador.

A "longa transformação" do capital chegou à era da financerização e da mundialização em escala global, introduzindo uma *nova divisão internacional do trabalho*, que apresenta uma clara tendência, quer intensificando os níveis de precarização e informalidade, quer se direcionando à "intelectualização" do trabalho. Especialmente nas TICs. Não raro, as duas tendências se mesclam e sofrem um processo de simbiose. (ANTUNES, 2018, p.30)

Um aspecto importante dessa tendência, é o uso cada vez mais intenso das TDIC's na educação formal. Essas TDIC's, compreendidas aqui, como meios de produção, estão tendo impactos significativos no trabalho desenvolvido pelos profissionais da educação e, também, na qualidade do ensino ofertada, tendo dessa forma, alterações extremamente acentuadas na formação escolar dos alunos.

Nesse aspecto, será que essa situação não está levando o capital a ampliar o seu controle, de forma mais intensa e consensual, nos diferentes setores sociais, avançando até sobre aqueles que eram, até certo momento, espaços de resistência? A resposta a essa problematização, não

⁹ Essa observação é necessária pelo fato de que, normalmente, se fala em educação geral, desenvolvida nas famílias, igrejas, associação de bairros etc. Neste caso, trata-se da educação desenvolvida nas escolas.

nos parece ser simples, mas o que vemos é a paulatina substituição de professores por TDIC's, sem que haja uma voz dissonante que ecoe para além de conversas ocasionais ou trabalhos acadêmicos guardado em alguma universidade, por exemplo.

O resultado dessa processualidade é que em todos os espaços possíveis, os capitais convertem o trabalho em *potencial* gerador de mais-valor, o que inclui desde as ocupações, tendencialmente em retração em escala global, que ainda estabelecem relações de trabalho pautadas pela formalidade e contratualidade, até aquelas claramente caracterizadas pela informalidade e flexibilidade, não importando se suas atividades são mais intelectualizadas ou mais manuais. (ANTUNES, 2018, p.31).

Marcuse (2015), fala em transmutação da ideia de razão, que é o universo totalitário da racionalidade tecnológica. Universo, que não podemos esquecer, compõe a sociedade unidimensional, que estende seus tentáculos a todos os níveis da existência humana. Essa situação, é um dos muitos momentos em que a lógica da dominação estende seus domínios, sempre mais intensos, sobre a totalidade social. O esboço desse fechamento de horizontes, está baseado em conceitos básicos de homem e natureza, que expressam a continuidade da lógica do capital.

Lukács (2003), defende que isso acontece porque o pensamento burguês possui uma barreira intransponível, que é a apologia da ordem existente das coisas ou, pelo menos, a demonstração de sua imutabilidade.

O dilema revela simplesmente que o antagonismo próprio da ordem da produção capitalista se reflete nessas concepções opostas e excludentes a propósito de um mesmo objeto. Pois, na consideração “sociológica” conforme a lei naquela formulação-racional da história, exprime-se justamente o abandono dos homens da sociedade burguesa às forças produtivas. “*O seu próprio movimento social*”, diz Marx, “possui para eles a forma de um movimento de coisas, ao controle das quais se encontram submetidos em vez de controla-las”. (LUKÁCS, 2003, p.138)

Cabe ressaltar, nesse contexto, que as TDIC's estão sendo utilizadas, pelos profissionais da educação, pelo menos aparentemente, sem a devida consciência de que são resultados da forma como o capital muda para manter e ampliar seu controle.

A consciência feliz – a crença de que o real é racional e que o sistema entrega os bens – reflete o novo conformismo que é uma faceta da racionalidade tecnológica traduzida em comportamentos social. É um novo porque é racional a um grau sem precedente. Sustenta uma sociedade que reduziu – e em suas mais avançadas áreas eliminou – a irracionalidade mais primitiva de estágios anteriores, que prolonga e melhora a vida com mais regularidade do que antes. [...] O poder sobre o homem, que essa sociedade adquiriu, é diariamente absorvido por sua eficácia e produtividade. Quando assimila tudo que toca, quando absorve a oposição, quando joga com a contradição, demonstra sua superioridade cultural. E, do mesmo modo, a destruição de recursos e a intensificação do desperdício [*waste*] demonstra sua opulência e os “alto níveis de bem-estar”: “a Comunidade está muito bem para se importar”. (MARCUSE, 2011, p.107-108)

Cabe então nos questionar: é possível o desenvolvimento da consciência filosófica, mediada pelas TDIC's, na educação formal? Em outros termos: a partir desse contexto de controle total, em que o capital estendeu seus tentáculos a todos os níveis da existência humana,

criando mecanismo de controle, que vão além dos meios de produção tradicional, é possível com as TDIC's, desenvolver uma consciência capaz de romper essa lógica?

Partimos da ideia, já tratado na segunda parte deste trabalho, de que as TDIC's por serem meios de produção, possuem estrutura racional com finalidade para atender os interesses do capital. Nesse sentido, é importante deixar claro, que qualquer posicionamento tomado, é um posicionamento ideológico. Mas isso não significa negligenciar a realidade dos fatos ou até mesmo falseá-los. Trata de aceitar que o universo da racionalidade tecnológica, como mostra Marcuse (2015, p.138), é “[...] operacionalmente fechado [...]”, e por isso, só “tal análise ideológica pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento real, já que ele está focalizado na união (e na separação) de teoria e prática, pensamento e ação [...]” (MARCUSE, 2005, p.137-138).

Gadotti (1995) ao descrever o primeiro princípio da dialética – totalidade -, destaca que o pressuposto básico, da dialética, é de que o sentido das coisas, não está na compreensão de sua individualidade, mas na sua totalidade. E por isso, é necessário perguntar “o que é a realidade?” Essa realidade, que só é possível conhecer, tomando posição ideológica, se esconde por trás de um fenômeno que se mostra como real. Lukács (2003), ao descrever a estrutura da consciência burguesa e os interesses por trás dela, demonstra que ela é incapaz de compreender a si mesma, pelo fato de que o pensamento burguês faz a apologia a ordem existente (apologia que nem sempre é consciente) das coisas ou pelo menos a sua imutabilidade, ou seja, a consciência burguesa existente, não consegue ir além dos seus interesses, fato que muitas vezes é algo inconsciente.

Para Lukács (2003) a consciência burguesa, assim como a proletária, é resultado da história das formas como os homens produziram suas vidas (da reunião dos homens em sociedade, das relações econômicas objetivas ao longo de sua existência). E isso só acontece, porque essa consciência ilusória e falsa é o resultado do controle, por parte do pensamento burguês, do processo histórico do pensamento. Esse controle, que tem sua fase mais perversa, com a sociedade unidimensional, suprime completamente o processo histórico e apreende

[...] nas formas de organização do presente, as leis eternas da natureza que, no passado – por razões “misteriosas” e de maneira que é incompatível com os princípios da ciência racional na procura de leis -, não se estabeleceram por completo ou de modo algum (sociologia burguesa). Ou ainda, deve eliminar do processo da história tudo o que tem um sentido, que visa a um fim; deve deter-se na mera “individualidade” das épocas históricas e de seus portadores sociais e humanos. (LUKÁCS, 2003, p.137)

Por esse motivo ao analisar se TDIC's, como meios de produção, contribuem para o desenvolvimento da consciência filosófica, o posicionamento ideológico é uma ação moral e política. Então, estávamos falando como proletário. Ocupamos uma posição social. Ser

proletário, como mostra Lukács (2003), é ter diferenças qualitativas e práticas em relação ao burguês. O que determina o ser proletário, diz Lukács (2003, p.143), é “[...] a situação econômica, histórica e social” e, também, os interesses da classe. E quais são os interesses do proletário? Marx e Engels (2007), no Manifesto do Partido Comunista, indicam alguns¹⁰: “constituição do proletariado em classe, derrubada da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado” (MARX; ENGELS, 2007, p.64).

Outros interesses são abolição da propriedade privada burguesa, salário¹¹ justo e suficiente a sobrevivência, impedimento de líderes religiosos ocuparem cargos públicos, assim grandes empresários, imposto progressivos, centralização de créditos nas mãos do Estado, Empresas controladas pelo Estado, educação pública de qualidade para todas as crianças e reforma agrária.

Feito essa demarcação, cabe nos verificar como as TDIC's promovem a transmissão e produção dos conhecimentos que dão sentidos a ordem social vigente ou uma possível nova ordem social. Nesse sentido, iremos fazer mais uma demarcação para melhor analisar essa questão.

Essa caracterização, diz respeito em delimitar e clarear o conceito e a imagem de consciência filosófica que estamos analisando aqui. Para isso, devemos compreender que a consciência filosófica “[...] reside justamente na capacidade de perceber, por trás dos sintomas dissociadores do processo econômico, sua unidade como desenvolvimento total da sociedade”. (LUKÁCS, 2003, p.181)

Esse tipo de consciência, podemos comparar àquela presente, mesmo em potencial, descrito por Marcuse (2011) no final do seu *Homem Unidimensional*.

[...] debaixo da base popular conservadora está o substrato dos proscritos e marginalizados, os explorados e perseguidos de outras raças e outras cores, o empregado e o não-empregado. Eles existem fora do processo democrático; sua vida é a mais imediata e a mais real necessidade pelo fim das condições e instituições intoleráveis. Assim sua oposição atinge o sistema de fora para dentro e, portanto, não é bloqueada pelo sistema; é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazer isso, revela-o como um jogo viciado. Quando ficam juntos e vão para as ruas, sem armas, sem proteção, de modo a pedir pelos mais primitivos direitos civis, eles sabem que têm que enfrentar cães, pedras, bombas, cadeia, campos de concentração e mesmo a morte. Sua manifestação por trás de cada manifestação política pelas vítimas da lei e da ordem. O fato de eles começarem a se recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o início do fim de um período. (MARCUSE, 2011, p.240)

¹⁰ É coerente deixar claro, que não propomos uma sociedade comunista, nem todos os interesses contidos no Manifesto do Partido Comunista, escrito por Marx e Engels, defendemos. Mas temos consciência do posicionamento tomado.

¹¹ No manifesto do Partido Comunistas, Marx e Engels, propõe a abolição do salário. Para justificar isso, eles demonstram a historicidade do capital. Seu processo de acumulação. Aqui não propomos abolição do salário.

Vázquez (1977), afirma que a consciência filosófica é a junção da prática produtiva (aquela que transforma a natureza em bens necessários a sobrevivência e a práxis revolucionária (transformação da sociedade mediante a ação dos homens. Também podemos perceber essa consciência, na Segunda Tese Contra Feuerbach onde Marx (1974, p.57) afirma que é "[...] a *práxis* que o homem deve demonstrar a verdade, a saber, a efetividade e o poder, a ceterioridade de seu pensamento [...]".

O desenvolvimento e efetivação dessa consciência não é algo que pode ser feito, apenas por estudos abstratos. É necessário a ação prática histórica. Desse modo, apenas verificaremos sinais dessa consciência. Ou seja, partimos de uma determinada situação, apontada pelo questionário, e assim, chegamos a uma caracterização que possa apontar evolução no desenvolvimento dessa consciência.

Dessa forma, iremos nos concentrar, agora, a demonstrar como as TDIC's promovem a produção e transmissão de conhecimentos. O intuito é verificar possíveis elementos, positivos ou negativos, que as TDIC's possuem que possam ser exploradas para proporcionar o aluno, de nível médio, a se apropriar e externalizar conhecimentos, neste caso específico, morais e políticos.

Antes mesmo da acentuada e constante revolução tecnologia, causada pela pandemia do Sars-Cov-2, havia todo um clamor social¹² exigindo que a escola se adequasse a nova ordem, em que as tecnologias digitais da informação e comunicação têm papel central na mediação de conhecimentos. O que não havia e, não há, pelo menos de forma aparente, é que essas tecnologias não são produtoras de conhecimento.

Há também, uma certa paixão acrítica, em que o uso dessas tecnologias estaria colocando a escola na esteira do avanço mundial, exigindo dessa forma, que a escola e, todos os seus atores, adequem-se urgentemente a essa nova realidade. O chamado é aplicar as tecnologias. As tecnologias, passam assim a ter significado pedagógico.

Tecnologia, é um complexo (estágio) do ser social, na perspectiva da ontologia lukasiana. Na introdução de *Para Uma ontologia do Ser Social*, Lukács (2013) assevera que um dos pressupostos elementares para os conhecimentos da singularidade do ser social, depende da compreensão do protagonismo da práxis em sentido objetivo e subjetivo. Ao analisar diversos complexos de problemas, como o trabalho, a ideologia, reprodução e

¹² Esse clamor social, trata-se de um clamor das instituições educacionais que representam os interesses de instituições privadas, ligadas a grandes grupos econômicos, tais como Todos Pela Educação, Fundação Itaú, Fundação Natura, Fundação Bradesco, Fundação Lemann etc.

estranhamento, Lukács (2013) propõe que se analise o ser social em seu processo contínuo de socialização.

O que se vê na análise lukasiana, é que ela parte de um importante fundamento: os processos sociais, só são apreendidos como parte da combinação de complexos. A afirmação é que a totalidade social, é um complexo de complexo, em que até mesmo o homem, em sentido biológico é um complexo e, por isso, qualquer análise de um complexo social, seja ele o humano-social, ou as TDIC's, não pode ser conhecida decomposto de sua totalidade.

Essa questão atravessa toda a nossa análise, mais agora se intensifica, pelo fato que teremos de saber o que e como as TDIC's produzem e transmitem conhecimentos. Mas não só isso, queremos compreender quais são os espaços de diálogos e as potencialidades que as TDIC's possuem e que podem ser exploradas para produzir e transmitir (ou não) os conhecimentos necessários ao desenvolvimento da consciência filosófica.

4.1.1 Os Espaços de diálogos e as potencialidades promovidos pelas TDIC's: abertas e mediadoras de conhecimentos.

As TDIC's, são complexos sociais, que por sua vez, são meios de produção da existência humana. Nesse sentido, as TDIC's possuem uma natureza, compreender essa natureza, a partir da compreensão do materialismo histórico dialético, estar ciente da sua função. Diante de tudo isso, segundo a Ontologia de Lukács (2013), os complexos se relacionam, articulam-se entre si, simultaneamente, garantido a lógica interna de cada complexo particular.

Esse ponto, nos direciona para um possível e primeiro elemento de produção e desenvolvimento da consciência filosófica pelas TDIC's. Lukács (2013), afirma, como os complexos do ser social se relacionam simultaneamente, por exemplo, os complexos morais e políticos não podem ser compreendidas de modo fechados, idealistas, fragmentadas e pragmáticos. Esses complexos, por vez, não podem ser tomados como fatos definitivos, sem fazer relações com situações históricos-causais que surgem da realidade social.

Os complexos, para continuar com a categorização de Lukács (2013), não são fechados. São categorias do ser social, que assim como ele, estão em constante processo de transformação, mesmo mantendo a unidade. Nesse sentido, Lukács (2013) demonstra, que o acúmulo quantitativo, que esses complexos ocasionam, proporcionado pela dinâmica interna de cada

complexo em relação íntima com a totalidade, possibilita que ocorra saltos qualitativos, ocasionando o desenvolvimento constante da totalidade social. Assim, as TDIC's são complexos abertos, estão em constante processo de transformação.

Dessa forma, por seres abertas, elas podem ser utilizadas com outras finalidades, distintas daqueles das sociedades que as gerou. Vemos isso, já a partir das teorizações de Marx e Engels (2007), que concebem a existência social como uma decorrência do próprio homem. O homem é, entendido, por eles, como demiurgo de sua própria história (LOMBARDI, 2011, p.95). A profundidade dessa questão, discutida também por Marcuse (2011), em seu *Homem Unidimensional*, destaca que o universo totalizante e fechado da racionalidade tecnológica é uma criação humana, que se tornou maior que seu criador.

Na proposta de Lukács (2013), os fenômenos sociais devem ser analisados, estudados, não a partir das implicações metodológicas de uma ciência, mas através de suas relações históricas e das relações que se estabelecem com as formas sociais. Com isso, Lukács (2003), nos permite pensar uma práxis em que o uso das TDIC's, devem se adequar aos interesses de classe.

No Manifesto do Partido Comunista, (2003) Marx e Engels, afirmam que após a revolução, tudo aquilo que não for possível ressignificar devem ser destruídos, no caso dos meios de produção, depois de serem apropriados pelos proletários, eles devem servir aos interesses da classe. Dessa forma, é importante estar ciente que as TDIC's são meios de produção, que surgem para que o pôr teleológico, servindo-se dos termos da ontológica de Lukács (2013), seja alcançado.

Marcuse (2015), no final de seu *Homem Unidimensional*, ao indicar quem são aqueles capazes de promover uma revolução, nos sugere, que é possível fazer uso dessas tecnologias para outras finalidades que não as das sociedades industriais avançadas ou em desenvolvimento. Dessa forma, essa potencialidade de abertura para o novo, que as TDIC's possuem, nos permite pensar que há possibilidade de produzir e desenvolver a consciência filosófica.

As TDIC's, também possuem espaços de diálogos. Eles aparecem pela sua característica de mediador de conhecimentos. Nesse sentido, elas só possuem essa característica pelo fato de que os seres humanos se fazem conhecer, servindo-se de mecanismo de mediação, seja a linguagem, como forma natural, ou instrumentos tecnológicos, no caso das TDIC's. Além do mais é estabelecendo mediações entre ele e a natureza, que o homem produz sua existência.

A existência humana não é garantida pela natureza, é necessário produzir coisas novas para garantir existência e sobrevivência. O homem não nasce homem, como já dissemos muitas vezes aqui, torna-se homem.

Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele precisa aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. (LOMBARDI, 2011, p.103)

Para tanto, esse processo, que acontece, por meio de saltos ontológicos, como destaca Lukács (2013, p.37), “é preciso, pois, ter sempre presente que se trata de uma transição à maneira de um salto – ontologicamente necessário – de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente”. É por isso, que podemos aceitar que as TDIC’s, possibilitam com que o homem dê um salto ontológico. Portanto, quando da sua utilização como instrumento de mediação, na educação, possibilitem aos estudantes, a partir da apropriação quantitativa dos conhecimentos necessários a compreensão de mundo, como é o caso conhecimentos políticos e morais filosóficos, a ter consciência de sua própria existência.

Essa consciência da própria existência, é o que chamamos o salto ontológico qualitativamente diferente. Isso só é possível porquê o acúmulo, quantitativo, de conhecimentos chega a um nível que possibilita esse salto ontológico a outro nível. É o salto que a consciência ordinária (VÁZQUEZ, 1977) faz para a consciência da práxis social. É importante lembrar, segundo Vázquez (1977), que a consciência ordinária não é desprovida de elementos que constituem a consciência da práxis. Mas a consciência ordinária, não é capaz de compreender a realidade autêntica. É necessário um salto qualitativo, para outro patamar.

Dessa forma, tomar as TDIC’s com esse status, é ter consciência que estamos diante de uma situação complexa, pois mesmo que esse salto seja um processo natural, de passagem de um estágio para outro, essas tecnologias, são predominantes usadas como instrumentos ideológicos em sala de aula. O que estamos afirmando, é que além delas possuem toda uma estrutura condizente com os interesses do capital e, como a classe burguesa, não consegue manter seus domínios, se a realidade for revelada, as TDIC’s desempenham importante papel, na educação e no adestramento social, possibilitando que a ideologia das elites dominantes continue sendo transmitida como se fossem todas as classes.

Por outro lado, como as TDIC’s não são fechadas em si mesma, é possível fazer uso delas com outros interesses. Mas como isso pode acontecer, no caso das aulas de filosofia, mantendo a tradição filosófica? Ou seja, é importante ser ciente, que a filosofia faz parte de uma tradição que se remete aos gregos¹³. Nesse sentido, como estudar a filosofia ética e política de Aristóteles, Kant, Mill e Marx, por exemplo, com os usos das TDIC’s e, mesmo assim,

¹³ Já deixamos claro, que a filosofia é um complexo social ideológico, mas também, que ela serve para interpretar e transformar o mundo. Isso não significa abandonar sua tradição racionalista, que é a tradição que se remete aos filósofos clássicos gregos.

desenvolver a consciência filosófica? Essa não é uma tarefa simples, talvez até impossível, dada muitos fatores, dentre eles o grau de consciência de classe do próprio professor.

Há uma diversidade de filosofias, com compreensões de mundo bem distintas entre si. O temor, é o fato de que as TDIC's são meios de transmissão de conhecimentos, e por isso, o processo que Marx (1974) afirma que deva acontecer na filosofia, presente na décima primeira tese contra Feuerbach e, já citado aqui, não aconteça.

Pode acontecer, o que Mészáros (2008), destaca em *Educação para Além do Capital*:

[...] o que torna as coisas ainda piores é que a educação contínua do sistema do capital tem como o cerne a asserção de que a própria ordem social estabelecida não precisa *nenhuma mudança significativa*. Precisa apenas de “regulação mais exata” em suas margens, que se deve alcançar pela metodologia idealizada do “pouco a pouco”. Por conseguinte, o significado mais profundo da *educação contínua* da ordem estabelecida é a imposição arbitrária da crença *absoluta inalterabilidade* de suas determinações estruturais fundamentais. (MÉSZÁROS, 2008, p.81)

Esse sintoma encontramos de forma bem acentuado nos preparatórios para vestibulares, e até mesmo no próprio planejamento do professor de ensino médio, que muitas vezes é direcionado, para que o aluno se aproprie desses conhecimentos mecanicamente, e assim possa ter êxitos nos seletivos de ingressos aos cursos de níveis superiores.

Dessa forma, a ideia é verificar se esses espaços e essas potencialidades, aberta e mediadora, promovidas pelas TDIC's, podem ou não contribuir para a formação da consciência filosófica. Nesse sentido, aplicamos um questionário on-line, em dois grupos de professores de filosofia, que atuam em duas escolas diferentes, um grupo na Cidade de São Luís, Capital do MA e a um grupo localizado na Cidade de Carutapera, interior do MA, próximo à divisa com o Estado do Pará.

4.1.2 As TDIC's como produtoras de conhecimentos.

Lukács (2003, p.132), afirma: “no espírito do marxismo, a divisão da sociedade em classes deve ser determinada segundo a posição no processo de produção”. Trata-se de aceitar que o que define a consciência de classe, não é o grau de escolarização formal, mas a posição social que se ocupa e os interesses de classe. Isso significa que para Lukács (2003), a consciência de classe não é a soma das consciências individuais ou dos interesses individuais imediatos, mas dos interesses de toda a classe que vai além do imediatismo do tempo presente, além da posição social que se ocupa. Esses interesses transcendem o presente, são históricos.

Por isso, que qualquer tentativa de acordos circunstanciais, que visem suprir necessidades individuais e imediatas, mesmo que nobres, devem ser evitados.

Essa compreensão é importante para não negligenciarmos, neste momento, que o controle dos meios de produção, por uma determinada classe, é fator determinante para o controle social das demais classes. E dessa forma, é importante para a própria conceituação de consciência de classe proletária ou, como demonstra Marcuse (2015), para a consciência de classe dos excluídos – os perseguidos por sua raça e cores, os proscritos, marginalizados, os explorados, os desempregados, os não-empregável.

Lukács (2003), no *Prefácio da edição de 1967, de História e Consciência de Classe*, demonstra que ‘mudança’ de classe, por vezes, acontecem em momentos de crises. Mas essa mudança não ocorre como um salto, como se ‘hoje se tivesse uma consciência de classe e amanhã outra, totalmente desprovida de elementos da anterior’.

A mudança ocorre em um determinado processo histórico, em que o conflito de ideias acontece de forma intensa e diretamente preso às formas de relações sociais e de produção determinadas socialmente, na medida que o homem satisfaz e cria novas necessidades. Essa dialética, é resultado do conflito objetivo que a existência humana reproduz continuamente. Para Lukács (2003),

a aparência puramente empírica do conteúdo de tais decisões foi o que acabou por provocar vastas consequências para minha posição teórica. Esta tinha de se apoiar em situações e tendências objetivas. Se a intenção era chegar a uma decisão essencialmente bem fundamentada, nunca se poderia permanecer na reflexão dos fatos imediatos; antes, seria preciso esforçar-me sempre para descobrir aquelas mediações, muitas vezes ocultas, que conduziram a tal situação e, sobretudo, tentar prever aquelas que provavelmente nasceriam dela e determinariam a práxis posterior. (LUKÁCS, 2003, p.11)

Segundo essa tendência, essas mediações muitas vezes ocultas, destacadas por Lukács (2003), é quem desenvolve a ‘vida humana’. Todavia, são meios de produção - podemos entender como instrumentos de produção -, que permitem ao homem desenvolver, também, sua própria essência. Em termos gerais, pode-se afirmar, que o desenvolvimento de meios de produção leva a capacidade humana a produzir o novo constantemente e ininterruptamente.

É esse estado permanente, que faz com que os meios de produção, sejam capazes de produzir coisas e ideias novas.

Contudo, quando se trata da sua síntese na personalidade do homem singular que age realmente, cada uma das duas linhas de desenvolvimento necessárias para o devir homem do homem pode originar contraditoriedades insolúveis. Com efeito, os antagonismos que assim surgem expressam-se de modo tanto mais incisivo e profundo quanto mais esses desenvolvimentos são pressuposto necessário um do outro. E não resta dúvida quanto a que essa contraditoriedade emerge tanto mais decididamente quanto mais elevado for o patamar galgado pela divisão social do trabalho e com ela a civilização. De fato, desse modo, surgem para os homens, de um lado, tarefas totalmente objetivadas, inteiramente coisas, e, de outro, as capacidades

correspondentes, cuja síntese na personalidade vai perdendo gradativamente a obriedade original – que era o fundamento das chamadas realizações tacanhas. (LUKÁCS, 2013, p. 527)

As duas Linhas que Lukács (2013) se refere, diz respeito a relação que o ser social possui constituir na totalidade do ser social objetivo. Em linhas gerais constitui-se “da polarização do ser social em totalidade social objetiva num dos polos e um sem-número de condutas de vida individuais no outro [...]” (LUKÁCS, 2013, p.526).

O fato predominante, neste aspecto, é que o desenvolvimento e a formação da mentalidade dos homens, não é o resultado desse conflito aparente, em que de um lado aparece a soma das individualidades individuais e do outro a aparência objetiva do ser social, mas sim da forma como os homens produzem sua vida. Essa formação da mentalidade humana, que mudam a forma de pensar de agir, é operada pelos meios de produção. A máquina, como meio de produção, é a personificação do poder do trabalho. A máquina possui autonomia. Ela não precisa mais do desempenho de um trabalhador para produzir.

Marcuse (2015, p.61), afirma: “a máquina parece instalar um ritmo entorpecente nos operantes”. Esse ritmo, são comandos repetidos, sucessivas vezes, com mesmo padrão e mesma finalidade. Finalidade ela mesma, no seu processo histórico de desenvolvimento, pôs. Quando a máquina de tear foi inventada, junto com ela foi posto pores teleológicos, em termos lukasianos, que não aqueles imediatos e objetivos. Pores teleológicos, que em grande medida são evidentes.

Não é isso que as TDIC’s fazem? Não é elas que estão ditando o ritmo de como pensamos, comemos, trabalhamos etc.? No geral, nós estamos nos ritmos das TDIC’s. São elas, com uma relativa autonomia, “[...] em um automatismo inconsciente e rítmico”, diz Marcuse (2015, p.61), que vem produzindo nossa existência. As TDIC’s, são agora, “[...] unidades absolutas [...]”¹⁴ (MARCUSE, 2015, p.62)

Dessa forma, podemos afirmar que as TDIC’s são produtoras de valor. Produzir, significa aceitar que algo novo surge, mesmo que esse novo jamais possua autonomia universal. A autonomia, como destaca Lukács (2013), é sempre relativa. Mas o homem, em muitas situações perde a capacidade de perceber que aquela coisa foi produzida por ele. Para ele a coisa é algo estranho. “O homem torna-se personalidade mediante o desenvolvimento das forças

¹⁴ Marx (1969), afirma que a máquina nunca cria valor, apenas transfere valor para o produto. A máquina é intermédio entre o trabalho passado (trabalho morto) e o trabalho vivo. De modo aparente, essa noção, perdeu substancialidade. Pense em quantas máquinas já produzem sem que esteja atrelado ao desempenho individual de alguém? As TDICs, já operaram de tal forma que o desempenho de alguém para operá-las é algo secundário. Em muitos casos, basta apenas ‘aperta o botão de ligar’ ou até mesmo ligam sozinhas.

produtivas sociais, mas pode também ser estranhado de si mesmo por força desse mesmo movimento” (MARCUSE, 2013, p.535).

Antunes (2013, p.84) destaca que “o revolucionamento do modo de produção numa esfera da indústria condiciona o seu revolucionamento na outra”. Isso vale para entendermos como as TDIC’s ocupam a posição, não apenas de transmissora de valor, mas de também produtora. E elas são assim, porque operam com a mínima interferência humana. Além do mais, essas tecnologias, possuem a função de transforma algo em uma coisa nova. Ou seja, pega o algodão e transforma em um fio de algodão que vai servir para a fabricação de uma blusa, por exemplo.

Os determinantes de produção de conhecimentos, que as TDIC’s implementaram, vão muito além daquilo que o homem é capaz de fazer, operando umas simples calculadoras. Os algoritmos de busca do Google e do Facebook, são demonstrações de que a produção de conhecimento já não é uma exclusividade do homem. Os computadores quânticos, prometem fazer cálculos, que o homem levaria dezenas de milhares de anos. Os padrões estéticos, que os aplicativos de edição de imagem estão produzindo, são mais uma demonstração de que as TDICs, não são apenas mediadoras.

4.2 Metodologia aplicada da pesquisa.

4.2.1 Metodologia.

A proposta de pesquisa tem como base “As TDIC’s como meios de produção e a consciência filosófica: um estudo de caso nas escolas centro de ensino integral João Francisco Lisboa, São Luís (MA) – Capital – e no centro de ensino Dr. Tarquinio Lopes Filho, Carutapera (MA). A proposta é investigar se os espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC’s, abertura e mediação, podem contribuir para a formação da consciência filosófica. Nesse cenário de investigação, compreende-se a natureza, a história e a própria consciência

humana como um processo, ou seja, como algo que está em constante transformação e desenvolvimento.

Assim, o passo necessário é conceber que a análise dos espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC's, serão conduzidas na perspectiva do materialismo-histórico-dialético. Isso nos impõe determinar o tipo de sociedade e contexto histórico que a pesquisa vai acontecer. Nesse sentido, os professores participantes da pesquisa, residente em espaços sociais distintos. A Escola CEJOL, está localizada na Cidade de São Luís Capital maranhense, já a Escola Centro de Ensino Tarquino Lopes, está localizada na cidade de Carutapera, distante 241km, da capital.

Este ponto de partida não é uma escolha deliberada, é antes de qualquer coisa uma imposição do objeto, pois, concebe-se ele, como uma forma de produção da vida material e espiritual, ou seja, “[...] o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual [...]” (MARX, 1974, p.136). Como destaca Netto (2011, p.11) “[...] ele é uma exigência que decorre do próprio objeto de pesquisa - sua estrutura e dinâmica só serão reproduzidas com veracidade no plano ideal a partir desse fundamento; o pesquisador só será fiel ao objeto se atender a tal imperativo [...]”.

Por isso “[...] começa-se "pelo real e pelo concreto", que aparecem como *dados*; pela análise, um e outro elementos são abstraídos e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações as mais simples [...]” (NETTO, 2011, p.42).

Em seguida

depois de alcançar aquelas "determinações mais simples", ‘teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (NETTO, 2011, p.43).

Esse procedimento de análise implica o entendimento do que seja abstração, sem o qual a compreensão do objeto não será possível. Para Netto (2011, p. 44), abstração pode ser compreendida como:

A capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável-aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. A abstração, possibilitando a análise, retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir "determinações as mais simples". Neste nível, o elemento abstraído torna-se "abstrato" -precisamente o que não é na totalidade de que foi extraído: nela, ele se concretiza porquanto está saturado de "muitas determinações". A realidade é concreta exatamente por isso, por ser "a síntese de muitas determinações", a "unidade do diverso" que é própria de toda totalidade. O conhecimento teórico é, nesta medida, para Marx, o conhecimento do concreto, que constitui a realidade, mas que não se oferece imediatamente ao pensamento: deve ser reproduzido por este e só "a viagem de modo inverso" permite esta reprodução.

Como o método do materialismo histórico, é uma abordagem quantitativo-qualitativa, utilizara-se como técnica de coletas de dados questionário para obter um diagnóstico sobre o nível da consciência filosófica dos alunos. Ainda como técnica de coleta de informações, promover-se-á entrevistas. Os dados coletados pelo questionário serão confrontados, para dessa forma mensurar - a partir do que entendemos sobre consciência filosofia e suas etapas de formação -, o nível de consciência filosófica dos alunos.

Como técnica de coleta de dados será utilizado o diário de campo, porém as TDIC's, disponibilizam espaços que podem ser usados como técnica de coleta de dados. A partir da coleta desses dados, serão elaborados relatórios, que serão devidamente analisados através de uma discussão com o referencial teórico.

4.2.2 Caracterização do campo de pesquisa

A pesquisa teve como foco de estudo os professores de filosofia do Centro de Ensino Dr. Tarquínio Lopes Filho, pertencente a rede estadual de ensino do Maranhão. Localizada na Avenida Pe. Mário Racca, Nº 1052, bairro: Centro, na cidade de Carutapera/Ma. O município sede do estabelecimento escolar tem cerca de 22 mil habitantes (IBGE, 2010). Ainda segundo o IBGE (2010) possui um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,574, o que o coloca 105ª posição entre os municípios do estado.

A escolha dessa escola, se deu porquê é uma escola com um elevado número de estudantes provenientes de classes populares, possui mais de dois professores de filosofia. Além de está localizada próximo a região de fronteira com outros Estado e, sobretudo, por causa do seu IDH, o que nos permite mensurar que essa é uma escola com vários problemas sociais (e estruturais: acesso a internet, por exemplo), possuindo assim acessibilidade para o desenvolvimento da pesquisa, o que envolve o uso de TDICs, pelos professores de filosofia que nela atuam. O Estabelecimento, atualmente, atende cerca de 1500 alunos, matriculados no Ensino Médio regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA MÉDIO). A escola foi inaugurada no ano de 1948, como parte de um programa de ações do governo estadual para expansão do ensino público.

O CE Dr. Tarquínio Lopes Filho possui um grande número de estudantes, daí que seu funcionamento em três períodos e três anexos: Anexo Moacir Heráclito (Sede do Município), Anexo Livramento e Anexo Sonho Dourado – Extensão São Lourenço, abrangendo um total de 1.525. Sendo administrado pela Secretaria de Educação do Estado – Unidade Regional de Educação de Zé Doca. Destarte, um dos participantes é professor em um anexo dessa escola, que funciona na Unidade Rural de primeiro Grau Doralice Dourado, na cidade de Carutapera.

A estrutura física do prédio sede, conta com 8 salas de aula, cantina, banheiro com acessibilidade, biblioteca, laboratório de química (não está em funcionamento), auditório e sala de professores. Com a limitação física do prédio principal a solução encontrada para atender a clientela foi a descentralização em três anexos: o primeiro, na sede do município, localizado na Unidade Integrada Moacir Heráclito dos Remédios, atende no turno noturno; o segundo no povoado Livramento, com 5 salas de aula e o terceiro no povoado São Lourenço, com 4 salas funcionando em um prédio cedido pela secretaria Municipal de Educação.

A escola encontra-se atualmente com o Projeto Político pedagógico do ano de 2010, tendo em vista que com as sucessivas trocas de gestão não houve interesse de reconstrução do PPP. Segundo a proposta pedagógica da escola o objetivo do ensino é integrar escola e comunidade desenvolvendo projetos como: Jogos Internos (competição que envolve anexos e prédio sede), Projeto Vou de Bike; Jogos Geográficos, que objetiva ensinar ludicamente a Geografia; Participação no projeto a nível estadual Escravo Nunca Mais; Gincana Cultural alusiva ao dia do estudante; auto de natal; Seminário de Filosofia; Projeto do dia da Consciência Negra.

Por outro lado, o Centro de Ensino em tempo Integral João Francisco Lisboa – CEJOL, está localizada na cidade de São Luís, Capital do Maranhão. São Luís, possui uma população estimada, segundo o IBGE (2020), em 1.108.975 habitantes.

Em 2018, o salário médio mensal era de 3.2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 33.8%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 2 de 217 e 1 de 217, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 134 de 5570 e 320 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 38.8% da população nessas condições, o que o colocava na posição 216 de 217 dentre as cidades do estado e na posição 2897 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE, 2020)

O Centro de Ensino Integral João Francisco Lisboa, nasceu no milênio passado, em 18 de abril de 1994, como Centro de Ensino Médio Heitor Villa Lobos, passando, meses depois, Complexo de Ensino Fundamental e Médio Governador Edison lobão, recebendo uma auto-homenagem do então governador da época.

A Gestão desse Centro de Ensino é colegiada. Seus membros administrativos submeteram-se ao processo de seleção para gestor escolar, cujas etapas dividiam-se em avaliação de conhecimentos específicos e consulta pública na comunidade escolar. Na etapa consulta pública, em votação secreta, os alunos, professores, pessoal do setor administrativo e serviços gerais votam para escolher o Gestor (a) Administrativo (a), o Gestor (a) Financeiro (a) e o Gestor(a) Pedagógico (a) – a eleição é composta por chapas. A atual gestão foi escolhida com 94% dos votos válidos. Além de disso há um conselho consultivo e deliberativo, composto pelos três gestores, representantes dos professores (escolhido em assembleia), representante dos alunos (escolhido em assembleia), representantes dos funcionários administrativos, coordenadores de área e um representante dos funcionários dos serviços gerais (incluindo merendeiras (os)). Além dessa composição há um colegiado de coordenadores de áreas, em que exercem, além de desempenhar o papel de assessoramento da gestão, a função deliberativa e consultiva (como em casos definição de data de avaliações).

O Centro de Ensino Integral João Francisco Lisboa, situa-se na rua Oswaldo Cruz, s/nº no Canto da Fabril, no centro da cidade de São Luís. Conta com 2.000m² de área construída. Compõe-se de 35 salas de aula, com capacidade para 40 alunos, funcionando nos três turnos. Uma grande escola do estado do Maranhão, atualmente com um número de 1720 alunos, matriculados e frequentes no Ensino Médio. Desse total, 8 turmas são de alunos do Ensino Integral, 36 turmas de ensino de regime parcial e 2 turmas na modalidade Educação de Jovens e Adultos- EJA.

A escola se encontra relativamente equipada para dar consecução às suas atividades educacionais. Possui 06 projetores (data show), 05 aparelhos de TV, computadores em diversos setores da escola, aparelho de som com acessórios e caixa acústica. Possui ainda material pedagógico específico (jogos, mapas, globos, etc.).

O Centro de Ensino de Tempo Integral João Francisco Lisboa entende como espaços de aprendizagem aqueles que possibilitam, no processo de ensino-aprendizagem, uma ação educativa de melhor qualidade, uma vez que acredita que a construção do conhecimento e sua socialização acontecem além das salas de aula.

Dessa forma, procura-se investir em espaços que possam contribuir para tal aprendizagem. A Escola conta com os seguintes ambientes de aprendizagem:

- Auditórios: espaços onde ocorrem palestras, seminários, apresentações teatrais e outras atividades que necessitam de espaço para agrupamentos maiores;

- Quadra Poliesportiva coberta e arquibancada: esse ambiente é utilizado para as aulas de Educação Física, para práticas desportivas e atividades destinadas à comunidade;
- Laboratório de informática e tecnologias educacionais: neles são desenvolvidos projetos educacionais curriculares e extracurriculares, bem como são disponibilizados horários para os estudantes, os professores e os funcionários;
- Laboratórios de Biologia, Física e Química: desenvolve aulas práticas de pesquisa envolvendo todos os estudantes da escola, sendo utilizados como extensão das aulas de Ciências, Química, Física e Biologia em todas as etapas de ensino;
- Laboratório de Matemática: constitui-se como um espaço de aprendizagem da Matemática, onde são desenvolvidas atividades que estimulam o estudo, a discussão, a descoberta, a construção e a aplicação de conceitos matemáticos;
- Biblioteca: visa, prioritariamente, ao atendimento de estudantes e de professores em suas necessidades básicas de pesquisa e enriquecimento ou complementação de trabalhos. Possui um acervo diversificado e periodicamente atualizado;
- Cozinha/Refeitório: ambientes que servem estudantes e funcionários, bem como se prestam a atividades pedagógicas pertinentes;

Salas de Artes: espaço destinado às aulas de Arte, relativamente equipado com materiais e recursos pertinentes.

A escola apresenta um quantitativo de 04 gestores; 127 professores; 02 supervisores pedagógicos; 07 apoios pedagógicos distribuídos nos três turnos; 02 auxiliares de disciplina de alunos; 02 secretárias; 02 profissionais no laboratório de informática; 03 profissionais na biblioteca; 11 profissionais na secretaria da escola; 1 porteiro; 2 ASG (Auxiliares de Serviços Gerais) atuando como copeiras; 5 auxiliares administrativos; 5 colaboradores que fazem a higienização da escola, 12 copeiras e 8 postos de vigilância do patrimônio diurno/noturno, todos de empresas terceirizadas que prestam serviço para a SEDUC.

O alunado deste Centro de Ensino não difere muito das de outras escolas públicas estaduais de São Luís, ou seja, são alunos provenientes em sua grande maioria de classes sociais que moram na região periférica da cidade, com alto índice de violência, desigualdade social e escasso saneamento básico. Os pais desses alunos possuem empregos com baixa remuneração e acentuada instabilidade, além de muitos viverem na informalidade, além de outros problemas sociais muito presente na sociedade brasileira. A Escola possui 1720 alunos em três turnos de

estudo, oriundos de toda a Ilha de São Luís, recebendo jovens a partir dos 14 anos de idade das diversas camadas sociais e de bairros mais próximos aos mais distantes.

O Centro de Ensino Integral João Francisco Lisboa _CEJOL_ está localizado no centro da cidade de São Luís, ladeado por importantes prédios comerciais e de serviços públicos. Cerca desse Centro de Ensino há igrejas de credo protestante, o Ministério da Fazenda, Faculdades, escolas, comércios de grande e de pequeno porte e sindicatos de classe.

Aproxima-se da maior rua do comércio da cidade, bem como de praças e parques. Por ser de fácil acesso, é uma das escolas mais procuradas em São Luís devido ao acesso e a localização.

A Escola mantém um bom relacionamento com a comunidade; pois a mesma sempre proporciona o diálogo, buscando o envolvimento e corresponsabilidade de todos. Demonstrando que a participação da coletividade é fundamental para o crescimento da escola.

Ambas as escolas, estão situadas na Sede do Município que estão localizadas, na zona urbana da cidade, são públicas e possuem conexão com a internet.

Segundo o levantamento feito com os participantes, 83,3% das escolas que atuam, possuem apenas conexão via wifi, enquanto 16,7% afirma que a conexão é através do wifi e dados móveis.

4.2.3 Perfil dos participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa são seis professores de filosofia do Ensino médio. Três professores da Escola Centro de Ensino Dr. Tarquínio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera, norte do Maranhão (interior) e três professores do Centro de Ensino em Tempo Integral João Francisco Lisboa, São Luís/MA.

Os três professores do Cejol, responderam que possuem graduação em filosofia, enquanto os professores da Escola Dr. Tarquínio Lopes Filho, um respondeu que possui graduação em filosofia, um superior completo, sem especificar qual curso e, um respondeu que possui pós latu senso, também sem especificar qual pós.

Dos professores do Cejol, um (a) professor (a) é professor (a) há 26 anos, um (a) há 8 anos e o outro (a) há 10 anos. Os professores que atuam na Escola Dr. Tarquino Lopes Filho, um (a) é professor (a) a 10 anos, um (a) há 8 anos e outro (a) a 7 anos.

Sobre a instituição que afirmam terem cursado o curso de graduação, dos professores do Cejol, um (a) professor (a) cursou no IESMA – Instituto de Estudos Superiores do Maranhão -, com colação de grau em 2010, os demais na UFMA – Universidade Federal do Maranhão -, com colação de grau nos 2010 e 2012. Em relação aos professores que atuam no Centro de Ensino Dr. Tarquino Lopes, ambos cursaram seus cursos de graduação no IESMA, com um(a) colando grau em 2009, um (a) em 2010 e outro (a) em 2012. Todos os participantes, possuem conexão com a internet em suas residências. Sendo que 83,3% afirma ter apenas conexão de internet via wifi, enquanto 16,7% afirma possuir tanto a conexão via internet wifi, quanto a dados móveis.

Todos os participantes, afirmam saber o que são TDIC's, antes mesmo desta pesquisa e afirmam que usam alguma TDIC, em sala de aula atualmente. Entre os professores participantes da pesquisa, 66,7% afirmam que usam as TDIC's em suas aulas a mais de 3 anos. Enquanto 16,7% entre 2 a 3 anos e 16,6% a menos de 1 ano. Há uma certa diversidade de TDIC's, que são usadas pelos professores participantes da pesquisa. Mais o que chama atenção é a porcentagem dos que usam, 83,3% dos participantes, o WhatsApp, nas aulas.

Por outro lado, chama também atenção o percentual dos que usam o Google Meet, 83,3% dos participantes, enquanto apenas 50% afirma usar o Google Classroom e o Google Forms, para mediar e desenvolver os conhecimentos durante as aulas. Percebemos que 66,7% dizem fazer uso do youtube, nenhum professor, segundo os dados coletados, faz uso do Zoom, 33,3% o Instagram, nenhum professor o Canva e não houve indicação de outra TDIC usada.

Sobre o Google Classroom e o Google Forms, são TDIC's que emitem relatórios de notas, além de pode ser programado para lembrar os alunos que está chegando à data de entrega das atividades, assim como avisar os estudantes quando for publicado algo. O Google Classroom, é utilizada, sobretudo, como uma ferramenta mediadora. Nela disponibilizar-se: Vídeos Aulas; materiais de leitura e atividades; links de vídeos e; podcasts.

O Google Foms, possibilita a elaboração de uma série de atividades, desde objetivas a discursivas. Isso significa, também, que ela possibilita desenvolver e criar formas de pensamento de acordo com a estrutura que está organizada. O Google Foms organiza as formas de conhecimentos, que são inseridos, de um modo que possibilita novos conhecimentos sejam produzidos, mas entendemos que isso acontece, segundo sua lógica sua segundo lógica interna.

Em relação ao Google Meet, é uma TDIC's que possibilitar vídeos conferências. O importante nessa situação, é que essa TDIC passou a ter maior importância no contexto escolar, por causa do estado pandêmico que o mundo todo vem vivenciando a partir de março de 2020.

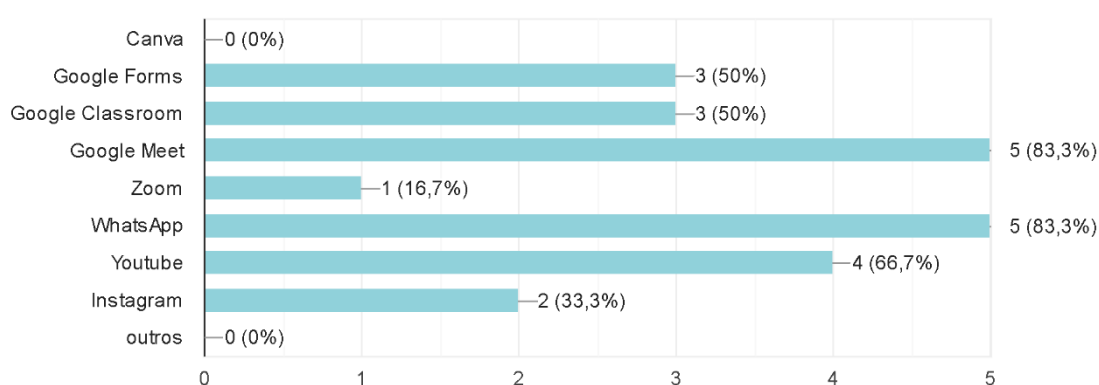
Assim, o Google Meet, é capaz de mediar e abrir espaços de diálogos entre o professor e o aluno de forma mais acentuada.

Vejamos no gráfico, o percentual de uso dessas TDICs, pelos professores participantes da pesquisa:

Gráfico 01: TDICs usada em sala de aula pelos participantes da pesquisa.

17. Das opções abaixo, quais TDICs você usa nas suas aulas?

6 respostas



Fonte: autor, 2020.

Nesse sentido, percebe-se que os professores participantes da pesquisa, afirmam fazer uso de diversas TDIC's em suas aulas de filosofia, além de terem acessos a internet tanto em suas residências quanto nas escolas que atuam como professores.

4.2.4 Análise dos espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC's e a consciência filosófica.

Neste ponto de análise, o uso de questionário como instrumento de coleta de dados, foi necessário para uma compreensão se os espaços de diálogos e potencialidades, promovidos pelas TDIC's, produzem e desenvolvem a consciência filosófica.

Assim, para organização, elaboramos seis perguntas, que podem ser resumidas em quatro, pela estrutura organizacional, como ilustraremos no quadro mais adiante. As perguntas tinham como objetivo, levantar informações, entre os professores participantes da pesquisa, se esses espaços de diálogos e potencialidades promovidos pelas TDIC's produzem e desenvolvem a consciência filosófica.

Para isso, faremos uso da categoria de *práxis social criadora*. Escolhemos essa categoria, por ela sintetizar objetivamente, ao nosso ver, as força motrizes por trás da consciência filosófica. Em certa medida, já discutimos essa questão ao cita Vázquez (1997), quando ele afirma que a práxis social é aquela que é capaz de captar a totalidade da práxis social e da práxis histórica. Também citamos a XI Tese Contra Feurbarch de Marx, onde ele destaca que a filosofia aquela que é capaz interpretar e transforma o Mundo. Encontramos a práxis social em Lukács (2005), onde ele destaca que a consciência de classe é a capacidade de perceber, que sua unidade é quem produz e desenvolve a totalidade da sociedade.

Por outro lado, os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC's, que estamos chamando de *aberta e mediadora*, com a escolha da categoria de *práxis social*, nos permite verificar sua efetividade, uma vez que essas TDIC's possuem toda uma estrutura própria para dificultar o desenvolvimento da consciência filosófica.

Vejamos a tabela perguntas abaixo:

Tabela 1: TDIC e a consciência filosófica.

1.	A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve está de acordo com a XI Tese contra Feurbarch de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?
2.	Justifique sua resposta, à questão anterior.

3.	Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDIC's, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDIC's?
4.	Justifique sua última resposta à questão anterior.
5.	Quais são os pontos positivos que as TDIC's possuem e que podem ser explorados no ensino-aprendizagem de filosofia?
6.	Quais são os pontos negativos que as TDIC's possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

Fonte: autor, 2020

4.2.4.1 Análise dos dados coletados.

Fizemos a seguinte pergunta aos professores participantes da pesquisa: *“A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve está de acordo com a XI Tese contra Feurbarch de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?”*

Todos os participantes da pesquisa, responderam que a filosofia deve ter como objetivo levar o aluno a interpretar e transformar o mundo. Em seguida pedimos que justificasse sua resposta. Vejamos a tabela, abaixo, com as repostas dos professores participantes. Uma observação importante, é que solicitamos que os professores, participantes que justificassem suas respostas a questão anterior. Vejamos, no quadro abaixo, as respostas.

Tabela 2: o objetivo do ensino de filosofia.

Professor 1	<i>Entendo que o fim último do fazer filosófico não é apenas criação de conceitos e redação de texto. Estes são apenas meios para atingirmos o fim, que é a transformação do mundo.</i>
Professor 2	<i>Toda pessoa que tem contato com (sic.) filosofia e a compreende já (sic.) mudou a si mesmo, logo mudou a forma de vê o mundo, por tanto ela não é mas passível de aceitação do mundo tal qual se apresenta, essa pessoa por sua vez buscará não somente para si, mas para seus iguais condições que os tornem melhores no que são em si.</i>
Professor 3	<i>A filosofia deve ser a promotora de novas visões, como afirmava Sócrates, o parir novas ideias deve ser uma constante para esta área de conhecimento.</i>
Professor 4	<i>A Filosofia deve ter como papel preponderante o desenvolvimento crítico daqueles que estão em contato com a mesma. E esse desenvolver deve ir além da puramente interpretação, mas sim a partir daí, ir de encontro com a transformação daquilo que é posto como barreira para a autonomia do ser humano</i>
Professor 5	<i>A filosofia faz com que as pessoas se questionem sobre determinadas coisas. Pessoas esclarecidas são uma condição necessária para a transformação do mundo.</i>
Professor 6	<i>A filosofia deve ser conceitual e pragmática.</i>

Fonte: autor, 2020.

Então, pretendíamos saber se os professores participantes, concordam ou não se o ensino de filosofia deve interpretar e transformar o mundo. Como percebemos, alguns dos **professores** participantes da pesquisa (**1 e 6**), no primeiro momento, compreendem que a filosofia tem como tarefa a elaboração de conceitos e ideias. Essa compreensão, é criticada por Marx (1974) na XI tese contra Feuerbach. Para ele, os filósofos, apenas elaboram conceitos, dado que esses conceitos são a interpretação do mundo.

Vázquez (2002) destaca, que a filosofia, em menor ou maior grau, cuida de problemas que afetam a vida das pessoas. Isso significa que a filosofia ao se ocupar da elaboração de conceitos, está se ocupando com problemas que afetam a todas as pessoas. Porém, o que percebemos em Marx (1974), é a crítica àquele filósofo que após elaboração um determinado conceito ou ideia, que explique um fenômeno social, se mostra indiferente aquela realidade.

Mészáros (2008), ao tecer críticas ao entendimento de Ower, sobre suas pretensões de corrigir a estrutura incorrigível do capital, assevera que o erro está em corrigir uns problemas existentes apenas por meio da força da razão. Esse é um sintoma da filosofia, muito presente já na República de Platão (1999), principalmente na pessoa de Sócrates, que depositava confiança em uma mudança de postura apenas pelo fato de se conhecer a verdade, ou seja, Sócrates acreditava que conhecer a verdade era condição necessária e suficiente para a transformação da realidade.

Essa compreensão de filosofia, sem o devido complemento, negligencia que os fenômenos fazem parte de uma totalidade. A “[...] realidade não é um amontoado de partes, um caos, mas uma totalidade articulada, cujas partes se inter-relacionam de tal forma que o produto de tal inter-relacionamento, o todo, é diferente da somatória simples delas” (MARTINS, 2008, p.69). Buscar um conceito de justiça agrava, ainda mais, o sentido da filosofia, porque esse ‘*buscar*’ é aceitar que há uma realidade independente do fazer humano, restando a mente humana apenas a captação de tal realidade, qualquer mudança não se daria na base, mas apenas na forma como captamos os fenômenos das coisas.

O professor 2, afirma algo que merece uma análise cuidadosa: *“Toda pessoa que tem contato com (sic) filosofia e a compreende já (sic) mudou a si mesmo, logo mudou a forma de ver o mundo, por tanto (sic) ela não é mas passível de aceitação do mundo tal qual se apresenta, essa pessoa por sua vez buscará não somente para si, mas para seus iguais condições que os tornem melhores no que são em si”*.

O que percebemos, nessa resposta do **professor 2**, é a crença na capacidade inerente do pensar filosófico de mudança radical da forma de pensar. Esse fenômeno, constantemente é tomado como bandeira para reivindicar a presença da filosofia nas escolas. No entanto, essa compreensão, a nosso ver, precisa de uma certa ponderação. Já demonstramos neste trabalho, que possuir conhecimentos, não é condição para transformar o mundo.

Assim, o que gera mudanças de postura não é simplesmente a aquisição de um determinado tipo de conhecimento. As mudanças ocorrem quando a “[...] afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: tanto a afirmação como a negação são superadas e o que acaba por prevalecer é uma síntese, é a negação da negação” (GADOTTI, 1995, p.25-26). Ou seja, não basta compreender uma determinada tese, como o professor participante 2 sugere, é necessário se apropriar dela e pegá-la, superá-la, para depois ter uma síntese que por ora guiará a ação, como Martins (2008) destaca, o mundo é movimento, devir, uma transformação permanente.

O **professor 4**, afirma algo bem parecido a essa afirmação do **professor** participante 2: *“A Filosofia deve ter como papel preponderante o desenvolvimento crítico daqueles que estão em contato com a mesma. E esse desenvolver deve ir além da puramente interpretação, mas sim a partir daí, ir de encontro com a transformação daquilo que é posto como barreira para a autonomia do ser humano”*. Com algumas diferenças sutis, mas nada que seja diferente.

Também percebemos essa compreensão na resposta do **professor 5**: *“A filosofia faz com que as pessoas se questionem sobre determinadas coisas. Pessoas esclarecidas são uma condição necessária para a transformação do mundo”*.

O **professor 3**, responde que *“a filosofia deve ser a promotora de novas visões, como afirmava Sócrates, o parir novas ideias deve ser uma constante para esta área de conhecimento”*. Essa visão de filosofia, possui elementos de uma filosofia comprometida a apropriação de conhecimentos filosóficos. Nos levando a pensar, que a filosofia só é filosofia quando ela se apropria da tradição filosófica e promovendo novas visões de mundo, sem se comprometer com a transformação da realidade.

Ao nosso ver, cabe a filosofia unir teoria e prática. E essa visão de filosofia que o **professor 3** defende, revela, como destaca Vázquez (2002), o problema que muitos filósofos analíticos se encontram, no momento que tece suas análises, expõem mesmo que inconscientemente, suas visões de mundo, mas não deixam isso claro. A questão aqui, é que não podemos olhar para a filosofia com um olho e para a prática social com outro. Quando a filosofia é tratada dessa maneira, ocorre o que Lukács (2003, p.181) afirma, sobre a consciência dos burgueses:

[...] embora a classe burguesa seja, em teoria, incapaz de ter uma compreensão maior dos detalhes e dos sintomas do processo econômico (incapacidade que, em última análise, também a condena ao fracasso na prática), por outro, interessa-lhe sobretudo impor, no que concerne à atividade prática imediata da vida cotidiana, esse seu tipo de ação também ao proletariado.

Todavia, o **professor 1**, na segunda parte de sua resposta afirma que os conceitos são meios para transformar o mundo. Essa compreensão está de acordo com a proposta de Marx (1974), presente na XI Teses Contra Feuerbach, assim como na compreensão de Vázquez (2002) e Vázquez (1977) que entendem que é necessário conhecer a sociedade para depois transformá-la. Para isso “de um ou de outro modo, a filosofia, ao ser descrita, explicada ou conhecida, permitirá que se conheça sua época” (VÁQUEZ, 2002, p.83)

O **professor 6**, afirma que a filosofia é pragmática. Segundo Reali e Antisi (2006) o pragmatismo, que nasceu nos Estados Unidos, representa um tipo de filosofia que possui visão voltada para o futuro, sendo então, a norma, uma filosofia para a ação futura. O “pragmatismo, filosofia que enfatiza a relação entre teoria e prática e toma a continuidade entre a experiência

e a natureza como sendo revelada pelo resultado da ação dirigida como o ponto de partida da reflexão” (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE, 2006, p.741).

Essa resposta do **professor 6**, junto a primeira parte da resposta, demonstra que ele pensa ser a filosofia uma ferramenta para possuir bens imediatos ou em um curto prazo. Esse é um sintoma das sociedades capitalistas, que vem as coisas de forma imediata.

A pergunta seguinte, foi: *“Partindo do princípio que a filosofia deve “interpretar e transforma o mundo”, e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDICs, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDIC’s?”*

Todos os professores participantes responderam que sim. Solicitamos, que os professores participantes justificassem suas respostas. Vejamos as justificativas no quadro abaixo:

Tabela 3: consciência filosófica e as TDIC’s.

Professor 1	Entendo não importa a plataforma digital, não importa se à distância ou presencial. Não importa se em um jardim, na praça ou caminhando entre árvores. A questão da criação de uma consciência filosófica não depende do meio utilizado ou do lugar, e sim do uso que é feito desse meio e desse lugar.
Professor 2	Diferente do postulado de John Locke, não somos uma tabula rasa, temos experiências cotidianas descritas por nossa cultura, assim ao apresentar a filosofia ou ao levarmos os alunos a uma consciência filosófica partimos do pressuposto da ideia q permeia sua vivência diária, de tal modo não se deve subjugar o saber não metódico do aluno, mas fazê-lo instigar o que julgar saber para aprofundar suas ideias
Professor 3	A tecnologia é apenas instrumento e como tal o sentido e significado produzido por ele é subjetivo. Assim, cabe ao professor de filosofia que utiliza as tecnologias em suas aulas ser o responsável por essa transposição didática.
Professor 4	O uso das TDIC's dentro das escolas se tornou primordial na sociedade contemporânea. Penso que com a ajuda da mesma e de uma Filosofia realmente emancipadora, sejamos capazes de ir além da interpretação e chegar à transformação da nossa sociedade.
Professor 5	Sim muitos alunos conseguem chegar a pensar por si próprio, ou seja, alunos críticos.
Professor 6	A partir das ferramentas tecnológicas nós podemos fazer novas interpretações e portanto criar novas possibilidades de transformação.

Fonte: Autor, 2020.

Essa pergunta, pretendia coletar dados que nos fornecem informações capazes de indicar se os professores percebem se os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC's desenvolvem e produzem a consciência filosófica. A princípio, as respostas dos professores participantes nos forneceram dados que estão de acordo com os dados coletados na primeira pergunta. Essa relação acontece, pelo fato de que há, entre os professores participantes, a noção, pelo menos é que os dados nos sugerem, que a filosofia por se só desenvolve o pensamento crítico.

Vemos isso, de forma bem clara na resposta do **professor 1**: *“Entendo não importa a plataforma digital, não importa se à distância ou presencial. Não importa se em um jardim, na praça ou caminhando entre árvores. A questão da criação de uma consciência filosófica não depende do meio utilizado ou do lugar, e sim do uso que é feito desse meio e desse lugar”*. A nosso ver, essa compreensão de filosofia, demonstra a noção de que filosofia que é aquela presente na República de Platão (1999). Vemos isso na alegoria da caverna, que basta se apropriar da filosofia para se libertar.

Como já destacamos, essa noção de filosofia possui limitações para a produção e desenvolvimento da consciência filosófica, independente da ferramenta que é utilizada para a sua transmissão.

Na resposta do **professor 2**, percebemos que ele valoriza as experiências pessoais para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Vázquez (2002), em *Filosofia e Circunstâncias*, expõe como as vicissitudes de sua vida, implicou na sua concepção de filosofia. Na verdade, para Vázquez (2002, p.35), “o que existe efetivamente é o indivíduo como feixe de todo um conjunto variado e variável de circunstâncias diversas que, já de saída, podemos dividir – no meu caso – em acadêmicas e extra-acadêmicas, teórica e práticas”.

No entanto, não foi possível perceber elementos evidentes, se os espaços de diálogos e as potencialidades promovida pelas TDIC's, para o **professor 2**, contribuem para a produção e o desenvolvimento da consciência filosófica. Mas é possível entender que para ele, não é importante a ferramenta que se usa para o ensino de filosofia, o importante são as forças motrizes por trás dela. Nesse sentido,

na escola, o nexa instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos, sendo também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o inferior (GRAMSCHI, 1978, p.131)

As respostas dadas pelos **professores 3 e 4**, destoam, em certa medida, das duas primeiras respostas dadas. Vejamos as respostas deles: **professor 3**: *“A tecnologia é apenas*

instrumento e como tal o sentido e significado produzido por ele é subjetivo. Assim, cabe ao professor de filosofia que utiliza as tecnologias em suas aulas ser o responsável por essa transposição didática”; professor 4: “O uso das TDIC's dentro das escolas se tornou primordial na sociedade contemporânea. Penso que com a ajuda da mesma e de uma Filosofia realmente emancipadora, sejamos capazes de ir além da interpretação e chegar à transformação da nossa sociedade”.

Percebemos que para os **professores 3 e 4**, independentes das ferramentas utilizadas no ensino de filosofia, são as intencionalidades subjetivas do professor que determina o pôr teleológico, como afirma Lukács (2013) e, Lessa (2007), em *Para Compreender a Ontologia de Lukács*. É a consciência individual quem põe o pôr teleológico. Porém, esse pôr teleológico, posto por uma consciência individual, desencadeiam consequências coletivas. No entanto, essa consciência só põe o pôr teleológico por que há uma causa. O pôr teleológico é causado, dando que o professor de filosofia, deve está consciente da sua classe social e das forças motrizes por trás dos eventos sociais.

Dessa forma, o uso das TDIC's no ensino de filosofia, não será um ato de escolha pessoal, mas justificado na aparente transformação da realidade. Desse modo, o professor toma consciência que todo acontecimento social possui uma causa, como destaca Lukács (2002, p.45): “todo acontecimiento social procede de posiciones teleológicas individuales, pero posee um carácter puramente causal. La génesis teleológica tiene, de acuerdo com su naturaleza, importantes consecuencias para todas los procesos sociales”.

Na medida em que essa compreensão nos permite pensar, que os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC's, seja possível para ensino de filosofia, bastando apenas ser consciente das intencionalidades por trás delas, significa pensar que o professor de filosofia pode fazer uso das TDIC's, para promover o acúmulo de conhecimentos e, assim, com o decorrer das aulas, poderá produzir e desenvolver qualitativamente a consciência filosófica.

Ideologicamente, isso significa que a mesma compreensão crescente da essência da sociedade, em que se reflete a lenta agonia da burguesia, tem para o proletariado o sentido de um crescimento contínuo de poder. Para o proletariado, a verdade é uma arma portadora da vitória e o é tanto mais quanto mais audaciosa for (LUKÁCS, 2003, p.171)

“Assim, a filosofia é ideológica por sua própria natureza, e nisso estaria a chave de sua diversidade. Ela propende a diversificar-se, a dividir-se em tendências, inclusive contrapostas (VÁZQUEZ, 2002, p.50). Nesse caso, o acúmulo de conhecimento que os espaços de diálogos e as potencialidades promovidos pelas TDIC's, podem produzir e desenvolver a consciência filosófica na medida em que as forças motrizes, por trás dela, sejam conscientes pelo professor que possui consciência de classe.

Na resposta do **professor 5**, podemos perceber àquela ideia, já citada neste trabalho, que basta fazer uso das TDIC's que o pensamento crítico aconteceria. Vejamos a resposta dele: *“Sim muitos alunos conseguem chegar a pensar por si próprio, ou seja, alunos críticos”*. A nosso ver, não se trata, meramente, de fazer uso das TDIC's e, como consequência, desenvolver o pensamento crítico como em um passe de mágica. Essa resposta do **professor 5**, aparenta ser aquilo que Antunes (2018) afirma ser um traço marcante da consciência que constituir a servidão voluntária do trabalhador, na sua característica de estranhamento do trabalho: a situação que se encontra o trabalhador diante de sua criação. “Assim, a externalidade do trabalho aparece para o trabalhador não como resultado de seu trabalho, mas de outro, visto que tanto o produto como seu próprio trabalho não lhe pertencem, mas sim a outro” (ANTUNES, 2018, p.184).

Essa resposta, do professor participante, nos levar a entender que as TDIC's, não estão a serviço da lógica capitalista. Ademais, nos faz lembrar, a resposta do **professor 6**, à questão anterior, que afirma ser a filosofia pragmática. Vázquez (1977, p.213) nos lembra, que “o critério de verdade para o pragmatismo é [...] o êxito, a eficácia da ação prática do homem entendida como prática individual”. Mas “para o marxismo, é a prática, mas concebida como atividade material, transformadora, e social” (VÁZQUEZ, 1977, p.213). Para “[...] o pragmático o êxito revela a verdade, ou seja, a correspondência de um pensamento com meus interesses, para a prática social revela a verdade, ou a falsidade, isto é, a correspondência ou não de um pensamento com a realidade” (VÁZQUEZ, 1977, p.213-214).

A resposta dada pelo **professor 6**, à pergunta, revela um certo acordo, na primeira parte, com o **professor 5**, mas demonstra que o uso das TDIC's cria novas possibilidades de transformação. Vejamos a resposta do **professor 6**: *A partir das ferramentas tecnologias nós podemos fazer novas interpretações e portanto criar novas possibilidades de transformação.*

“As origens das forças naturais estão ligadas ao começo de seu domínio sobre elas nas primeiras etapas da produção material” (VÁZQUEZ, 1977, p.215). Essa afirmação de Vázquez (1977), que vemos também em Marx (1974) e em Lukács (2013), denota que a resposta do **professor 6**, sobre se é possível produzir e desenvolver a consciência filosófica com uso das TDIC's, contém interpretações que ligam o uso das TDIC's, a necessidade de considerar o conhecimento prévio que o professor e o aluno possuem sobre um determinado fenômeno.

Considerada essa afirmação, Mészáros (2008) nos lembra, que a educação não pode ser considerada como um período específico da vida de um indivíduo, mas um desenvolvimento contínuo da consciência socialista. Situação que condiciona o uso contínuo

das TDIC's, no ensino de filosofia que se pretende entender e transformar o mundo, a noção de que a educação é um processo contínuo.

Entretanto, nos parece necessário que essa interpretação, deva tomar como intencionalidades no ensino de filosofia, as forças motrizes presentes, mesmo que em potencialidades, naqueles indivíduos que Marcuse (2011) identifica, como capazes de operar mudanças significativas na ordem social estabelecida.

Na pergunta seguinte, buscamos saber quais os pontos positivos, que os professores identificam, que as TDIC's possuem. Vejamos a pergunta, e logo abaixo o tabela com a resposta dos professores participantes.

“Quais são os pontos positivos que as TDIC's possuem e que podem ser explorados no ensino-aprendizagem de filosofia?”

Tabela 4: pontos positivos que as TDIC's possuem.

Professor 1	Ajudam a desenvolver uma rede de conexão e promove uma socialização macro, capaz de expandir novos conhecimentos tornar a capacidade de pensar mais eficiente.
Professor 2	Acesso rápido, possibilidade de multitarefa, ampla disponibilidade de informação
Professor 3	O aluno busca outras ferramentas como forma de conhecimento como youtube.
Professor 4	Uso de recursos e materiais com mais facilidade. Utilização de mídias sem muitos equipamentos
Professor 5	As TDICs podem ser exploradas dentro do processo ensino-aprendizagem a partir do momento que se usa esses instrumentos para explorar todo conhecimento de forma mais prévia e a facilidade de obter tudo em um só lugar
Professor 6	Estamos na era digital, quem é desse tempo nasce no novo mundo e nós estamos numa transição, compreender o mundo digital na educação é trazer para a escola o mundo dos alunos, de tal modo também é levar a escola para o mundo deles

Fonte: Autor, 2020.

As respostas que os professores participantes emitiram, nos parece estar de acordo com o que chamamos de “espaços de diálogos e a potencialidade” mais evidentes que as TDIC's promovem: aberta e mediadora. **O professor 1**, por exemplo, responde que as TDIC's *“ajudam a desenvolver uma rede de conexão e promove uma socialização macro, capaz de expandir novos conhecimentos tornar a capacidade de pensar mais eficiente”*. Essa rede de conexões, podemos identificar como a potencialidade chamada de *mediação*.

Lukács (2013), na *Ontologia do Ser Social II*, afirma que o homem, articula causa e o pôr teleológico, através do trabalho. Mas para que essa articulação tenha sucesso, o homem criar instrumentos, como o machado, para facilitar o alcance do pôr teleológico. Todavia, no momento que o homem cria o machado, ele cria novas possibilidades de existências sociais. Para Lukács (2013), no mesmo momento que o homem cria o machado, que nasce de uma necessidade (causa) específica, o homem também cria novas necessidades, presentes em potências no machado. Dado isso, essas TDIC's, como mediadoras, possui como existência real, mas também em potência, a possibilidade de mediar conhecimentos.

As TDIC's, como afirmamos aqui, pertencem as sociedades unidimensionais, no entanto, por causa de sua natureza ontológica, possuem potencialidades que precisam ser desenvolvidas. E nesse aspecto, essas potencialidades podem “*expandir novos conhecimentos e tornar a capacidade de pensar mais eficiente*”, como responde o **professor 1**. “El proceso total de la sociedad es un proceso causal que posee sus propias leyes, pero no una orientación objetiva a fines” (LUKÁCS, 2004, p.45).

Mas essas leis, que determinam o pôr teleológico, que foi posto por uma causalidade e articulado pelo trabalho, é operado pela consciência, como afirma Lukács (2013). E o papel dessa consciência no processo de ensino aprendizagem, aparece na fala do **professor 1**, como determinante, não as TDIC's. É possível entender, que para o **professor 1**, as TDIC's são operadas por algo, e para tanto, é possível direcioná-la, para outros fins que não os do capital.

No entanto, essa capacidade de expandir para novos conhecimentos, apontada como ponto positivo que as TDIC's possuem, pelo **professor 1** e o **professor 3** (“*O aluno busca outras ferramentas como forma de conhecimento como youtube*”), denota que as TDIC's promove o espaço de diálogo, que chamado de *aberto*. Em outras palavras, as coisas criadas pelos homens estão em constante transformação. Isso acontece, porque “a práxis como ação teórico-prática que transforma o sujeito e o objetivo, articulados por uma relação de reciprocidade” (MARTINS, 2008, p.126), é uma realidade objetiva em constante transformação.

Ou seja, é algo que pode ser explicada pela terceira lei da dialética, *mudança qualitativa*, em que a mudança não ocorre pela repetição do velho, mas pelo acúmulo quantitativo de conhecimentos, no caso das aulas de filosofia, as TDIC's, podem promover esse acúmulo pela, e assim, em um determinado momento, surge algo qualitativamente novo (GADOTTI, 1995).

Todavia, essa possibilidade do aluno buscar conhecimentos diversos, usando as TDIC's, possibilitando com que essas TDIC's produzam e desenvolva a consciência filosófica, é possível pelo fato de que a transformação das coisas acontecem, porque no interior coexistem

forças opostas que tendem de forma simultânea à oposição e a unidade (GADOTTI, 1995). Nos parece, que se as TDIC's possibilitam o acúmulo de conhecimentos, essa oposição se intensifica, porque tende a unidade. Com o uso das TDIC's, no ensino-aprendizagem de filosofia, facilitando o acúmulo de conhecimentos diversos, essa tendência à unidade e à oposição fica mais intensa, dada a dinâmica de acúmulo de conhecimentos, possibilitando, assim, a produção e o desenvolvimento da consciência filosófica.

Para o **professor 2**, os pontos positivos que as TDIC's possuem para o ensino-aprendizagem de filosofia, é porquê permitem “*acesso rápido, possibilidade de multitarefa, ampla disponibilidade de informação*”. Podemos interpretar, que o **professor 2** está se referindo a sociedade como todo, ser um conjunto de partes, intimamente ligadas entre si. Característica que pode ser explorado, pelas TDIC's, pelo fato de promoverem uma abertura e uma mediação organizada.

Nesse sentido, esse acesso rápido acontece, porque as TDIC's estão inseridas em uma estrutura para facilitar o acesso. No entanto, isso não significa necessariamente um ponto positivo, ou seja, as TDIC's são operadas por forças motrizes que não estão aparentes. Por exemplo, os interesses políticos e intelectuais, que movem o funcionamento dessas tecnologias, muitas vezes não são os mais nobres, do ponto de vista da emancipação humana possível. Marcuse (2015, p.41) alerta, “que este ordenamento tecnológico envolva também uma coordenação política e intelectual pode ser uma evolução lamentável”,

“Atualmente, o poder político afirma-se por meio de seu poder sobre os processos mecânicos e sobre a organização técnica do aparato” (MARCUSE, 2015, p.42). Obviamente, que esse poder político como força motriz por trás das TDIC's, uma vez desmascarado pelo professor consciente dos interesses de sua classe, podem ser mudados. Daí a importância de não ser ingênuo e pensar que pelo fato dessas TDIC's possibilitarem acesso rápido a conhecimentos diversos, a produção e desenvolvimento da consciência filosófica acontece naturalmente.

Nessa resposta do **professor 2**, a fala que as TDIC's são multifacetadas, é uma evidência que essas tecnologias, podem desempenhar diferentes funções, a depender dos interesses por trás dela. Por isso, o desejo é de que o ensino de filosofia, que produza e desenvolva a consciência filosófica, deve ocorrer do ponto de vista de um ensino de filosofia ideologicamente claro. Nesse sentido, “o materialismo histórico destrói toda uma série de preconceitos e de convencionalismos, de falsos deveres, de obrigações hipócritas [...]” (GRAMSCI, 1978, p.167). Ou seja, essa característica multifacetada, que as TDIC's se apresentam, não pode ser explorada,

como espaço de diálogo ou como mediação, sem que o professor tenha consciência de sua classe social, pelo contrário, seu fazer docente, fortalecerá a ordem social estabelecida.

A resposta do **professor 4**, na primeira parte, está de acordo com parte da compreensão do **professor 2**, mas traz um elemento novo, que merece nossa atenção, porque nos parece possuir uma “contradição de conhecimento de estrutura funcional”. Vejamos o que ele responde: *“uso de recursos e materiais com mais facilidade. Utilização de mídias sem muitos equipamentos”*.

Pois bem, essa nossa percepção, acontece pelo fato de que o **professor 4** afirma, que as TDIC's não demandam uma quantidade significativa de equipamentos para operar. Talvez, o professor esteja comparado as TDIC's, com as tecnologias como TV, DVD, DATA SHOW etc., nesse sentido, realmente, do ponto de vista imediato, na aparência dos fenômenos como eles se apresentam, é possível fazer tal afirmação. Porém, ela não se sustenta, depois de uma observação: a internet é um conjunto de computadores mundialmente interligados.

Se tomamos, as análises que Antunes (2018) faz, sobre a configuração do trabalho atualmente no mundo, entenderemos que a forma como os sistemas produtivos funcionam, demandam uma estrutura global de equipamentos funcionando. O trabalho remoto, acelerado pela Pandemia do Sars-Cov-2, funciona com uma estrutura de equipamentos. Por exemplo, é possível contratar um trabalhador, para operar um único equipamento, mas que para funcionar corretamente, está ligado a uma rede gigantesca de equipamento. Obviamente, que isso não é bom para a classe trabalhadora, dado a perda de posto de trabalho, precarização dos salários, exploração etc.

O fato brutal de que o poder físico (somente físico) da máquina ultrapassa aquele do indivíduo, e de qualquer grupo particular de indivíduos, faz da máquina o mais efetivo instrumento político em qualquer sociedade cuja organização básica seja aquela do processo maquinal. (MARCUSE, 2015, p.43)

As respostas dos **professores 5 e 6**, podem ser interpretadas a partir do entendimento que as TDIC's são capazes de promover os espaços de diálogos e potencialidades, no ensino de filosofia, quando apresentam o mundo como ele é ao estudante. Percebemos isso na resposta dada pelo **professor 6**. Por outro lado, a resposta do **professor 5**, se aproxima da resposta dada pelo **professor 4**.

Vejamos as repostas dadas pelos professores 5 e 6: **professor 5**: *as TDIC's 'podem ser exploradas dentro do processo ensino-aprendizagem a partir do momento que se usa esses instrumentos para explorar todo conhecimento de forma mais prévia e a facilidade de obter tudo em um só lugar'* e; **professor 6**: *“Estamos na era digital, quem é desse tempo nasce no*

novo mundo e nós estamos numa transição, compreender o mundo digital na educação é trazer para a escola o mundo dos alunos, de tal modo também é levar a escola para o mundo deles”.

O **professor 5**, destaca que esses instrumentos proporcionam o ensino-aprendizagem a partir do momento que ele explorar os conhecimentos prévios, destaca ainda, que isso é facilitado pelo fato de que essas tecnologias permitem encontrar os conhecimentos em um só lugar. Sobre a primeira parte da resposta, podemos entender que essa compreensão reflete que “a análise das partes, que foram abstraídas da totalidade, já se teve a possibilidade de conhecer as suas determinações mais simples [...]” (MARTINS, 2008, p.135). Ou seja, esses conhecimentos prévios, podem ter seus significados tornados conscientes, com o uso das TDIC’s, porque são partes da totalidade social, dado que só é possível conhecer a totalidade com o prévio conhecimento das partes.

Esses conhecimentos prévios, ao serem explorados com o uso das TDIC’s, passam a ganhar sentido na sua relação com a totalidade, já que é parte integrante dessa totalidade. Frigoto (2014) assevera, que só o marxismo é capaz, de nos dá uma visão adequada dos eventos essenciais do passado cultural. Nesse sentido, as TDIC’s podem ser usadas como mediação ou espaço de diálogo pelo marxismo, para alcançar o pôr teleológico do ensino de filosofia.

Sobre a segunda parte da resposta do **professor 5**, pensamos que já analisamos, quando analisamos a resposta do **professor 4**. Nesse sentido, resta-nos a análise da resposta dada pelo **professor 6**. A formulação da resposta, nos leva a entender aquilo que já discutimos de forma bem ampla neste trabalho: “*o mundo está em um devir permanente*”. Martins (2008), demonstra que esse devir é constante, mas que é necessário conhecer a mediação entre as partes que forma a totalidade social. Compreensão, que possui elementos na *Para a crítica da economia política* (MARX, 1974), *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* (MARX, 1974) e também na *Ideologia Alemã* (MARX, 2008).

Todavia, o **professor 5** afirma, que as TDIC’s devem “*trazer para a escola o mundo dos alunos, de tal modo também é levar a escola para o mundo deles*”. Certamente, os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC’s, possuem uma espécie de “mão dupla”, mas nada que seja novidade no universo da educação. Ou seja, constantemente vemos essa demanda de levar a escola para o mundo dos estudantes e tratar do mundo dos estudantes na escola.

Mas a novidade, neste caso, é que os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC’s, tornam isso, de certa forma, inevitável. No entanto, isso não significa algo positivo em si mesmo. Marcuse (2015) fala, de um novo mundo do trabalho tecnológico, que enfraquece as oposições. Esse enfraquecimento acontece, principalmente, pelo controle que

os aparatos tecnológicos estabeleceram na sociedade. Assim, esse mundo uma vez que é trazido para dentro da casa do estudante, deve ser apresentado de forma consciente pelo professor.

Por fim, temos a última pergunta que foi feita aos **professores participantes**: *Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?* A ideia era saber se há elementos, nas TDIC's, que podem prejudicar o ensino-aprendizagem de filosofia. Vejamos na tabela abaixo, as respostas dadas pelos professores.

Tabela 5: pontos negativos do uso das TDIC's.

Professor 1	Muitos alunos não tem acesso à internet e/ou não possuem equipamentos para acessarem as plataformas. Isso amplia as desigualdades no acesso à educação, uma vem que nem todos tem como participar das aulas.
Professor 2	Se a escola não está preparada para a época em que se vive, toda TDIC será uma interrogação
Professor 3	superficialidade, imediatismo, sobrecarga cognitiva
Professor 4	A inércia de encontrar tudo com facilidade e com isso, os indivíduos não terem mais a curiosidade de buscar o conhecimento através da leitura.
Professor 5	Exclusão social e falta de interação social
Professor 6	A falta de ética e do respeito a privacidade do outro, causando conflitos existências e socias.

Fonte: autor, 2020.

Dado esse último questionamento, que fecha essa nossa tentativa de compreender se os espaços de diálogos e as potencialidades promovidos pelas TDIC's, promovem o desenvolvimento da consciência filosófica, percebemos nas respostas de dois professores, os **professores 1 e 2**, de que o ponto que dificulta o ensino-aprendizagem de filosofia, com o uso das TDIC's, é sobretudo a questão estrutura e disponibilidade de meios para que essas tecnologias sejam usadas.

Obviamente já esperávamos isso, pelo próprio contexto socioeconômico das escolas de que os professores atuam estão inseridas, mas o ponto curioso é que apenas dois, dos seis professores indicaram essa dificuldade, apesar de termos na resposta do **professor 5**, o apontamento que essas TDIC's geram exclusão social.

Essa situação faz parte de um fenômeno bem amplo, que engloba a precarização do trabalho, mas que tem como força motriz os interesses do capital. Marx (2008) afirma, que o

trabalho é a atividade vital da existência humana. No entanto, essa atividade foi subvertida, para que o capital continue a manter seus domínios. Dada situação, se mantém fortalecida, porque a essência estrutural da mercadoria é constituída “[...] no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa [...]” (LUKÁCS, 2003, p.194).

Antunes (2018) destaca, que o trabalho emancipa e aliena, liberta e aprisiona, humaniza e sujeita. Esse fato, da falta de estrutura de funcionamento das TDIC’s, que aparenta está em contradição com os interesses do capital, faz parte do projeto de precarização do trabalho. Para Antunes (2018), as TIC’s, que conectam, pelos celulares, as mais distintas formas de trabalho, criam um proletário de serviços, o que ele chama de *escravidão digital*. Situação que corrobora a fala dos professores.

Isso ocorre, porque há uma intensa substituição do trabalho humano pelo maquinário, possibilitando a existência de uma multidão *inválidos*. O interesse do capital é o lucro, e uma máquina pode fazer o trabalho de milhares de trabalhadores, em um período específico. Cria-se uma estrutura, que justifique que alguns trabalhadores não tenham acesso ao mundo do trabalho. E como vemos, começa na escola, na falta de estrutura.

Por isso que Mészáros (2008) afirma, que as reformas que se vêem, proposta pelo capital, são apenas superficiais, não se ocupam da regra geral. Frigotto (2014) afirma, que o capital, apresenta-se com novas faces, mas que a regra geral permanece a mesma, assim,

[...] o desafio da consciência ou do pensamento é o de transcender o mundo fenomênico imediatamente perceptível, ou as visões mistificadas da ideologia burguesa, e apreender as mediações e/ou as determinações que estão trazendo mudanças na forma social que hoje assume o capital [...] (FRIGOTTO, 2014, p.40)

As respostas dadas pelos **professores 3, 4** e a segunda parte, da reposta do **professor 5**, afirmam que as TDIC’s possuem, como pontos negativos, a “*superficialidade, imediatismo, sobrecarga cognitiva; a inércia de encontrar tudo com facilidade e com isso, os indivíduos não terem mais a curiosidade de buscar o conhecimento através da leitura*”;... “*falta de interação social*”.

Esses pontos, evidência o quanto as análises de Marcuse (2013), sobre a racionalidade tecnologia, que gerencia as sociedades unidimensionais, não são puras especulações teóricas. A realidade tecnologia, afirma Marcuse (2013), mina todas as forças de existência humana. Invalida a vida na sua dinâmica complexa, impede que o homem exerça sua capacidade de criação, em um processo livre e dinâmico.

Para Antunes (2018), a degradação do trabalho na era do trabalho digital, esconde uma realidade perversa, a da exploração ainda mais intensa do capital. Mas as tecnologias digitais, com sua aparente superficialidade e imediatismo, impõem uma dinâmica mundana

que sobrecarrega a todos. Antunes (2018), logo na primeira parte de seu livro *Privilégio da Servidão: o novo proletariado de Serviço na era digital*, lembra que os smartphones, para serem produzidos, precisam de mineiro. Nas minas está presente o trabalho que mutila e mata fisicamente, mas os smartphones, nos apresentam um mundo sem ‘exploração, com oportunidade para todos, felicidade nas palmas das mãos’.

Marcuse (2015) lembra, que as sociedades unidimensionais, possuem um universo totalizante, uma apatia, um certo conformismo, uma sensação de segurança. Essa estrutura social sobrecarrega o pensamento, que opera segundo a lógica totalizante. Marcuse (2015) ainda nos lembra, que as falsas necessidades nos guiam, aprisionam nossos desejos, mas o mundo digital, com sua superficialidade, conseguiu organizar as necessidades que mais convém ao capital.

Ler por quê, se podemos encontrar tudo pronto? As máquinas, assim as TDIC’s nos apresentam o mundo, vão fazer tudo por nós, por isso precisamos ler apenas o necessário. Antunes (2018), destaca que nas últimas décadas do século XX, floresceu muito mitos do trabalho. Acreditava-se que as TIC’s, proporcionariam uma era da felicidade, o capital só precisa de novas máquinas, supercomputadores capazes de fazer o trabalho humano e, o trabalho como *tripalium*, desapareceriam e, enfim, teríamos tempo para viver o ócio. E com o universo totalizante, descrito por Marcuse (2015), a curiosidade foi morta. Impossível ser curioso em um mundo, em que apresentam tudo pronto a você.

A internet das coisas promete nos deixar, ainda mais, preso a falta de curiosidade, a superficialidade como as coisas se apresenta, dificultando ainda mais a interação entre as pessoas. Para Marcuse (2015, p.66) “[...] os próprios administradores e organizadores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram”. É uma dialética, destaca Marcuse (2015, p.66), como “[...] é um círculo vicioso que encerra tanto o senhor quanto o escravo”.

O **professor 5**, diz que os pontos negativos do uso das TDIC’s no ensino de filosofia, são “a falta de ética e do respeito a privacidade do outro, causando conflitos existências e sociais”. Pois bem, é relevante deixar claro, que as TDIC’s, servem a um propósito: gerar lucro. Na perspectiva do materialismo histórico dialético, o lucro não possui ética. Marcuse (2015), demonstra que a racionalidade tecnológica, gerencia todas as dimensões da vida social, e por isso, não podemos mais falar de privacidade.

As TDIC’s causam conflitos existenciais, porque fazem parte de um “universo racional que, pelos simples peso e capacidade de seu aparato, bloqueia toda fuga” (MARCUSE, 2015, p.97) para uma ordem social diversa da existência humana. Taís

conflitos, que emergem do uso dessas tecnologias, corroboram a existência de uma racionalidade tecnológica totalizante. Essa racionalidade totalizante promete felicidade, através de necessidades utilitaristas, mas na prática, percebemos que não passa de uma felicidade vazia, porquê está ancorada em necessidades superficiais, que quando satisfeitas, geram outras.

Chegamos ao momento em que a comercialização dos modos de vida não mais encontra resistência estruturais, culturais e nem ideológicas, e em que as esferas da vida social e individual se reorganizam em função da lógica do consumo (LIPOVESTSKY, 2004, p.31). Com isso, os valores são os valores do mercado, a vida privada, fica restrito aos valores das sociedades do consumo, causando assim conflitos existenciais, em que adequar-se a ordem estabelecida, proporciona crises e angústias.

O fato é que as TDIC's, não operam sozinhas. Elas precisam de intencionalidades externas, até porque, ainda não foi criar uma inteligência artificial capaz de autorregular-se. Todavia, essas TDIC's, operam segundo a lógica do mercado, por isso, serve ao deus capital. Tal situação, possibilita entendermos que elas, por serem meios de produção, podem utilizadas para diferentes fins, mas é sempre importante lembrar, que elas possuem uma estrutura própria, situação que implica o alcance de seus fins e dos fins da consciência que põe o pôr teleológico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao longo desta investigação, procuramos saber se os espaços de diálogos e as potencialidades promovidos pelas TDIC's, contribuem para a produção e desenvolvimento da consciência filosófica. Obtivemos alguns elementos importantes, que podemos afirmar, que é possível produzir e desenvolver a consciência filosófica com esses espaços de diálogos e essas potencialidades promovidas pelas TDIC's.

Mais para que isso aconteça, a coleta dos dados nos revelou, que quaisquer tentativas de produzir e desenvolver a consciência filosófica, deve acontecer a partir da compreensão de que o ensino de filosofia tem que levar o estudante a interpretar e transformar o mundo. Com isso, o ensino de filosofia terá que ser capaz de elaborar conceitos e ideias que interpretem o mundo, para em seguida transformar o mundo, sem deixar de lado a compreensão de que a teoria nas da prática social e não a prática social da teoria. Ou seja, a filosofia tem origem na prática social do homem que produz a si mesmo e o social.

Esse resultado, não foi um consenso entre os professores participante, até porque nem todos falaram em transformar o mundo. Um professor, inclusive, afirma que a filosofia é pragmática¹⁵, mesmo que no conjunto das respostas desse professor, é possível entender que para ele a filosofia deva transformar o mundo.

Um dado que chamou atenção, é que alguns professores possuem a crença, de que basta ter contato com os conhecimentos filosóficos e, compreendê-los, que o pensamento crítico será desenvolvido, e com isso, o mundo será transformado, independente da ferramenta que é utilizada para seu ensino ou da consciência de sua classe social, por exemplo.

Notamos, também, durante a investigação, que as experiências e os conhecimentos prévios dos estudantes, devem ser lavados em conta no ensino de filosofia com o uso das TDIC's. Esse dado, nos permitiu compreender, que independente do conhecimento filosófico a ser estudado, as experiências e os conhecimentos prévios do discente é determinante no ensino de filosofia.

Os dados coletados, nos permitem concluir, que o professor de filosofia, quando for usar as TDIC's em suas aulas, deve ser consciente das forças motrizes que movem sua prática pedagógica, além de ser consciente da origem das TDIC's. Mas não só isso, ele deve estar ciente

¹⁵ é importante ressaltar, pelo conjunto de resposta desse professor, que ele deve ter se referido no sentido de que o pragmatismo deve solucionar problemas da vida humana.

de sua prática pedagógica e da teoria pedagógica que fundamenta sua prática. Por isso, as respostas que os professores participantes da pesquisa nos apresentaram, demonstrou que o uso das TDIC's, no ensino de filosofia, deve ser um ato consciente das intencionalidades subjetivas que determinam os objetivos do ensino.

Com esse diagnóstico, percebemos que o ensino de filosofia possui uma causa, que determina o pôr teleológico e que é posto em prática pela consciência. Assim, a investigação nos revelou que as TDIC's, ao serem usadas pelo professor que possuem consciência de sua prática pedagógica e da teoria educacional que fundamenta sua prática, podem contribuir para interpretações do mundo e criar possibilidades de transformação da realidade. Sem essa configuração, o fazer docente poderá fortalecer a ordem social estabelecida.

Dessa forma, percebe-se que as TDIC's possuem alguns pontos positivos, segundo a investigação: promove a expansão do diálogo, são multifacetadas, facilita a disponibilidades de informações, possibilita que os conhecimentos prévios sejam relacionados com o todo, leva o mundo dos alunos para a escola e as escolas para o mundo dos alunos.

Por outro lado, segundo os dados coletados, a falta de estrutura de funcionamento, aparente superficialidade, imediatismo, sobrecarga cognitiva por parte do professor e aluno, são pontos negativos no uso das TDIC's, no ensino de filosofia. Além disso, segundo a investigação, o uso das TDIC's pode prejudicar o desenvolvimento da capacidade criativa, pois simplifica muito os conhecimentos estudados.

Ainda sobre esses pontos negativos, o uso das as TDIC's no ensino de filosofia, prejudica o ensino, porque trás quase tudo pronto, organizado com base em necessidades superficiais, dificulta a curiosidade e possui muita repetição. A investigação, também revelou que o uso das TDIC's, entra em conflito com questões éticas do ensino – os dados não revelaram quais questões -, assim como a diminuição da privacidade.

No final das contas, o desenvolvimento e a produção da consciência filosófica, depende da causa que determina o pôr teleológico, sendo que é a consciência quem põe o pôr teleológico. No contexto do uso das TDIC's no ensino de filosofia, a consciência filosófica só é produzida e desenvolvida se os espaços de diálogos e as potencialidades promovidas pelas TDIC's possibilitarem com que o professor, que é consciente de sua classe social, que conhece a causa que determinou o pôr teleológico, que é ciente dos interesses de sua classe social, que está ciente de sua prática pedagógica e da teoria de educação que fundamenta seu fazer pedagógico, desenvolva uma prática com o uso das TDIC's capaz de promover acúmulo quantitativo de conhecimentos, que em algum momento, permitirá um salto qualitativamente diferente em direção a consciência filosófica.

No entanto, o ensino de filosofia só desenvolve a consciência filosófica, com o uso das TDIC's, além das características já citadas, se o ensino de filosofia estiver de acordo com a ideologia da classe trabalhadora. Isto é, a consciência filosófica tratada aqui, não é uma condição psicológica, ou um estado de espírito que se faz presente em todas as classes, é uma condição que gera ação transformadora social. É um estado psicológico que toma consciência da condição social do trabalhador. É um estado psicológico que está condiciona a ação, pois não ver sua condição dissociado da prática social. A consciência filosófica não aceita a ordem social estabelecida, pois é uma ordem social injusta, que explora os trabalhadores.

A consciência filosófica é capaz de desenvolver de forma superior uma racionalidade criativa, que expanda o diálogo para além dos interesses do capital, promovendo a aquisição de novos conhecimentos e, sobretudo, que o pensamento seja desenvolvido para que seja capaz de captar toda a realidade.

REFERÊNCIAS.

ANTUNES, Ricardo (org.). **A DIALÉTICA DO TRABALHADOR: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: expressão POPULAR, 2013.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CESCATO, Maria Clara. Teoria e Filosofia: a dialética da modernidade. In_: BUENO, Sinésio Ferraz (org.). **Teoria Crítica e Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CIAVATTA, Maria. **O CONHECIMENTO HISTÓRICO E O PROBLEMA TEÓRICO METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES**. In_: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org.). **teoria e Educação no Labirinto do Capital**. São Paulo: expressão POPULAR, 2014. pp.191-229.

CIAVATTA, Maria (org.). **teoria e Educação no Labirinto do Capital**. São Paulo: expressão POPULAR, 2014. pp.29-69.

CUPANI, Alberto. **FILOSOFIA DA TECNOLOGIA: Um convite**. Florianópolis: editora ufsc, 2013.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE. São Paulo: Paulus, 2006.

ENGELS, Friedrich. **A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO**. São Paulo: expressão POPULAR, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **AS NOVAS E VELHAS FACES DA CRISE DO CAPITAL E DO LABIRINTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS**. In_: FRIGOT, Gaudêncio;

GADOTTI, Moacir. **CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA EDUCAÇÃO: um estudo introdutório**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GIOVINAZZO JUNIOR, Carlos Giovinazzo. Filosofia e revolução na perspectiva do marxismo de Herbert Marcuse. In_: BUENO, Sinésio Ferraz (org.). **Teoria Crítica e Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HEGEL, George Wilhelm Froedrich. **A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO E OUTROS ESCRITOS**. São Paulo: abril cultural, 1974.

KANT, Immanuel. **CRÍTICA DA RAZÃO PURA**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

LESSA, Sérgio. **PARA COMPREENDER A ONTOLOGIA DE LUKÁCS**. Ijuí: Unijuí, 2007.

_____. **MUNDO DOS HOMENS: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo, 2002.

LUKÁCS, György. **Ontología del ser social: el trabalho**. Bueno Aires: Herramienta, 2004.

_____. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **OS TEMPOS HIPERMODERNOS**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MANACORDA, Mario Alighiero. **MARX E A PEDAGOGIA MODERNA**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

MARCUSE, Herbet. **O HOMEM UNIDIMENSIONAL**. São Paulo: edipro, 2015.

MARX, Karl. **MANUSCRITOS ECONÔMICOS-FILOSÓFICOS E OUTROS TEXTOS ESCOLHIDOS**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. Grundrisse. **Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011

_____. **O CAPITAL**. Edição resumida por Julian BORHARDT. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

MARX, Karl; ENGELS, Friedch. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: escala, 2007.

MEIRELES DE DEUS, Adélia ; CUNHA, Djanira do Espírito Santo Lopes; MACIEL, Emanoela Moreira. **Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia**.

MÉSZÁROS, István. **A educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**.

OLIVEIRA, Robespierre. Globalização e tecnologia: a sociedade unidimensional e o processo de “des-educação”. In__ : BUENO, Sinésio Ferraz (org.). **Teoria Crítica e Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **NASCIDOS NA ERA DIGITAL: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PRADO, ELEUTÉRIO F. S. **Uma Nova Fase do Capitalismou um Novo Modo de Produção?**. REVISTA OUTUBRO, N. 1, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-13-Artigo-03.pdf>>. acesso em: 22 de Set. de 2019.

RANIERI, Jesus. **DA PRODUÇÃO DO CHAMADO “JOVEM MARX”: manuscritos econômico-filosóficos**. In__ : OUTUBRO: Revista do Instituto de Estudos Socialistas. n.14, São Paulo: alameda, 2006.

RECH, Pedro Eloi. O Brasil sob a globalização e o capitalismo. IN__: ORSO, Paulino José; Et al. **Sociedade capitalista, educação e as lutas dos trabalhadores**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

SÁ, Alexandre Franco de. **Heidegger e a política da diferença ontológica**. Revista O que nos faz pensar. nº36. Março de 2015. Universidade de Coimbra. Disponível em:<http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_36_6_alexandre_franco_de_sa.pdf>. Acesso 15/08/2019

SANSON, Cesar. As novas configurações do trabalho em tempos de mundialização do Capital. In__: ORSO, Paulino José; Et al. **Sociedade capitalista, educação e as lutas dos trabalhadores**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

SCHALLENBERGER, Ernado. A Ciência e a Tecnologia na organização do espaço como instrumento de poder. IN__: ORSO, Paulino José; Et al. **Sociedade capitalista, educação e as lutas dos trabalhadores**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **FILOSOFIA E CIRCUNSTÂNCIAS**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

REALI, Gionanni; ANTISIRI, Dario. **HISTÓRIA DA FILOSOFIA: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Vol. 6. São Paulo: Paulus, 2006.

PLATÃO. **A REPÚBLICA**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

ANEXOS

ANEXO A: Questionário - Professor 1.

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

fla26@hotmail.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *

☒ Sim

☐ Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

Filosofia

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2010

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

Iesma

4. Há quantos anos você é professor (a)?

26

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

São Luis

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

Cejol

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☐ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☒ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☐ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☒ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TDIC's?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDIC's nas suas aulas?

- ☐ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☐ entre 2 e 3 anos.
- ☒ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDIC's você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☐ Google Forms
- ☐ Google Classroom
- ☒ Google Meet
- ☐ Zoom
- ☐ WhatsApp
- ☐ Youtube
- ☐ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação etc.), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve

está de acordo com a XI Tese contra Feurbach de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

A filosofia deve ser conceitual e pragmática.

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDIC's, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDIC's?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

A partir das ferramentas tecnologias nós podemos fazer novas interpretações e portanto criar novas possibilidades de transformação.

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

Ajudam a desenvolver uma rede de conexão e promove uma socialização macro, capaz de expandir novos conhecimentos tornar a capacidade de pensar mais eficiente.

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

A falta de ética e do respeito a privacidade do outro, causando conflitos existências e sociais.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO B: Questionário – Professor 2

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

adrianojosefilosofia@gmail.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *

☒ Sim

☐ Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

Graduado em Filosofia

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2009

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

IESMA

4. Há quantos anos você é professor (a)?

10 ANOS

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

CARUTAPERA

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

CENTRO DE ENSINO DR TARQUINIO LOPES FILHO

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☒ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☐ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☒ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☐ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TDIC?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDICs nas suas aulas?

- ☐ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☐ entre 2 e 3 anos.
- ☒ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDIC's você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☒ Google Forms
- ☒ Google Classroom
- ☐ Google Meet
- ☐ Zoom
- ☒ WhatsApp
- ☒ Youtube
- ☐ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação etc.), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve

está de acordo com a XI Tese contra Feurbach de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

A filosofia deve ser a promotora de novas visões, como afirmava Sócrates, o parir novas ideias deve ser uma constante para esta área de conhecimento.

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDIC's, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDIC's?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

A tecnologia é apenas instrumento e como tal o sentido e significado produzido por ele é subjetivo. Assim, cabe ao professor de filosofia que utiliza as tecnologias em suas aulas ser o responsável por essa transposição didática.

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

Acesso rapido, possibilidade de multitarefa, ampla disponibilidade de informação

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

superficialidade, imediatismo, sobrecarga cognitiva

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO C: questionário – Professor 3

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

danielauniversitaria@hotmail.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *

☒ Sim

☐ Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

Filosofia

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2012

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

UFMA

4. Há quantos anos você é professor (a)?

8 anos

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

São Luís

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

Centro Educa Mia João Francisco Lisboa

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☒ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☐ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☒ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☐ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TDIC's?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDIC's nas suas aulas?

- ☒ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☐ entre 2 e 3 anos.
- ☐ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDIC's você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☐ Google Forms
- ☒ Google Classroom
- ☒ Google Meet
- ☐ Zoom
- ☒ WhatsApp
- ☒ Youtube
- ☐ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

Sim muitos alunos conseguem chegar a pensar por si próprio, ou seja, alunos críticos.

trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve está de acordo com a XI Tese contra Feurbarch de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

A filosofia faz com que as pessoas se questionem sobre determinadas coisas. Pessoas esclarecidas são uma condição necessária para a transformação do mundo.

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDICs, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDICs?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

O aluno busca outras ferramentas como forma de conhecimento como youtube.

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

Exclusão social e falta de interação social

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS D: questionário – professor 4

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

jose.almada76@hotmail.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *

☒ Sim

☐ Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

FILOSOFIA

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2010

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

UFMA

4. Há quantos anos você é professor (a)?

10 anos

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

São Luís

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

Centro de Educa Mais João Francisco Lisboa

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☒ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☐ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☒ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☐ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TDIC?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDICs nas suas aulas?

- ☐ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☐ entre 2 e 3 anos.
- ☒ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDICs você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☒ Google Forms
- ☒ Google Classroom
- ☒ Google Meet
- ☐ Zoom
- ☒ WhatsApp
- ☒ Youtube
- ☒ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação etc.), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve

está de acordo com a XI Tese contra Feurbach de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

Entendo que o fim último do fazer filosófico não é apenas criação de conceitos e redação de texto. Estes são apenas meios para atingirmos o fim, que é a transformação do mundo.

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDICs, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDICs?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

Entendo não importa a plataforma digital, não importa se à distância ou presencial. Não importa se em um jardim, na praça ou caminhando entre árvores. A questão da criação de uma consciência filosófica não depende do meio utilizado ou do lugar, e sim do usso que é feito desse meio e desse lugar.

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

Uso de recursos e materiais com mais facilidade. Utilização de mídias sem muitos equipamentos

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

Muitos alunos não tem acesso à internet e/ou não possuem equipamentos para acessarem as plataformas. Isso amplia as desigualdades no acesso à educação, uma vem que nem todos tem como participar das aulas.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS E: questionário – professor 5.

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

jnosle@outlook.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *



Sim



Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

Superior completo

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2012

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

IESMA

4. Há quantos anos você é professor (a)?

7

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

Carutapera - Ma

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

Unidade Rural de 1 Grau Doralice Dourado

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☒ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☐ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☒ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☐ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TDIC?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDICs nas suas aulas?

- ☐ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☒ entre 2 e 3 anos.
- ☐ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDICs você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☒ Google Forms
- ☐ Google Classroom
- ☒ Google Meet
- ☒ Zoom
- ☒ WhatsApp
- ☐ Youtube
- ☒ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve

está de acordo com a XI Tese contra Feurbach de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

A Filosofia deve ter como papel preponderante o desenvolvimento crítico daqueles que estão em contato com a mesma. E esse desenvolver deve ir além da puramente interpretação, mas sim a partir daí, ir de encontro com a transformação daquilo que é posto como barreira para a autonomia do ser humano

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDICs, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDICs?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

O uso das TDIC's dentro das escolas se tornou primordial na sociedade contemporânea. Penso que com a ajuda da mesma e de uma Filosofia realmente emancipadora, sejamos capazes de ir além da interpretação e chegar à transformação da nossa sociedade.

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

As TDICs podem ser exploradas dentro do processo ensino-aprendizagem a partir do momento que se usa esses instrumentos para explorar todo conhecimento de forma mais prévia e a facilidade de obter tudo em um só lugar

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

A inércia de encontrar tudo com facilidade e com isso, os indivíduos não terem mais a curiosidade de buscar o conhecimento através da leitura.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS F: questionário – professor 6

PESQUISA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - UFMA

Endereço de e-mail *

amorim.jean.amorim@gmail.com

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação JOEZILTON SILVA SODRÉ, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail joezilton@yahoo.com.br e pelos telefones (98) 981717334 e (98) 988530961. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). ANGELO RODRIGO BIANCHINI, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail: ar.bianchini@ufma.br. Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes e entrevistas por meio de perguntas discursivas e objetivas através de questionário online) professores(as), às Escolas (CE João Francisco Lisboa Cejol, localizado na Capital Maranhense, São Luís e, Centro de Ensino Dr Tarquinio Lopes Filho, localizada na Cidade de Carutapera Maranhão), visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “AS TDIC COMO MEIOS DE PRODUÇÃO E A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA: Um Estudo de Caso.”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, por meio de um questionário online, disponível na TDIC Google Forms, onde serão solicitadas informações sobre minha formação acadêmica, sobre o local que trabalho como professor, sobre minha experiência profissional e sobre minha experiência profissional com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que tem como objetivo mensurar de forma qualitativa e quantitativa se as TDIC’s contribui ou não para o desenvolvimento da consciência filosófica (consciência filosófica é: "interpretar o mundo e guiar para uma transformação da ordem social estabelecida), que será salva em arquivo on-line e transcrita. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos participantes e assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. *

☒ Sim

☐ Não

1. Qual é sua formação acadêmica.

Pos lato sensu

2. Qual o ano de sua colação de grau?

2010

3. Qual a instituição você curso sua graduação?

IESMA

4. Há quantos anos você é professor (a)?

8

5. Qual a Cidade e Estado está localizada a escola que você trabalha?

CARUTAPERA/ MARANHAO

6. Qual ou quais escolas você trabalha como professor (a) atualmente?

CE Tarquínio Lopes Filho, UI Moacir Heráclito dos Remédios

7. Sua escola fica em área urbana capital ou rural?



Urbana



Rural.

8. Sua escola está localizada na sede ou no interior de sua cidade?

- ☒ Sede
- ☐ interior.

9. Sua escola é pública ou privada?

- ☐ Privada
- ☒ Publica
- ☐ outro.

10. Você possui conexão com internet em sua residência? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

11. Se você respondeu SIM, na questão na anterior, responda qual é o tipo de conexão de internet você possui em sua residência? *

- ☐ Discada
- ☒ Wifi
- ☐ Dados moveis
- ☐ Dados moveis e Wifi
- ☐ Discada e dados moveis
- ☐ outro.

12. A escola que você trabalha, possui conexão com a internet?

- ☒ Sim
- ☐ Não

13. Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda qual tipo de conexão à internet sua escola possui.

- ☒ Wifi.
- ☐ Discada
- ☐ Dados moveis.
- ☐ Dados moveis e discada.
- ☐ Wifi e dados moveis.
- ☐ outro.

14. Antes desta pesquisa, você já tinha ouvido falar em TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TDIC's?

- ☒ Sim
- ☐ Não

15. Você usa alguma TDIC atualmente em suas aulas?

- ☒ Sim
- ☐ Não

16. A quanto tempo você faz uso das TDIC's nas suas aulas?

- ☐ Menos de 1 ano.
- ☐ Entre 1 e 2 anos.
- ☐ entre 2 e 3 anos.
- ☒ Mais de 3 anos.
- ☐ Nunca usei.
- ☐ Não sei.

17. Das opções abaixo, quais TDIC's você usa nas suas aulas?*

- ☐ Canva
- ☐ Google Forms
- ☐ Google Classroom
- ☒ Google Meet
- ☐ Zoom
- ☒ WhatsApp
- ☒ Youtube
- ☐ Instagram
- ☐ outros

18. A consciência filosófica é aquela que "capta os conteúdos da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc.), assim como suas manifestações, particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos" (VÁZQUEZ, 1997, p.15). Em resumo, a consciência filosófica é aquela que deve

está de acordo com a XI Tese contra Feurbach de Marx, em que ele afirma que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo". Você como professor de filosofia, você concorda que o ensino de filosofia deva ter como objetivo levar aluno a interpretar e transformar o mundo?

sim

Não

19. Justifique sua resposta, à questão anterior.

Toda pessoa que tem contato vom filosofia e a compreende ja mudou a se mesmo, logo mudou a forma de vê o mundo, por tanto ela não é mas passível de aceitação do mundo tal qual se apresenta, essa pessoa por sua vez buscará não somente para si, mas para seus iguais condições que os tornem melhores no que são em si.

20. Partindo do princípio que a filosofia deve "interpretar e transforma o mundo", e de sua experiência profissional em educação, com o uso das TDIC's, você percebe se há possibilidade de produzir (no sentido de produzir algo novo a partir de algo já existente, mas que é distinto. No caso da consciência, produzir a consciência filosófica a partir da consciência comum, que é aquele tipo de consciência que ver a realidade imediata como real e verdadeira) a consciência filosófica com o uso das TDIC's?

☒ sim

☐ Não

☐ talvez

21. Justifique sua última resposta à questão anterior.

Diferente do postulado de John Locke, não somos uma tabula rasa, temos experiências cotidianas descritas por nossa cultura, assim ao apresentar a filosofia ou ao levarmos os alunos a uma consciência filosófica partimos do pressuposto da ideia q permeia sua vivência diária, de tal modo não se deve subjugar o saber não metódico do aluno, mas fazê-lo instigar o que julgar saber para aprofundar suas ideias

22. Quais são os pontos positivos que as TDICs possuem e que podem ser explorado no ensino-aprendizagem de filosofia?

Estamos na era digital, quem é desse tempo nasce no novo mundo e nós estamos numa transição, compreender o mundo digital na educação é trazer para a escola o mundo dos alunos, de tal modo também é levar a escola para o mundo deles

23. Quais são os pontos negativos que as TDICs possuem, que não contribuem com o ensino-aprendizagem de filosofia?

Se a escola não está preparada para a época em que se vive, toda TDIC será uma interrogação

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google

Formulários